



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARÍLIA MEZZOMO RODRIGUES

FILHO DE TIGRE SAI PINTADO

Medicina, hereditariedade e identidade nacional
em textos de Erico Verissimo

FLORIANÓPOLIS

2009

MARÍLIA MEZZOMO RODRIGUES

FILHO DE TIGRE SAI PINTADO

Medicina, hereditariedade e identidade nacional
em textos de Erico Verissimo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial para a obtenção do
título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Luís Duarte

FLORIANÓPOLIS

2009

RODRIGUES, Marília Mezzomo, 1969-

Filho de tigre sai pintado : medicina, hereditariedade e identidade nacional em textos de Erico Verissimo / Marília Mezzomo Rodrigues. – 2009.

187 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Adriano Luiz Duarte

Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em História, 2009.

1. Erico Verissimo. 2. Sanitarismo. 3. Eugenia. 4. Estado Novo. I. Duarte, Adriano Luiz. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Pós-Graduação em História. III. Filho de tigre sai pintado.

**FILHO DE TIGRE SAI PINTADO: medicina,
hereditariedade e identidade nacional em
textos de Érico Veríssimo**

MARÍLIA MEZZOMO RODRIGUES

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para
obtenção do título de

DOUTOR EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora

Dr. Adriano Luiz Duarte - Orientador e Presidente –
UFSC

Dr. Luís Gonçales Bueno de Camargo – UFPR

Dr. Cláudio DeNipoti – UEPG

Dra. Maria Teresa Santos Cunha – UDESC

Dr. Alexandre Busko Valim – UFSC

Dr. Henrique Espada R L Filho – suplente – UFSC

Dra. Márcia Ramos de Oliveira – suplente – UDESC

Profª. Drª. Cristina Scheibe Wolff
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 21 de outubro de 2009

Perder o grande amigo é como perder o próprio *backup* do mundo.

Esta tese é dedicada a
Jair Henrique Miranda Ratton
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Adriano Luís Duarte, que compreendeu a ideia deste trabalho e apostou em sua realização, com a seriedade e a competência que lhe são próprios. Além da orientação, agradeço por todas as discussões, conversas e pelo apoio constante.

Ao Professor Ruy Miranda, pelas entrevistas sobre sua atividade desde os anos 1930, quando dirigiu o Leprosário São Roque (PR). Atualmente à frente da Fundação Pró-Hansen, em Curitiba, ainda busca um espaço para o precioso acervo de fotos, obras raras e objetos que organizou em mais de 70 anos de atuação profissional.

À Profa. Dra. Beatriz Mamigonian, que sugeriu direções e orientações apropriadas, além da ajuda preciosa no processo de mudança de orientação.

Ao Prof. Dr. Henrique Espada e ao Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado, pela participação na banca de qualificação e pelo auxílio quando da mudança de orientação; à Prof. Dra. Ana Lise Brancher, pela participação na banca de qualificação.

À Prof. Dra. Renata Palandri Sigolo, pelo estímulo para que eu realizasse o doutorado na UFSC e pelo apoio para tanto.

À Nazaré Wagner, secretária da Pós-Graduação em História, presente de forma atenciosa durante todo o curso.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudos por dois anos.

A todos os colegas da pós-graduação com quem convivi neste tempo.

A Ivone Mezzomo Rodrigues, Carolina Mezzomo Rodrigues e Silvério Rodrigues; Izabel Mezzomo Rodrigues Klemz, Roberto Klemz e Bruno Mezzomo Rodrigues Klemz; Sylviane Rojo e Nito Rojo pelo apoio, carinho e incentivo.

A D. Zéa Miranda Ratton, Karina Miranda Ratton, Giselle Ratton Silva e Joel Alencar, por todo apoio e carinho.

À *nova geração*, os amigos da UFSC que chegaram nos últimos anos: Marilane Machado, Giovanny Noceti, Daniel Boeira, Daniely Wendland, Rafael Pereira, Caroline Cubas, Tina Franchi, Rafael Cunha, Marco Antônio F. de Souza.

Aos meus amigos da *velha guarda*, que participam de meus projetos – acadêmicos e de vida – desde sempre: Francisco Skorupa, Elizabete Berberi, Cláudio DeNipoti, Simone Bichara-Desecki, Jacek Desecki, Christian Michaud, Marcos Baldissera, Valdelize Silveira.

A Alain Bernard Rojo, meu querido amor, companheiro, marido, com quem compartilho a vida, as ideias e os sonhos.

RESUMO

Neste trabalho, busquei compreender de que forma os textos de Erico Verissimo da década de 1930 dialogaram com temas então correntes das medicinas higienista e eugenista, das quais tradicionalmente se enfatizam os aspectos autoritários e sua vinculação ao Estado Novo. O autor, que foi um dos primeiros no país a poder viver da venda de seus livros, utilizou premissas médicas para apontar soluções a arbitrariedades e desequilíbrios sociais em seus textos, assim como uma profusão de imagens de decomposição, degeneração, decadência física e do meio. Nestes livros de Verissimo, o oposto da doença (física e social), mais que a saúde, parece ser a medicina, representada por profissionais emblemáticos. A preocupação com a educação higiênica também esteve presente em romances e nos livros para crianças que produziu. Uma aparente contradição se apresenta, pois o autor sempre se destacou pela crítica à arbitrariedade e ao autoritarismo; foi convocado para explicações sobre seus livros no DOPS, por suspeita de comunismo, assim como foi alvo da crítica católica, que considerava seus textos obscenos. Nesse sentido, abordei o debate sobre as adesões de artistas e intelectuais a projetos governamentais na era Vargas, entendendo que suas motivações foram variadas. Da mesma forma, tratei do destaque dado a saúde – desde as campanhas higienistas –, educação e literatura na construção da identidade nacional no período, convergindo na preocupação com o futuro das novas gerações. Premissas filosóficas e científicas do século 19 e a literatura naturalista de Émile Zola também foram analisadas, uma vez que abriram um espaço definitivo para a compreensão do mundo e da intervenção social, essenciais às elaborações científicas e artísticas das primeiras décadas do século 20.

Palavras-chave: Erico Verissimo; Estado Novo; literatura; sanitarianismo; eugenia; organismo social; naturalismo.

ABSTRACT

In the present work, the author endeavoured to understand the ways in which the works of 1930's decade writer Erico Verissimo conversed with the then current concepts of hygienist- and eugenics-oriented medicine, from which the authoritarian aspects and connections with the Brazilian *Estado Novo* regime are traditionally emphasised. The writer, who was one of the first in Brazil to be able to earn a living with the profits of his writings, made use of a medical framework to indicate solutions to arbitrariness and social inequalities in his books, as well as a profuse imagery of decay, degeneration and physical and environmental decadence. Within these books, the opposite of disease (both physical and social), more than health itself, appears to be medicine, represented by emblematic professionals. Also, a concern regarding the teaching of hygiene principles is present in some of his novels and his children's books. An apparent contradiction emerges, as Verissimo had always distinguished himself for his criticism to arbitrariness and authoritarianism, being even questioned about his books, under suspicion of communist activity, by the *DOPS*, as well as being criticised by the Catholic Church, which considered his texts obscene. Within this context, the author hereby tackles the debate about the support on the part of artists and intellectuals of the day to President Vargas's government initiatives, understanding that their motivations varied. Equally, the author deals with the emphasis given to health – beginning with the hygienist campaigns –, education and literature in the composition of the national identity in the aforementioned period, converging on a concern for future generations. Philosophical and scientific frameworks of the 19th century and the literary naturalism of Émile Zola are also analysed, once they paved the way for the understanding of the world and of the mechanism of social interventions that was essential to the scientific and artistic production of the early decades of the 20th century.

Keywords: Erico Verissimo; Estado Novo; literature; hygienism; eugenics; social organism; naturalism.

RÉSUMÉ

Dans cette thèse, j'ai cherché à comprendre de quelle manière les textes d'Erico Verissimo de la décennie de 1930 dialoguèrent avec les thèmes, courants pour l'époque, des médecines hygiénistes et eugénistes, auxquels on associe traditionnellement des aspects autoritaires et leurs liens avec l'Estado Novo. L'auteur, qui fut un des premiers dans le pays à pouvoir vivre de la vente de ses livres, utilisa dans ses textes des concepts médicaux pour indiquer des solutions à l'arbitraire et au déséquilibre social, ainsi qu'une profusion d'images de décomposition, de dégénération, de décadence physique et de l'environnement. Dans ces livres de Verissimo, l'opposé de la maladie (physique et sociale), plus que la santé, semble être la médecine, représentée par des professionnels emblématiques. La préoccupation avec l'éducation hygiénique fut aussi présente dans ses romans et dans des livres pour enfant qu'il écrivit. On peut constater là une apparente contradiction, car l'auteur s'est toujours fait remarquer par ses critiques à l'arbitraire et l'autoritarisme ; il fut même convoqué par la DOPS pour donner des explications sur ses livres, sous suspicion de communisme, et fut aussi la cible de la critique catholique, qui considérait ses textes obscènes. C'est pourquoi j'ai abordé le débat sur l'adhésion des artistes et intellectuels à des projets gouvernementaux de l'ère Vargas, sachant que leurs motivations furent variées. De la même façon, j'ai traité de la mise en exergue de la santé – depuis l'époque des campagnes hygiénistes –, à l'éducation et à la littérature pour la construction de l'identité nationale dans cette période, en convergence avec la préoccupation sur le futur des nouvelles générations. Les concepts philosophiques et scientifiques du 19^{ème} siècle et de la littérature naturaliste d'Emile Zola ont été également analysés, de par le fait qu'ils ouvrirent un espace définitif pour la compréhension du monde et de l'intervention sociale, essentielles à l'élaboration des concepts scientifiques et artistiques des premières décennies du 20^{ème} siècle.

Mots-clés: Erico Verissimo; Estado Novo; littérature; sanitarisme; eugénisme; organisme sociale; naturalisme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mafalda, Erico e os filhos Luis Fernando e Clarissa	166
Figura 2. Erico Verissimo na PRH-2, Rádio Sociedade Farroupilha	167
Figura 3. Clarissa e Luis Fernando Verissimo	168
Figura 4. <i>O Tico-Tico</i> , década de 1920	169
Figura 5. <i>Aventuras no Mundo da Higiene</i> , de Erico Verissimo	170
Figura 6. Páginas de <i>Aventuras no Mundo da Higiene</i>	171
Figura 7. <i>Cartilha de Higiene – Alfabeto da Saúde</i> , do médico R. Kehl	172
Figura 8. Páginas de <i>Fantoches</i>	173
Figura 9. Revista <i>A novela</i>	174
Figura 10. <i>Namoros com a medicina</i> , de Mário de Andrade	175
Figura 11. <i>O homem e a técnica</i> , de Oswald Spengler	175
Figura 12. Erico Verissimo ajusta sua máquina fotográfica.....	176
Figura 13. Fazenda Jatobá (BA), 1912	177
Figura 14. Distribuição de água. Itumirim (BA), 1912	177
Figura 15. Carlos Chagas e membros da exp. sanitária (AM), 1913	178
Figura 16. Acampamento em Caldeirão, 1912. À direita, Arthur Neiva	178
Figura 17. Belisario Penna dando consultas. Lages (PI), 1912	179
Figura 18. Escola em Raimundo Nonato (PI), 1912	179
Figura 19. O médico Belisário Penna detido no Rio de Janeiro, 1924	180
Figura 20. O médico eugenista Renato Kehl	180
Figura 21. O médico e antropólogo Edgar Roquette-Pinto	180
Figura 22. O médico Claude Bernard	181
Figura 23. A árvore genealógica dos Rougon-Macquart	181
Figura 24. <i>Musée des Horreurs</i> – Zola, o rei dos porcos	182
Figura 25. <i>Clochard</i> (Mendigo) – fotografia de E. Atget, 1899	183
Figura 26. Caricatura de Zola e sua “matéria-prima”	183
Figura 27. Émile Zola e os filhos Denise e Jacques	184
Figura 28. Zola observa líquido revelador de fotografias	184

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – GARANTINDO O FUTURO DA NAÇÃO	21
1.1 Uma “estória de médicos”	21
1.2 “Filhos, filhos, filhos!” – hereditariedade e infância.....	35
1.3 Educar, sanear e integrar	46
1.4 Na Farmácia Brasileira	60
1.5 As várias eugenias	74
CAPÍTULO 2 – ANALOGIAS ORGÂNICAS	85
2.1 Os herdeiros de <i>Fantoches</i>	85
2.2 O organismo social.....	94
2.3 Medicina e história: o <i>Romance experimental</i>	99
CAPÍTULO 3 – MEDICINA & LITERATURA: O COMBATE À EVASÃO	115
3.1 Doença e medicina como personagens literárias.....	118
3.2 O editor e os cientistas	127
3.3 <i>Namoros com a medicina</i>	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS.....	151
FONTES.....	160
ANEXOS	166

APRESENTAÇÃO

Na década de 1930, vários projetos políticos para o país reforçaram e reelaboraram as premissas médicas e os ideais científicos relativos a trabalho, educação, urbanismo, higiene ou mesmo civismo. A eugenia e a miscigenação eram temas obrigatórios dos debates, a higiene já fazia parte dos currículos escolares e os médicos também queriam para si a missão de construtores da nação, partindo de ideias como saneamento, saúde e doença e seus reflexos no mundo do trabalho e na formação da futuras gerações.

Como a década caracterizou-se pela radicalização dessas ideias, cujo extremo foi levado a cabo pelos regimes fascistas, o debate sobre a medicina do período – suas aspirações, pesquisas e jargões – ficou indelevelmente marcado pelas atrocidades daqueles totalitarismos. Assim, intelectuais e artistas que simpatizassem com uma ou outra premissa do ideário médico eugenista ou higienista do período foram posteriormente estigmatizados – mesmo que fossem abertamente antifascistas. O jargão médico da primeira metade do século 20 e o totalitarismo tornaram-se indissociáveis; assim, é como se a referência a um forçosamente contivesse um elogio ao outro.

Neste trabalho, busquei compreender, entre outras coisas, por que um dos autores que mais vendeu no Brasil a partir da década de 1930 e um dos primeiros no país a poder viver da venda de seus livros – um escritor antifascista a toda prova como foi Erico Verissimo – buscou premissas médicas de seu contexto para apontar soluções a arbitrariedades e desequilíbrios em suas histórias. Nestas, também há uma profusão de imagens de decomposição, degeneração, decadência física e do meio. Em seus livros, o oposto da doença física e também social, mais que a saúde, parece ser a medicina, representada por profissionais emblemáticos. Uma aparente contradição se apresenta, pois das premissas médicas do período tradicionalmente se enfatizam os aspectos autoritários e sua vinculação ao Estado Novo. Assim, pesquisei indícios para a compreensão das escolhas de Verissimo – que contêm elementos fundamentais de suas obras subsequentes – abordando o debate sobre as adesões de artistas e intelectuais a projetos governamentais na era Vargas, entendendo que as motivações para tais adesões foram variadas. Da mesma forma, tratei do destaque dado a saúde,

educação e literatura na construção da identidade nacional no período, convergindo na preocupação com o futuro das novas gerações. Procurei examinar, de acordo com o que enuncia Antonio Candido, “como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce.”¹

A obra mais conhecida de Erico Verissimo, que se definia como um socialista humanista, é *O tempo e o vento*, trilogia sobre a história de uma família gaúcha, de 1745 até 1945. Publicados entre 1949 e 1961, nestes livros é possível acompanhar a trajetória de diferentes gerações em seus detalhes mais cotidianos e no contexto nacional de cada período. Eventos históricos são parte da trama do romance, uma vez que são vividos, interpretados e julgados pelos personagens, da mesma forma que influenciam as vidas destes.

O próprio autor, como muitos outros, afirmou que, uma vez criados, os personagens decidiam suas trajetórias: “Muitas vezes fiz planos para um personagem meu, e lá de repente ele começou a dizer a fazer coisas que não estavam previstas. Isso era um sinal de que tinha vida própria, estava vivo. O remédio sensato foi deixá-lo livre.”² Mas certamente tais trajetórias foram circunscritas por opções que o autor fez, pelos campos de ação que ofereceu a cada personagem. E acredito que as opções feitas para *O tempo e o vento* já se encontram em livros anteriores de Verissimo, incluindo a preocupação com a história e a hereditariedade – mescladas e representadas pela imagem da família e também da sua dissolução, causada pelo contexto histórico do país (guerras, prisões, arbitrariedades, bancarrotas) e por fenômenos biológicos (doenças, neuroses, vícios).

Além do cuidado na criação dos contextos de suas obras, Erico Verissimo ressaltou a transmissão dos caracteres físicos e psicológicos dos personagens. À história soma-se a importância da família, que também funciona como baliza para a ação em seus textos. Neles, o país se constrói e reconstrói, e é através das histórias das famílias que o leitor conhece cada contexto. Além da história, as

¹ CANDIDO, Antonio. Prefácio à 3ª edição. *Literatura e sociedade*. 9 ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 9.

² DINORAH, Maria. Erico: retrato de um escritor. In: BORDINI, *A liberdade de escrever*, entrevistas sobre literatura e política. Coleção Engenho e Arte, 4. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Edipucrs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

mudanças e permanências se fazem pelas leis da biologia. Não são dois fenômenos paralelos, mas completam-se.

Tentando não cair na armadilha da confirmação literária para momentos históricos, busquei entender, pela perspectiva da história social, como o texto literário *também* elaborou discussões fundamentais no país no início do século 20; de que forma fenômenos como ignorância, miséria e doenças se tornaram temas literários que questionavam os rumos da modernização, os entraves ao desenvolvimento, os contrastes sociais, os sentidos da identidade nacional e o papel da ciência, mais precisamente da medicina, no desenvolvimento do Brasil. Essas discussões não se tornaram temas literários pura e simplesmente, pois temas que a literatura elaborou também se tornaram importantes debates políticos.

Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido afirmou que “diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito”³. E, citando uma “inflação literária” brasileira, conclui que “a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros”, entendendo que “os decênios de 1920 e 1930 ficarão em nossa história intelectual como de harmoniosa convivência e troca de serviços entre literatura e estudos sociais”.⁴

Nesse sentido, optei por trabalhar com a obra de Erico Verissimo anterior a *O tempo e o vento*, das suas primeiras publicações na década de 1930 até aquelas do início da década de 1940: *Fantoches* (1932), *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936), *Um lugar ao sol* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938), *Saga* (1940), *As mãos de meu filho* (1942), *O resto é silêncio* (1943); os infantis *Aventuras de Tibicuera* (1937) e *Aventuras no mundo da higiene* (1939) e o “infanto-juvenil” *Viagem à aurora do mundo* (1939). Alguns desses livros, não tão comentados, são desconhecidos de muitos leitores de Verissimo (espalhados entre Brasil, Portugal, França, Alemanha, Rússia, Japão, Finlândia, Hungria, Indonésia, Estados Unidos, Romênia, Suécia). Para Flávio Loureiro Chaves, nos romances que autor gaúcho publicou entre as

³ CANDIDO, Antonio. *Literatura...* op. cit., p. 137.

⁴ Ibidem, p. 140.

décadas de 1930 e 1940, “a burguesia urbana torna-se núcleo de indagação, obtendo a voz da sua consciência na denúncia das injustiças sociais do presente ou na argüição da seqüência de tiranias que formaram o passado do Brasil meridional.”⁵

A delimitação temporal deste trabalho coincide com a última publicação do autor antes de sua ida com a família para os Estados Unidos, em 1943. Viajou a convite do Departamento de Estado Americano para lecionar *literatura brasileira* na Universidade da Califórnia. Na decisão de sair temporariamente do país, pesaram os ataques que vinha recebendo por conta do livro *O resto é silêncio*. Em entrevista, 30 anos mais tarde, Verissimo lembrou:

É verdade que *O resto é silêncio* causou escândalo ainda maior que o de *Caminhos Cruzados*, não só porque aquele romance cortava mais fundo, mas também – e talvez principalmente – porque um padre jesuíta escreveu numa revista um artigo contra o livro e contra minha pessoa, chegando a pedir claramente ao presidente da República que mandasse queimar meus livros e me expulsasse do país. Sofríamos então o Estado Novo e naquele tempo tínhamos a impressão de que a Igreja Católica inteira estava ao lado de Vargas. Decidi processar o autor do citado artigo, o que foi feito. Todos os que desaprovaram a ditadura de Vargas aproveitaram a *brecha* e ficaram ao meu lado. Tive comigo também centenas de amigos que não desejavam a volta (nem mesmo em ridícula paródia) da Inquisição. O artigo do padre era uma obra da estultice. Do outro lado estava a alta burguesia, católica, com raras exceções. O padre foi absolvido, como eu esperava e desejava. Parecia um bom velho que achava mesmo que eu estava corrompendo a mocidade.⁶

Antonio Candido, então assistente de ensino de Fernando Azevedo na USP, escrevia artigos e resenhas para o jornal *Folha da Manhã*. Quando soube do texto do padre Leonardo Fritzer contra Erico Verissimo, Candido rebateu o ataque num texto para o jornal. “Eu escrevi o artigo não apenas porque admirava Erico como escritor, mas porque sempre o admirei também como homem e cidadão.”⁷ O artigo nunca foi publicado, pois o jornal temeu a censura por conta das assertivas de Candido, que afirmava que Verissimo nada mais fazia que desabafar em seus livros a tragédia nacional que via ao seu redor:

uma burguesia inconsciente e friamente egoísta, dando umas lascas de concessões a um povo que mal tem forças para reivindicá-las; uns políticos

⁵ CHAVES, Flávio Loureiro. Saga: um testemunho humanista. In: VERISSIMO, Erico. *Saga*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. p. 19.

⁶ D'AGUIAR, Rosa Freire. Erico Verissimo: um solo de clarineta. Revista Manchete, n. 1111, 04/09/1973. In: BORDINI, op. cit., p. 144.

⁷ CANDIDO, Antonio. Entrevista. In: PESAVENTO, Sandra J. et al. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 11.

saídos por encanto das caixas de surpresa das especulações de vária espécie; uns intelectuais esterilizados pelo mal-entendido fundamental que lhes propõe valores de arte sem o contrapeso dos valores da vida e, no meio de tudo, os homens sadios, que procuram desesperadamente abrir um caminho na confusão.⁸

Esses temas estavam presentes nas obras anteriores do autor gaúcho, e colocados naquela estrutura específica de narrativa, atingiram novamente pontos sensíveis. No início do livro, uma jovem “precipitou-se do décimo andar do edifício Império, deu uma viravolta no ar e caiu hirta e de pé contra as pedras do calçamento, produzindo um ruído seco e agudo, que ecoou no largo como um tiro de pistola.”⁹ Muitas pessoas testemunharam o fato, e o leitor acompanha a vida de sete dessas testemunhas, durante uma Sexta-Feira da Paixão e um Sábado de Aleluia: um menino vendedor de jornais, um desembargador, um escritor, um especulador, a esposa de um maestro, um linotipista aposentado e um advogado/diretor de uma companhia de seguros. Na descrição da vida desses personagens, que é a vida das pessoas em todo o país, ressaltam as arbitrariedades, a hipocrisia, o catolicismo nacional, a intransigência de um “esquerdismo” estéril, o mandonismo como elemento fundamental na história brasileira, além de reflexões sobre o papel do escritor, do intelectual e do cidadão no mundo moderno, então na 2ª Guerra Mundial. Antonio Candido viu em *O resto é silêncio* os traços iniciais de *O Tempo e o Vento*. O próprio Verissimo também – “Não seria acaso tudo isso uma espécie de ‘trailer’ de *O Tempo e o Vento*?”¹⁰ – principalmente por conta do interesse na constituição da sociedade brasileira, seus elementos históricos; uma vontade de entender a origem do que se apresentava naquele presente e, mais que isso, como determinadas estruturas sociais se desenvolveram no tempo. Um tema ao qual a história e a sociologia brasileiras do período dedicaram obras fundamentais, como *Casa Grande & Senzala* (1933), *Raízes do Brasil* (1936) e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), entre outras.

De volta ao Brasil em 1945, Erico Verissimo começou a escrever um romance dois anos depois. Segundo ele, foi necessário um “banho de silêncio para limpar o espírito da poeira das palavras”¹¹; trata-se de *O continente*, primeiro

⁸ Ibidem, p. 20.

⁹ VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Editora Globo, 1953. p. 20.

¹⁰ Ibidem, Prefácio, p. 13

¹¹ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. 5 ed. vol. 1. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p. 284.

livro da trilogia *O tempo e o vento*, que foi publicado em 1949. O espaço de tempo entre *O resto é silêncio* e *O continente*, as consequências de sua última publicação, do momento político no Brasil e das reflexões de viagem permitiram maior elaboração de sua arte, o amadurecimento de um estilo e ideias que já haviam conquistado seu espaço e aberto caminho na produção literária brasileira – elementos aos quais este trabalho se dirigiu.

Na década de 1930 e no início da década seguinte, Verissimo fora vigiado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Getúlio Vargas, por conta de seus livros e um programa de rádio destinado a crianças. Teve de comparecer algumas vezes no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Reagia a isso com atitudes como a que teve quando da polêmica provocada pela publicação de *Caminhos Cruzados*, em 1935:

Fui considerado dissolvente, imoral e comunista, e chamado à Chefatura de Polícia para prestar declarações. O chefe de polícia me pareceu um tanto constrangido. O diálogo foi breve: “Me disseram que o senhor é comunista...” – começou o coronel que exercia o importante cargo. Respondi: “Engraçado. Me disseram que o senhor é integralista...” A conversa não foi muito longe, fui mandado em paz.¹²

No mesmo livro, a presença da doença, como se fosse um personagem da história, é constante. Em outros textos seus dos anos 30, além da doença associada à miséria e à injustiça social, é possível encontrar a defesa de algumas determinações do próprio Ministério da Educação e Saúde. Mesmo que não se possa dizer que os personagens falassem pelo autor e expusessem a sua opção política, é possível encontrar a referência direta a tais temas em entrevistas e nas memórias de Verissimo. Era admirador de Lobato, autor que foi acusado de racismo por ideias que outros autores também compartilharam e exprimiram no início do século 20 – certamente não da mesma forma, mas com muitos pontos em comum, principalmente no que se refere à higiene e ao futuro do país.

No capítulo 1 deste trabalho, busquei entender a importância de temas como injustiça social, identidade nacional, medicina e hereditariedade na produção literária de Erico Verissimo nos anos 1930, década na qual um dos

¹²AGUIAR, Rosa Freire. Erico Verissimo: um solo de clarineta. Entrevista com Erico Verissimo. Revista Manchete, n. 1111, 4/ago/1973. Apud: BORDINI, Maria da Glória. *A liberdade de escrever*; entrevistas sobre literatura e política. Porto Alegre: Editora UFRGS/Edipucrs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997. p. 143.

objetivos dos escritores foi “esquadrinhar palmo a palmo as misérias do país”¹³, qualquer que fosse a região sobre a qual escrevessem – centros urbanos, cidades de interior ou comunidades litorâneas; dissessem respeito a adultos, crianças, homens, mulheres, trabalhadores, membros de elites, industriais, operários, marginais, mesmo os fora-da-lei. Os escritores do *romance de 30* buscaram soluções estéticas e ideológicas para a nacionalidade:

trata-se de uma nacionalidade que pretende mostrar sua força e seu aparelhamento para a vida ao encarar e incorporar o fracasso ao invés de escapular para outros planos – para o plano que os próprios romancistas de 30 chamariam de meramente estético.

Ninguém propôs visões nem mais nem menos unificadoras de Brasil. Foi uma produção atomizada. O resultado é que, com esse procedimento anti-escola, voluntariamente ou não, os romancistas de 30 produziram uma vigorosa força de oposição a uma visão “total” – totalitária mesmo – de Brasil proposta por Getúlio Vargas.¹⁴

A necessidade de incluir o *outro* nas narrativas, buscando dar conta da nacionalidade, levou à exploração de um corpo social entendido como doente, da mesma forma como fizeram os naturalistas do século 19, e à tentativa de “fazer convergir na obra de arte intenção política e valorização do elemento popular”.¹⁵ A obra de Erico Verissimo produzida na década de 30 foi uma das que buscou “uma solução capaz de abrir os horizontes do leitor do período, já que deu passo firme no sentido de afirmar que o romance poderia lidar com os dois lados daquele tempo de homens partidos, sem que isso levasse à evasão”.¹⁶

Assim como a preocupação dos literatos, seus prognósticos e propostas para uma interferência na realidade nacional, foi abordada a importância do discurso do higienismo no Brasil na primeira década do século 20. Priorizei as viagens empreendidas aos sertões brasileiros por epidemiologistas e médicos ligados ao Instituto Oswaldo Cruz, principalmente as grandes expedições chefiadas pelos médicos higienista Belisário Penna e Carlos Chagas ao norte e ao nordeste do país, emblemáticas para a busca das raízes dos problemas nacionais – tema retomado e reelaborado durante os anos 30. Buscava-se divulgar amplamente tais expedições higienistas, assim como as pesquisas e os

¹³BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 77.

¹⁴ Ibidem, p. 79-80.

¹⁵ Ibidem, p. 256.

¹⁶ Ibidem, p. 398.

avanços médicos no controle de doenças. Tencionando levar a cura e a erradicação de doenças juntamente com estradas, médicos e cientistas acreditavam poder chamar a atenção de autoridades e populações urbanas mais abastadas para o abandono em que se encontravam seus compatriotas dos sertões. Periódicos estamparam fotografias de localidades longínquas, com uma gente enfermiça, e textos de médicos, verdadeiras representações de uma possibilidade de integração nacional via medicina.

Utilizei os termos *higienismo* e *sanitarismo*, *higienistas* e *sanitaristas* para designar o mesmo grupo de pessoas e as ações relativas à saúde pública no Brasil, nas primeiras décadas do século 20 de modo geral; de acordo com Lilia Moritz Schwarcz, “a divisão entre sanitaristas – responsáveis pelos grandes projetos públicos – e higienistas – vinculados diretamente às pesquisas e à atuação médica mais individualizada – funcionou, muitas vezes, de maneira apenas teórica. Na prática, as duas formas de atuação apareceram de modo indiscriminado.”¹⁷

Outro canal de divulgação dos temas acima citados, com enorme alcance popular, foram os almanaques distribuídos em farmácias. Leitor assíduo de almanaques e periódicos em geral, o então menino Erico Verissimo estocava em sua imaginação as informações que dali retirava, de acordo com o que relatou em *Solo de Clarineta*, seu livro de memórias – com relação à utilização deste, a pesquisa foi orientada pelas proposições de Pierre Bourdieu relativas à criação artificial de sentido realizada nas narrativas biográficas e autobiográficas, nas quais há uma “inclinação a se tornar ideólogo da própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões que possam justificar sua existência e atribuir-lhes coerência, como aquelas que implicam na sua instituição como causa, ou com mais frequência, como fim (...).”¹⁸

Além das leituras, Verissimo registrou as impressões de suas experiências na farmácia do pai, Sebastião Verissimo, no centro de Cruz Alta, cidade gaúcha em que nasceu. Procurei articular as ideias higienistas do início do século 20, sua

¹⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 206.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 9 ed. Campinas: Papirus, 2008. p. 75-6 (grifo do autor).

divulgação via almanaques de farmácia e periódicos e os livros que Erico Verissimo lia; tudo isso no contexto da Farmácia Brasileira, que ocupava o mesmo terreno da casa da família do autor. Muitas cenas que ali presenciou foram recorrentes em sua obra.

A eugenia foi outro tema abordado no capítulo. Doutrina surgida no século 19, foi marcante nas ideias médicas da década de 30, empenhada nos cuidados com as futuras gerações – via defesa da seleção matrimonial e combate às doenças hereditárias, chegando à determinação dos “capazes” para a reprodução ou mesmo sua esterilização, em casos extremos. Originalmente, a preocupação eugênica com as gerações futuras enfatizava a genética, em detrimento da ênfase sanitarista no meio; mas a sua definição apresentou diferentes compreensões em diversos contextos. No Brasil, muito do que propugnavam médicos eugenistas também foi defendido por intelectuais ditos progressistas e médicos que não se definiam como eugenistas. Nesse sentido, o livro *A hora da eugenia*, de Nancy Stepan, foi essencial para a compreensão do pensamento eugênico brasileiro, principalmente no que se refere aos seus contornos difusos e às suas múltiplas definições: a eugenia foi entendida na América Latina como higiene, saúde e até mesmo como limpeza¹⁹; utilizei as explicações da autora para entender a postura e o interesse de intelectuais brasileiros como Verissimo quanto aos temas da ciência e da medicina como transformadores de um cotidiano enfermiço e injusto. E como a obrigatoriedade do exame pré-nupcial foi cara aos médicos mais radicais assim como a intelectuais perseguidos pelo Estado Novo. O que para uns significava a possibilidade de construção de uma nação forte, com uma população saudável, patriota e apta ao trabalho, para outros representava a possibilidade de libertação de uma vida alienada e miserável. A saúde e os meios para garanti-la tiveram sentidos muito diferentes, da mesma forma que a doença e suas causas – para alguns, a doença se associava à degeneração; para outros, à opressão.

No capítulo 2, foi abordada a hereditariedade, importante na obra de Verissimo tanto como preocupação com as novas gerações do país, quanto como elemento que estruturou seus textos. Por tratar-se de um tema presente na

¹⁹ STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia; raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

literatura do século 19, tentei entender como passou a integrar os textos literários – de acordo com Roberto Schwarz, “a comparação das formas leva à reflexão sobre as suas relações e sobre as sociedades respectivas, pondo em foco um complexo de questões interligadas, de claro interesse, que a divisão corrente em matérias estéticas e sociais leva a desconhecer.”²⁰ Nesse sentido, examinei as concepções orgânicas de sociedade desde o final do século 18, constitutivas do pensamento romântico e sua reação aos ideais iluministas e ao liberalismo do século 19; as novas noções de *devir* e *evolução*, tanto nas ciências naturais quanto na filosofia do período; os dados que o avanço técnico da medicina proporcionou e difundiu; e a apropriação desses assuntos pela literatura, culminando na literatura naturalista e na criação do método experimental por Émile Zola, bem como na associação entre o papel do escritor e o do médico.

Foram igualmente importantes neste capítulo as análises de Pierre Bourdieu quanto ao surgimento da figura do intelectual, oriundo das modificações que se operavam no campo literário, principalmente com Zola, que tomou parte em quase todos os grandes debates políticos e sociais de sua época. De acordo com Bourdieu, ele foi um dos pioneiros da ação do intelectual, da maneira como a entendemos atualmente. Da mesma forma, foi um dos responsáveis pela profissionalização do escritor, definindo limites aos editores, sobre direitos autorais etc. Erico Verissimo teve atuação semelhante no Brasil, mais de meio século depois. Os dois criaram representações acerca do escritor partindo de procedimentos médicos ou cirúrgicos. Essa aproximação entre autores distantes meio século no tempo, distantes geograficamente e com experiências diversas, não pretende apontar onde um foi influenciado por outro de forma direta e vertical, mas perceber uma possibilidade de diálogo entre imagens produzidas e preocupações, referências comuns e com a mesma intensidade. Ambos participaram de contextos carregados de imagens da ciência e da medicina e possibilidades de aplicações destas numa reforma social. Ambos desenvolveram temas e lançaram possibilidades descritivas com um repertório de representações que tem na figura do médico correto e consciente de seu papel um protagonista

²⁰ SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 25. Referindo-se ao estudo *De cortiço a cortiço* de Antonio Candido.

recorrente, assim como tem na medicina a imagem de uma ferramenta de justiça social.

Para Luís Bueno, “os anos 30 são a época do romance social, de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico.”²¹ A ausência de um protagonista único nas narrativas, assim como a exploração de um corpo social doente também aproximariam o naturalismo do século 19 e o romance social de 30.²² Sempre levando em conta os limites dessa possível aproximação, busquei não cair na comparação simplificadora, como alerta o próprio Luís Bueno em suas análises.

Sobre as relações entre os textos de Verissimo e Zola, também foram utilizadas as premissas de Raymond Williams. De acordo com ele, cada época possui uma qualidade particular de experiência e relações sociais, dando senso a uma geração ou período e definindo uma *estrutura de sentimento*; metodologicamente, é “uma hipótese cultural, derivada (...) de tentativas de compreender esses elementos [especificamente afetivos da consciência e das relações] e suas ligações, numa geração ou período.”²³ O autor frisa, porém, que nem toda manifestação artística de determinado período relaciona-se com sua *estrutura contemporânea* de sentimento:

As formações efetivas da maior parte da arte presente se relacionam com formações sociais já manifestas, dominantes ou residuais, sendo principalmente com as formações emergentes ... que a estrutura de sentimento, *como solução*, se relaciona. Mas essa solução específica não é nunca mero fluxo. É uma formação estruturada que, por estar na margem mesma da disponibilidade semântica, tem muitas das características de uma pré-formação, até que as articulações específicas – novas figuras semânticas – são descobertas na prática material – por vezes de forma relativamente isoladas, que só mais tarde são vistas como parte de uma geração ... significativa, e que por sua vez, em muitos casos, tem ligação substancial com seus antecessores. É, assim, uma estrutura específica de elos, ênfases e supressões particulares e, em suas formas mais reconhecíveis, de profundos pontos de partida e conclusões particulares.²⁴

O capítulo 3 concentrou-se na imagem da medicina como portadora da justiça social e também como personagem, ela mesma, da literatura. Foi alvo de interesse de muitos autores, como Mario de Andrade, que no final da década 30

²¹ BUENO, op. cit., p. 19

²² Ibidem, p. 251.

²³ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 133.

²⁴ Ibidem, p. 135.

publicou *Namoros com a medicina*, pela Livraria do Globo, cujo editor era Verissimo; livro pouco conhecido, também foi utilizado neste capítulo. O papel de Verissimo na definição da atividade do editor no país foi abordado, assim como sua preocupação com a divulgação científica.

Conceitos de François Laplantine sobre a relação entre a literatura, a medicina e a doença foram levados em conta na análise das narrativas de Verissimo, assim como o conceito de *efeito de real*, utilizado por Pierre Bourdieu quando da análise de estratégias narrativas que, entre outros, lançaram mão do tema da medicina.

Sobre a produção literária da década de 1930, também utilizei as análises de Antonio Candido, Roberto Schwarz, da mesma forma que as discussões do grupo *Clíope* sobre as relações entre literatura e história, desenvolvidas nos livros *Pelas margens* e *Leituras cruzadas* (ambos de 2000), principalmente na compreensão de que

tanto a literatura quanto a história buscam estimular comportamentos e formas de pensamento desejados, propondo modelos e pondo em ação estratégias discursivas tais como a persuasão, a sedução, a verossimilhança, a credibilidade e a autoridade das palavras. Sendo assim, literatura e história, ao oferecer modelos de comportamento, participam do processo histórico, político e social da definição das identidades nacionais, sociais e individuais, seguindo trilhas ao mesmo tempo divergentes e paralelas.²⁵

A definição da identidade nacional, amalgamada ao tema da hereditariedade, tanto na medicina quanto na literatura, está presente em todo este trabalho.

²⁵ DE DECCA, Edgar S & LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas margens*. Outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp/Ed. da Universidade – UFRGS, 2000. p. 10.

CAPÍTULO 1

GARANTINDO O FUTURO DA NAÇÃO

*Que vexame,
a noiva começou a soluçar
porque o noivo
não passou no exame nupciar.*

(Adoniran Barbosa – *O casamento do Moacir*, 1967)

1.1 Uma “estória de médicos”

Natural de Cruz Alta – no noroeste do Rio Grande do Sul, a 336 km da capital Porto Alegre –, Erico Verissimo trabalhou em um armazém, foi escriturário do Banco Nacional do Comércio e sócio na Farmácia Central da cidade. Lia, escrevia e traduzia contos e livros até em papéis de embrulho. Na farmácia, “preferia ler ou fazer literatura atrás do balcão a vender remédios ou discutir com os fregueses suas dores, disenterias, tosses ou blenorragias”.²⁶

Quando se mudou para a capital gaúcha, estava noivo, com dificuldades financeiras, pois sua farmácia falira, e a Revolução de 30 agitava o país. Durante semanas, buscou trabalho em Porto Alegre sem sucesso. Considerou a possibilidade de um emprego público em alguma secretaria do estado, apesar de a ideia desagradá-lo. Terminou o ano pintando bonecos coloridos para adornar vitrines de Natal de uma loja. Como já tivesse vários contos publicados em periódicos de Porto Alegre, o escritor Mansueto Bernardi ofereceu-lhe um trabalho na *Revista do Globo*. Em suas memórias (*Solo de Clarineta*), Verissimo explicou que a criação da revista era semelhante à de outras revistas brasileiras da época: “nossos colaboradores eram a tesoura e o pote de cola. Como nunca havia verba para comprar matéria inédita, o remédio era recorrer à pirataria. Eu traduzia contos e artigos de revistas americanas, francesas, inglesas, italianas e argentinas, mandando também reproduzir em preto e branco suas ilustrações”.²⁷ Para uma das edições, Verissimo criou um conto sobre um soldado da I Guerra e

²⁶ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. 1 v. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p. 200.

²⁷ *Ibidem*, p. 237.

assinou-o como Gilbert Sorrow. Tempos depois, o mesmo conto foi publicado por uma revista argentina, elaborada como a congênere gaúcha, incluindo uma biografia detalhada do autor inglês.

Na vida real, Verissimo/Sorrow era obrigado também a improvisar poemas, para que um ou outro espaço do periódico não ficasse em branco. Pelo telefone, ditava aos paginadores da oficina versos que eram atribuídos a poetas chineses, árabes, japoneses e mesmo persas. “Não raro vinha lá de baixo um chamado aflito: ‘Faltam ainda cinco linhas!’. Eu então ditava os versos suplementares em que apareciam amendoeiras floridas, cálidas areias do deserto, rosas dos jardins do Alhambra, luares sobre o Ganges. ‘Chega?’ Havia uma pausa. ‘Agora tem uma linha sobrando’... ”²⁸. Suas próprias personagens de ficção nem sempre apareciam nas páginas da *Revista do Globo*, pois era necessário publicar – certamente não por questões literárias – textos de algum “bom freguês”, reproduzir fotografias de filhos de assinantes ou ainda “instantâneos sob títulos como *Aspectos do Veraneio na Praia da Cidreira* ou *Ecos do Carnaval em Vacaria*.”²⁹

Verissimo também passou a escrever regularmente para os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*. Publicou o livro *Fantoches* em 1932 e começou a traduzir obras para a Editora do Globo – é de Erico Veríssimo a primeira tradução brasileira de *Contraponto*, de Aldous Huxley, publicada em 1933, juntamente com seu romance *Clarissa*. Em 1935, publicou o infantil *A vida de Joana D’Arc*, recebeu o prêmio Machado de Assis da Companhia Editora Nacional por *Música ao longe* e o Prêmio da Fundação Graça Aranha por *Caminhos cruzados*. Foi também o ano de nascimento de sua filha Clarissa, permitindo que ele e sua mulher Mafalda não mais precisassem dos “filhos alheios, que pedíamos ‘emprestados’ a vizinhos e amigos.”³⁰ Fez sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, onde conheceu Jorge Amado, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Graciliano Ramos.

Muito mais observador do que polemista de primeira hora, Erico Verissimo integrava a “rodinha de chope” do Bar Antonello em Porto Alegre, com Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Ernani Fornari, Paulo

²⁸ Ibidem, p. 252.

²⁹ Ibidem, p.254.

³⁰ Ibidem, p. 257.

Correia Lopes, Reynaldo Moura, Paulo Gouvêa, Sotero Moura, Paulo de Gouvêa e Fernando Corona. Jovens escritores, colegas de editora, debatiam a literatura nacional e a estrangeira, o momento político, os progressos dos amigos.

Em 1936, a Editora do Globo lançou a revista *A novela*, sob a direção de Verissimo. Dessa vez, tratava-se

de um empreendimento editorial avançado para a época, mobilizando uma equipe de tradutores (onde se incluem Mario Quintana e Justino Martins) e artistas gráficos que alcançariam grande projeção: João Fahrion, Edgar Koetz e Nelson Boeira Faedrich. A revista visou sobretudo a divulgação de autores estrangeiros no Brasil e aí aparecem, pela primeira vez, textos traduzidos de Somerset Maugham, G. K. Chesterton, Gertrude Stein, Giovanni Papini, Agatha Christie, Joseph Conrad, Katherine Mansfield, Ernest Hemingway, entre outros.³¹

Ainda em 1936, nasceu seu filho Luis Fernando; foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa, encabeçou um manifesto antifascista e publicou quatro livros infantis – *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres*, *Ana Maria no castelo encantado*, *Meu ABC* e o romance *Um lugar ao sol*, um dos pontos altos de sua produção da década. Mas foi *Olhai os Lírios do Campo*, lançado dois anos depois, que propiciou, de acordo com o próprio autor, “uma mudança considerável em minha vida. (...) obteve tão grande sucesso de livraria, que se esgotaram dele várias edições em poucos meses, deixando editores e escritor igualmente satisfeitos e perplexos.”³² A primeira edição teve três mil exemplares e se esgotou em duas semanas; dois anos depois, o livro teve nova edição.³³ Foi graças a ele que o autor pôde “fazer profissão da literatura”. Crítico rigoroso de seus próprios livros, Erico Verissimo acrescentou no prefácio da edição de 1966 de *Olhai...: “Confesso, entretanto, que não tenho muita estima por este romance. Acho-o um tanto falso e exageradamente sentimental. Há (...) uma filosofia salvacionista barata que me faz perguntar a mim mesmo como pude escrever tais coisas, mesmo levando-se em conta o fato de haver atribuído essa filosofia a personagens do livro.”*³⁴ Leitor de Verissimo, Antonio Candido ficou decepcionado com o livro, que classificou

³¹ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo; o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 174-5.

³² VERISSIMO, Erico. Prefácio. In: *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p. 5.

³³ HALLEWEL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed., revisada e ampliada. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2005. p. 412.

³⁴ VERISSIMO, *Olhai...*, op. cit. p. 5-6.

de “sentimentaleiro”.³⁵ Seja como for, o livro obteve a distinção “o melhor do ano” pelo *Handbook of Latin American Studies*, de Washington.³⁶

Sobre os romances brasileiros produzidos na década de 1930, Luís Bueno aponta que “pela primeira vez, o romance brasileiro serviu de fato como entretenimento dentro do próprio país”. Mais que isso, “foi nessa geração que surgiram os primeiros autores nacionais capazes de se sustentarem apenas com a vendagem de suas obras durante décadas seguidas – Jorge Amado e Érico Veríssimo”.³⁷ Definições para os romances produzidos naquela década houve (há) várias: romance proletário, romance regionalista, romance urbano, romance psicológico. Textos tão diferentes, como os de Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, José Geraldo Vieira, Amado Fontes, Lúcia Miguel Pereira ou João Alphonsus, mas que acabam se encontrando em muitos pontos. “O denominador comum de toda essa corrente do romance social é a revelação de algum aspecto marginal – geográfico ou social – da realidade brasileira”.³⁸ Ao buscar temas que se apresentassem ao leitor como mais “reais”, vários escritores “se lançaram à tarefa de escrever sobre aquilo que estava bem debaixo do nariz: sua própria terra. Esse gesto foi realizado de norte a sul do país, sem qualquer exagero, e contou tanto com a adesão dos novos escritores quanto de autores já maduros que acabaram aderindo a esse modelo”.³⁹ Para além de uma literatura regionalista, o fenômeno permite encontrar pontos comuns em diferentes obras e entender que “num procedimento anti-escola, voluntariamente ou não, os romancistas de 30 produziram uma vigorosa força de oposição a uma visão ‘total’ – totalitária mesmo – de Brasil proposta por Getúlio Vargas.”⁴⁰

De acordo com Bueno, dois grandes temas estão presentes nesta produção literária de forma geral: a natureza do fracasso e como esta se articula à ideia de identidade nacional.⁴¹ O fracasso também é manifesto nas situações de injustiça e miséria que experimentam os personagens dos romances; de acordo

³⁵ PESAVENTO, Sandra J. et al. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 11.

³⁶ HALLEWELL, op. cit., p. 411.

³⁷ BUENO, op. cit., p. 210.

³⁸ Ibidem, p. 209.

³⁹ Ibidem, p. 210.

⁴⁰ Ibidem, p. 80.

⁴¹ Ibidem, p. 76.

com Gilberto Hochman, “era pela doença que se explicava o fracasso do país.”⁴² A identidade nacional também está presente quando os escritores buscam compreender a gênese da desigualdade no país e identificar os principais males nacionais. Trata-se de “uma literatura que, mais do que pensar na posteridade, quer operar sobre o instante presente, participar de um debate vivo.”⁴³

Lúcia Lippi destaca a ideia de nação como uma das formas de construção de identidade, levando os indivíduos a se identificarem com um território e um Estado.⁴⁴ Há que se levar em conta os diferentes significados que esta ideia agregou em cada contexto sociopolítico, por conta de diferentes preocupações e anseios. Antonio Candido destacou o impacto da crise econômica e do “movimento armado de 30” na vida política e na cultura da década, assim como o surgimento da expressão *realidade nacional*, “que de tão usada se tornou até meio ridícula”.⁴⁵ Seja como for, a ideia da realidade nacional inspirou intelectuais e políticas públicas de Estado a identificar e eliminar os problemas estruturais do país; apenas o progresso técnico mostrava não dar conta de problemas como os arcaísmos, a doença, as oligarquias por todo o país. Em dados momentos, projeto político, produção intelectual e artística se encontraram em pontos comuns no mapeamento desta realidade nacional, o que não caracteriza concepções iguais, pois a nação que se buscava nem sempre era a mesma. De acordo com Helena Bonemy, “nos países da América Latina, o mecenato encontrou no Estado seu maior, mais confiável e legítimo fiador.” O Estado poderia transformar educação, ciência e cultura em patrimônio social.⁴⁶ O educador Anísio Teixeira e o médico Belisário Penna são figuras exemplares da ambiguidade que caracterizou a relação entre intelectuais e Estado na década de 30 no Brasil. Seus projetos foram encampados pelo Ministério da Educação e Saúde em determinados momentos, assim como foram vítimas de censura e perseguição quando

⁴² HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: Editora Hucitec ANPOCS, 1998. p. 230.

⁴³ BUENO, op. cit., p. 106.

⁴⁴ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Questão nacional na Primeira República. In: COSTA, Wilma e DE LORENZO, Helena Carvalho. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 186.

⁴⁵ PONTES, Heloísa. Entrevista com Antonio Candido. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 16. n. 47, outubro/2001. p. 6.

⁴⁶ BONEMY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e políticas. In: BONEMY, Helena (org.). *Constelação Capanema*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 19

desejaram mais autonomia para fazer avançar os mesmos projetos outrora aceitos.

A preocupação com a realidade brasileira não surgiu com a pena dos escritores da década de 30, mas o alcance de seu intento é inegável, como provam as grandes vendagens. Em matéria para a revista *Manchete* em 1967, Clarice Lispector entrevistou o amigo Verissimo e assim o descreveu: “Erico é escritor que não preciso apresentar ao público. Trata-se, como Jorge Amado, do único escritor no Brasil que pode viver da vendagem de seus livros. Vendem como pão quente. Recebido de braços abertos pelos leitores, no entanto, a crítica muitas vezes o condena”; Verissimo completou, dizendo haver “natural má vontade que cerca todo o escritor que vende livro, a ideia de que *best-seller* tem que ser *necessariamente* um livro inferior”.⁴⁷

E o primeiro grande sucesso de vendas de Verissimo, exageradamente sentimental ou não, foi *Olhai os Lírios do Campo*, como já citado. A trama do livro tem lugar numa Porto Alegre “tentacular e turbulenta”, já presente em parte de seus romances anteriores como local de ação de seus personagens e como personagem ela mesma. No contexto dessa cidade, cada movimento cotidiano poderia ser passível de registro, merecia ser registrado – ou melhor, ser reconstruído – na sua repetição e na sua excepcionalidade.

Por ocasião da visita que fiz um dia a um hospital onde um amigo havia se internado, vi um homem muito jovem sair dum quarto com um bebê recém-nascido nos braços. Contaram-me que a mãe havia morrido ao dar à luz a criança.

A estória ficou-me na cabeça, revolteando, provocando idéias e imagens como hospital... médicos... mulher que morre... homem que fica, e que provavelmente a amava... Essa nebulosa foi o núcleo do mundinho de *Olhai os Lírios do Campo*.⁴⁸

A isso se juntou uma antiga vontade do autor, a de escrever uma “estória de médicos”. A respeito dessa vontade, disse a um jornalista que aventou sobre possíveis influências do livro *A cidadela*, de Cronin, no tema de *Olhai...*:

Respondi que não havia lido o livro, mas que estava disposto a admitir a possibilidade de ter sido de certo modo induzido a escrever uma estória de médicos por estarem em voga naquela época os livros desse gênero. Hoje, pensando melhor, verifico que na verdade a semente desse meu romance jazia adormecida dentro de mim desde os tempos de ginásio, quando muitas vezes

⁴⁷ In: BORDINI, op. cit., p.19.

⁴⁸ VERISSIMO, *Olhai...*, op. cit., p. 5-6.

pensei em fazer um dia meu avô Franklin Verissimo personagem central dum romance que deveria chamar-se *O Médico*.⁴⁹

Publicado em 1937 pelo escritor e médico escocês A. J. Cronin, *A cidadela* apresenta a história de um jovem médico abnegado e idealista em uma cidade industrial no País de Gales; “a adjetivação de ‘médico croniano’, aplicada à categoria (cada vez menor, infelizmente) de médicos que realmente honram o juramento de Hipócrates, preocupados em atender o semelhante e não apenas em engordar suas contas bancárias e especular no mercado de ações, já se incorporou ao dicionário.”⁵⁰

Então, com uma ideia para um romance, Erico Verissimo começou a sentir o que chamava de “exaltação interior”, que o impedia de dormir, de seguir sua rotina, por conta das personagens que tomavam corpo e passavam a viver sua cabeça.⁵¹ A linguagem criada para este novo romance justapôs e superpôs quadros, utilizou técnicas cinematográficas para harmonizar diferentes espaços e tempos de ação e explorar detalhes materiais e circunstanciais.⁵²

Neste livro, são as memórias do médico Eugênio Fontes que orientam a narrativa, montada com *flashbacks*: a caminho de um hospital onde está internada sua amiga Olívia, ele recorda e reconsidera sua infância, os estudos de medicina, os primeiros tempos na profissão, a grande amiga também médica e como de tudo isso se afastou quando se casou com a filha de um industrial de Porto Alegre, em quem viu “a oportunidade de fugir da luta sem glória, dos subúrbios e do anonimato. Não se conformava com a idéia de ser médico de gente pobre”.⁵³ Em seus livros, Verissimo sempre indicou grande interesse pela profissão médica, algo que se iniciou na infância. Em suas memórias, *Solo de Clarineta*, fala do avô, prático de medicina:

foi estancieiro, dentista e finalmente médico homeopata, apesar de não ter sequer terminado o curso ginásial. Como naquele tempo vigorasse no Rio Grande do Sul a liberdade profissional, o “doutor” Franklin, com suas agüinhas, suas pomadas e ervas, e principalmente com sua presença sedativa, ia aliviando as dores e curando as doenças de sua numerosa clientela. ... quantas vezes me animou a

⁴⁹ VERISSIMO, *Solo...*, op. cit., p. 268.

⁵⁰ MILLARCH, Aramis. A história tamanho família de Cronin. *O Estado do Paraná*. Almanaque. Coluna Tablóide. Curitiba, 06/04/1988, p. 3.

⁵¹ VERISSIMO, *Solo...*, op. cit., p. 328.

⁵² CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*. Origens e unidade. v. 2. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 328.

⁵³ VERISSIMO, *Olhai*, op. cit., p. 46.

certeza de que um simples toque da mão do velho Franklin na minha testa seria o bastante para afugentar a febre! Eu gostava do cheiro de desinfetante daqueles dedos de pontas com manchas de nicotina, e que eu imaginava de iodo. Lembro-me do ruído regular de seus punhos engomados quando ele sacudia o termômetro para fazer a coluna de mercúrio baixar, antes de colocá-lo na minha axila.⁵⁴

Lembra do tio médico, Catarino Azambuja, em todos os detalhes físicos e de sua personalidade; descreve outro tio com poucos traços, certamente ressaltando os dados que julgava importantes: “teve apenas um filho, a quem deu o nome do avô. O rapaz formou-se em Medicina e se tornou um grande médico”.⁵⁵ A figura extravagante do cirurgião italiano Cesare Merlo também está presente nas memórias do autor: “alto e elegante, tinha uma bela voz de barítono, e a barba castanha lhe dava um ar de conde de opereta. Murmurava-se que havia roubado a um amigo, na Itália, a mulher com quem vivia agora, D. Marianna, simpática *ragazza* de olhos vivos e voz meio rouca.”.⁵⁶ Ele trabalhava na farmácia de propriedade do pai do autor. A farmácia e suas pessoas – as que nela trabalhavam, se encontravam ou dela dependiam para atendimento médico – serviram não apenas como inspiração para personagens e situações, mas também para estruturar sua narrativa, como será exposto adiante.

Voltando aos personagens de *Olhai os lírios do campo*, como contraponto às dúvidas e pretensões de Eugênio está o pragmatismo do colega e guia, o irascível Dr. Seixas, “o médico mais pobre que conhecia”⁵⁷; Seixas acredita que não há jeito para a situação do mundo, mas que o fato não exime ninguém de denunciar “barbaridades” e agir onde há miséria, sujeira, doença; alguém tem que fazer o trabalho sujo – e bem feito. Lida com as situações conforme aparecem, curando, praguejando, espalhando cinzas de cigarro, mas jamais abandonando um caso: “Sou como mulher sem-vergonha que só gosta de homem que dá bordoadas nela. Em suma, o tipo do velho errado”.⁵⁸ A cada vez que nega os clichês atribuídos pelo senso comum à profissão médica, é como se os reforçasse: “o sacerdócio da medicina, o sublime sacerdócio! – soltou uma risada – Sacerdócio uma ova! Pode ser para uma escassa dúzia de malucos

⁵⁴ Idem, *Solo...*, op. cit. p. 3.

⁵⁵ Ibidem, p. 8.

⁵⁶ Ibidem, p. 41.

⁵⁷ VERISSIMO, *Olhai...*, op. cit., p. 94.

⁵⁸ Ibidem, p. 215.

como este seu amigo burro e sentimental. Me dá o fogo.”⁵⁹

Já Olívia, um dos personagens mais populares de Verissimo, é a médica que aposta nas ações maiores, em projetos de saúde pública e campanhas educacionais. Apaixonou-se por Eugênio – de quem teve uma filha, sem que ele soubesse –, é sempre discreta, comedida, jamais reclama atenção. Altruísta como o Dr. Seixas, é a personagem que sistematiza discussões, aponta soluções e explica ao leitor, de forma quase didática, questões relativas à vocação médica, aos problemas do mundo pré-2ª Guerra e de um país que absorve o que há de pior na civilização moderna. Como desaparece no meio da história, a personagem é evocada pelas longas cartas que deixou a Eugênio e que esse lê e relê. Quase trinta anos depois, refletindo sobre seus livros, Erico Verissimo disse sobre sua personagem: “Olívia transformou-se numa espécie de ídolo dum vasto público, feito principalmente de mulheres. Suas cartas passaram a ter para muita gente um sabor evangélico. A dedicação, o altruísmo e a nobreza de Olívia me parecem inumanos. Não convencem.”⁶⁰

Ao mesmo tempo em que os personagens médicos literalmente põem o dedo nas feridas – “manou da incisão, em maré montante, uma lama escura e viscosa, formada de pus, de exsudatos e de conteúdo duodenal.”⁶¹ – a alta burguesia porto-alegrense é caracterizada pelo apuro, apresentada com uma fórmula eficaz pelo autor: numa sucessão de reuniões e jantares, nos quais se discutem política, economia, arte, filosofia, medicina e ciência. É possível ver cada personagem desse núcleo como porta-voz de ideias das elites brasileiras da década de 1930. Empresários, artistas, intelectuais, médicos – revolucionários ou reacionários – todos ocupam assentos à mesa do industrial viúvo Vicente Cintra.

O velho Cintra gostava de fazer o papel do *gentleman* repousado e paternal. Era limpo e saudável, lembrava esses cavalheiros idosos, mas corados e rijos, que aparecem sorrindo em lindas tricromias, dizendo: “Eu sou assim porque tomei tal remédio”. Tinha um cuidado meticuloso com suas roupas, manicurava as unhas e jogava golfe no Country Club.⁶²

A ele pertenciam a Fiação e Tecidos Cintra, a Companhia Arrozeira Cintra & Cia., a Companhia Imobiliária Cintra, os Laticínios Cintra, entre outros –

⁵⁹ Ibidem, p. 179-80.

⁶⁰ Ibidem, Prefácio, p. 5.

⁶¹ Ibidem, p. 72.

⁶² Ibidem, p. 121.

inevitável pensar numa versão gaúcha das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. O velho Cintra e a filha Eunice são facilmente identificáveis no “tumulto da cidade” por circularem num Packard com a inscrição *V. Cintra* na porta.

Eunice parece ser uma cortesã moderna, composição de uma “vênus platinada” e do estereótipo da mulher liberada e diletante dos anos 20/30. Ama a arte moderna e a psiquiatria, assuntos que figuram nas reuniões que organiza: “comentou o filme que vira aquela tarde, fez observações casuais sobre pessoas de suas relações, livros, a resolução que tinha tomado de estudar grego e psicanálise – diziam que o Dr. Stekel viria fazer uma série de conferências na Sociedade de Medicina.”⁶³ Julga o fascismo “belo e vertiginoso. *Vivere pericolosamente*”.⁶⁴

Presença obrigatória no círculo de Eunice Cintra, a bizarra figura de Acélio Castanho é quase emblemática. Formado em direito, “era dos alunos mais notáveis que haviam passado pela Academia em todos os tempos. Até os lentes lhe respeitavam a sólida cultura científica e literária. Seus artigos já apareciam com sucesso nos jornais. Fora o primeiro a escrever no Rio Grande sobre Einstein”. Descendia de alguma família ilustre, era “casto e familiar dos clássicos”. Religioso, reacionário, via nos judeus um perigo para o futuro nacional, principalmente por serem proprietários de jornais e empresas cinematográficas. Todas as manhãs, Acélio fazia ginástica, lia Byron ou Keats por meia hora, tomava um copo de leite e “entregava-se a seguir aos clássicos gregos”.⁶⁵ Por vezes, era obrigado a deixar os recintos intempestivamente, dependendo dos oponentes que Erico Verissimo lhe arranjava, como o polêmico pintor paulista Túlio Altamira, desleixado, de gestos brutos e vulgar nos termos. Admirador de Diego Rivera, o pintor chocava Acélio Castanho por seus arrotos assim como por seu desprezo a Platão, à arte clássica em geral e por certa simpatia pelos bolcheviques.

Em alguns poucos pontos, o pintor Altamira agradava ao engenheiro Filipe Lobo, proprietário da empreiteira Lobo & Cia e responsável pela construção do *Megatério*, primeiro arranha-céus de Porto Alegre, com 20

⁶³ Ibidem, p. 140.

⁶⁴ Ibidem, p. 163.

⁶⁵ Ibidem, p. 50-1.

andares. Filipe Lobo admira Napoleão, o *Duce* e Wagner. “Comigo é no fascismo. Mussolini disciplinou a Itália. Hitler reergueu a Alemanha. Disciplina! Construir uma nação é quase o mesmo que construir um grande edifício. É preciso primeiro um plano, uma idéia. Depois, bom material de resistência, bases sólidas, equilíbrio”.⁶⁶ Filipe odeia os judeus. Até lhe agradaram – pouco – os murais de Diego Rivera, que vira nos Estados Unidos, mas o problema era que “Rivera é pernóstico, como todo mestiço.”⁶⁷ Em certa passagem, o engenheiro convida Eugênio para uma conversa, à sua maneira bem peculiar, antes que o outro se dirija ao consultório: “Os doentes que esperem. Se fosse em Esparta eles seriam jogados desfiladeiro abaixo.”⁶⁸ Ou ainda: “Vocês sentimentais vivem falando em humanidade e no entanto não são humanos. São mais é uma espécie de santos. No fundo, uns frustrados, uns doentes. O mundo não precisa dos doentes. Os doentes são uma pedra no caminho dos sãos.”⁶⁹ A apagada Isabel Lobo é a personificação da esposa relegada à desatenção do marido, fútil, sem ideias nem opiniões sobre o mundo à sua volta. A filha do casal, Dora, namora em segredo Simão Kantermann, estudante pobre de medicina, cujos pais imigraram para o Brasil fugindo dos *pogroms* na Rússia.

Eugênio se separa de Eunice Cintra após a morte de Olívia. Ele percebe que fizera duas opções erradas em sua vida: não ficara com Olívia e era tarde demais para reverter a situação; e abdicara do engajamento que exigia sua profissão, em troca de uma vida confortável, alienando-se do mundo a sua volta. Para que o remorso pelas escolhas erradas não o paralisasse, havia que consertar a situação, quase numa remissão. Assim, ele toma para si a criação de sua filha com Olívia e opta pela conversão à medicina social.

Os personagens passam, então, a ser mostrados em narrativas paralelas. Poucas vezes os dois mundos – o de Eugênio e o de Eunice – voltarão a ter pontos de contato. Os demais personagens ligam-se a esse núcleo principal pela doença, pelo acidente ou pela violência. Resignados ou revoltados, são inconsequentes e por isso vítimas de moléstias e da miséria – moral, material, geralmente as duas. Aflitos, buscam a cura no gabinete do Dr. Eugênio.

⁶⁶ Ibidem, p. 163.

⁶⁷ Ibidem, p. 158.

⁶⁸ Ibidem, p. 200.

⁶⁹ Ibidem, p. 203.

Naquela tarde foi particularmente doloroso. Três homens e duas mulheres com doenças venéreas. Estavam amarelos e abatidos, tinham um ar de miséria e vergonha. Eram todos jovens, com a exceção de um dos homens que devia já andar pelos cinquenta. Confessou muito constrangido que era casado, tinha filho, não sabia como acontecera aquilo.⁷⁰

Marcados em seus corpos pela doença e pela ignorância, é como se os personagens-doentes pagassem fisicamente por seus “descuidos morais”. Em outra cena, um casal procura Eugênio. Ele imagina que a mulher diante dele fora bonita um dia, mas naquele momento, a doença “lhe devastara o corpo”. A sós com a mulher, Eugênio inquire:

– Quando foi que fez o aborto?

Ela titubeou, gaguejou e respondeu atarantada:

– Faz... faz três meses.

Rápido, implacável, sem dar à interlocutora tempo para se refazer, Eugênio tornou a perguntar:

– Quantos abortos já fez? Responda com franqueza. Pense em que pode ficar irremediavelmente cega.

Os lábios da mulher tremeram, suas mãos apertaram nervosamente o fecho niquelado da bolsa.

– Dez – balbuciou.

Eugênio soltou profundo suspiro. Tinha de entregar a paciente a um oculista. Mas para onde devia mandar o marido?⁷¹

Outra personagem, menina de quinze anos, entra no consultório pelo braço do pai. Ele quer saber se a filha é de fato virgem. Após um exame, Eugênio informa:

– Não é. E o defloramento é recente.

(...)

– O senhor me dê um atestado, doutor.

Eugênio sentou-se à escrivaninha, perguntou o nome e a idade da menina.

– Aurora – respondeu o pai. – Quinze anos. Aurora Mendonça. Tenho até vergonha dela usar o meu nome, essa safada...

(...)

– Seja como for, a violência só pode piorar a situação. Todos nós erramos. E depois pense que o senhor pode ser tão culpado do que aconteceu como ela. Talvez até mais culpado...⁷²

A cada procedimento médico que Eugênio executa quando trata de um personagem-paciente, algumas considerações são introduzidas no texto. Não se tratam de pregações morais, mas de reflexões sobre os assuntos que

⁷⁰ Ibidem, p. 189.

⁷¹ Ibidem, p. 230.

⁷² Ibidem, p. 190.

esquentavam alguns debates dos anos 1930 no Brasil. Num diálogo com o Dr. Seixas, o tema é a ignorância das pessoas quanto ao exame pré-nupcial e suas consequências:

– Ainda há muita coisa errada em matéria de saúde. Ainda ontem me apareceu no consultório uma menina cheia de doenças. Por sinal era bem graciosa, a diabinha! Pensei que fosse mulher da vida. Qual nada! E casada, Seu Genoca, casada há dois meses. — Fez uma pausa para acender novo cigarro com seus dedos amarelecidos de fumo e de iodo. — O homem casou cheio de porcarias. Uma barbaridade. O resultado é que ela perde o respeito ao marido e, adeus! É meio passo dado para procurar um amante...

– E os filhos, se vierem? — perguntou Eugênio. — Nascem doentes, o pai não os saberá educar em assuntos sexuais porque por sua vez não teve quem o educasse. Os rapazes crescem, enchem-se de doenças que vão transmitir no futuro às esposas. E assim por diante numa cadeia sem fim...

(...)

– E tudo por causa dum falso pudor — explodiu Seixas, já meio ofegante, ao chegar aos últimos degraus. — O exame pré-nupcial obrigatório podia cortar essa cadeia.

– Convencionou-se que o exame pré-nupcial é uma coisa indecente, imoral.

– Mas é preciso fazer alguma coisa! — berrou o Dr. Seixas. Sua voz ecoou no corredor triste. — Alguém tem que começar! (...) nós podemos falar, discutir, contar essas misérias ao maior número possível de amigos e conhecidos. Um dia, é possível que algum sujeito importante leve a coisa a sério.⁷³

A defesa incondicional que o Dr. Seixas faz do exame pré-nupcial não era assunto inédito no Brasil e deriva da compreensão do casamento como um ato civil – não apenas religioso – com reais implicações relativas ao Estado – não apenas a Igreja e família. Em suas primeiras proposições, a preocupação do exame se voltava aos casamentos consanguíneos. No século 20, ela estendeu-se às doenças que pudessem comprometer a descendência, entendida como os futuros cidadãos, com deveres para com o Estado e por ele tutelados.

Na metade do século 19, em meio às tentativas de elaboração de um Código Civil, o casamento civil já fora defendido pelo Centro Positivista do Brasil. Em 1890, mesmo com outra tentativa frustrada de estabelecimento de um Código, conseguiu-se fixar, através do decreto 181, alguns impedimentos e necessidades referentes ao casamento civil: passaram a ser exigidos documentos como certidão de nascimento, comprovante de endereço e declaração de testemunhas; ficava proibido o casamento entre ascendentes e descendentes por parentesco legítimo, civil ou natural, assim como com colaterais paternos ou maternos, dentro

⁷³ Ibidem, p. 215-6.

do segundo grau civil. Se pais ou tutores de menores desejassem exames médicos para se certificar da não consanguinidade de um casal, estariam apoiados pela lei – na prática, poucos a ela recorreram. Quando o primeiro Código Civil brasileiro foi finalmente promulgado, em 1916, nele constava a proibição dos casamentos consaguíneos – artigo 183. Em 1927, Amaury de Medeiros, médico sanitарista e parlamentar, apresentou ao Congresso Nacional um projeto de lei que tornava obrigatório o exame-nupcial para a realização do casamento civil. O projeto não foi aprovado. Em 1936, mais dois projetos sobre a obrigatoriedade do exame foram apresentados, à Câmara dos Deputados e ao Senado, não aprovados igualmente.⁷⁴ Na Constituição de 1934, definiu-se que a exigência do exame pré-nupcial deveria levar em conta as condições regionais do país, ou seja, havia um reconhecimento da “ausência de qualquer aparato administrativo que pudesse supervisionar a aplicação da lei, e, de fato, a ausência de números adequados de autoridades de saúde em qualquer outra parte que não as grandes cidades.”⁷⁵

Mesmo que nunca tenha sido aprovado integralmente ou reconhecendo-se a impossibilidade de sua obrigatoriedade, o exame pré-nupcial foi tema de discussões e adesões que extrapolaram o âmbito político. A ele deram voz, em grupo ou individualmente, pessoas dos mais diferentes campos de atuação, na maior parte das vezes, por motivos totalmente opostos e que jamais se harmonizaram. Em comum, pode-se dizer que havia a compreensão da necessidade de mudanças estruturais na realidade da população brasileira, vítima da doença e da ignorância; essas mudanças só ocorreriam quando se operassem as *reformas* necessárias sobre os problemas nacionais.

⁷⁴ CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e casamento. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. vol. 10(3): 901-30, set.-dez. 2003. p. 918-22.

⁷⁵ STEPAN, op. cit., p. 134.

1.2 “Filhos, filhos, filhos!” – hereditariedade e infância

Em suas memórias, entrevistas ou prefácios que escreveu posteriormente às suas obras, Erico Verissimo evocou o lar perdido, por conta da separação dos pais, quase sempre nos mesmos termos:

Naquela noite, minha mãe resolveu abandonar meu pai. Se levamos em conta a época, o tamanho da cidade e a nossa posição na comunidade, a resolução dela era um ato de admirável coragem moral. A casa não nos pertencia mais, sua hipoteca não fora resgatada. A separação de meus pais e o abandono da casa onde eu nascera me traumatizaram profundamente. Desde então, andei à procura da casa perdida.⁷⁶

Em seus livros, a família aparece como pano de fundo para as ações que se desenvolvem. Mesmo não sendo o tema gerador, é um elemento constante. Ao analisar a estrutura narrativa de *O tempo e o vento*, Jacques Leenhardt identificou uma “genealogia do sangue”, apontando que “a articulação entre o natural e o histórico ganha uma forma bem concreta na temporalidade específica da continuidade genética. Sem que seja necessário falar de darwinismo, a transmissão de características apreendidas durante o curso do processo histórico constitui uma das formas essenciais da continuidade temporal”.⁷⁷ E se trata de um elemento identificável nos textos anteriores do autor, como busca mostrar esta tese.

De certa forma, também a realidade nacional é representada pela família. Quanto à ascendência desta sobre a sociedade brasileira, Sérgio Buarque de Holanda escreveu, em 1936:

E um dos efeitos decisivos a supremacia incontestável, absorvente do núcleo familiar – a esfera por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas.⁷⁸

⁷⁶ ANDRADE, Jorge. O galho da nespereira. Entrevista com Erico Verissimo. Revista Realidade, n. 71. fev/1972. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O contador de histórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1979. p. 4.

⁷⁷ LEENHARDT, Jacques. Narrativa e história em *O tempo e o vento* de Erico Verissimo. In: AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Lúcia (orgs.). *Civilização e exclusão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001. p. 20.

⁷⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. p. 146.

O país é igualmente representado pela família que se desagrega – a tradição é colocada em questão, o orgulho das antigas linhagens se perde nas crises econômicas e histórias de um passado glorioso são reveladas por seu viés patético ou autoritário. De acordo com Antônio Hohlfeldt, Erico Verissimo “terminou por expressar a crise típica da sociedade brasileira republicana, em busca de uma identidade encontrável apenas na família, cuja estrutura, porém, acha-se em dissolução”.⁷⁹ A outra face da desagregação familiar seria a proliferação da miséria e da doença, do despreparo para a vida, resultante do descaso pelos nascimentos, pela falta de cuidado com crianças em geral. Em *Olhai os lírios do campo*, a personagem de Dora Lobo representa a vítima deste descaso: o pai dedica sua existência à construção do primeiro arranha-céus de Porto Alegre, reservando à filha um segundo plano em sua vida, ou melhor, plano algum; a mãe, por um tempo amante de Eugênio, parece destacar-se na narrativa por características que não possui: alienada, carente, imatura, não compreende e não se interessa pelo que se passa a sua volta. Assim, menções a Dora aparecem pelo livro quase como avisos sobre o futuro resultante de um presente corrupto, em todos os sentidos:

– E a Dora?

– Anda por aí, sempre às voltas com o namorado. – Seixas soltou um ronco em que exprimiu o seu descontentamento, a sua desconfiança e os seus maus presságios.

– Qualquer dia aparece grávida.

– Eu não acho que...

Seixas fez um gesto de impaciência:

– Mas que é que você quer mais que eles façam? São moços, se desejam e andam soltos. Casar não podem. O pai da menina não tem tempo para se preocupar com ela. A mãe é uma vaca. Vaca? Vaca ao menos cumpre a sua obrigação, tem a sua utilidade, amamenta os bezerros, dá leite pros filhos dos outros. Que é que você quer que eles façam? Desde que o mundo é mundo as coisas são assim.

–E será que nós, nós não podemos ajudar essas duas crianças?

Seixas contemplou Eugênio por um instante com olho hostil.

–Nós? – cuspiu o cigarro na sarjeta – Nós não podemos nem com as nossas calças.⁸⁰

Capítulos adiante, Dora e Simão procuram Eugênio, pois ela está grávida. Para Simão, a única solução é o aborto. Eugênio discorda e Simão vaticina: “Procuramos um amigo numa hora de aperto. Ele não nos quis ajudar. Não há

⁷⁹ HOHLFELDT, Antônio. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Tchê!, 1984. p. 31.

⁸⁰ VERISSIMO, *Olhai...*, op. cit., p. 225.

de faltar uma parteira ou um médico que faça o que o senhor não quis fazer.”⁸¹ E os prenúncios se tornam fato: Dora morre, em consequência de uma hemorragia causada pela incapacidade de uma parteira e pela negligência de um médico que não quis prestar socorro.

Aborto, exame pré-nupcial e família surgem em *Olhai...* não como elementos de fábulas moralistas, mas por servirem de acesso a temas como ignorância, sordidez, desumanização, doença, arbitrariedade, hipocrisia. Foram assuntos caros à *geração de 30*, em cujos livros os problemas do país circunscrevem o campo de ação dos personagens, mas também servem para enunciar soluções. De acordo com Luís Bueno, aponta-se “do campo literário para o campo político.”⁸² Assim, os personagens Eugênio e Dr. Seixas são partidários da medicina social, que se baseia na prevenção, no entendimento do indivíduo em relação com o seu meio e com os outros indivíduos. Nas primeiras décadas do século 20, em nome desta prevenção e de uma intervenção científica sobre as doenças, as políticas de saúde pública no Brasil tiveram caráter intervencionista, sustentadas até pelo aparato policial. Ao contrário, os personagens de Verissimo – da década de 1930 – entendem-na como um fator de libertação (da doença, da falta de informação); a medicina não é a solução para todos os problemas, mas é capaz de levar dignidade às pessoas, elevá-las a um nível de consciência que não possuem.

– Às vezes eu penso — disse ele — que a profissão médica bem compreendida tem uma função muito mais importante do que em geral se julga. Já que em sua maioria os homens são doentes psíquicos, acho que cabe aos médicos fazer alguma coisa pela humanidade. Os pequenos e os grandes médicos, cada qual no seu setor. Imagine um homem que tem um complexo de inferioridade e consegue fazer-se ditador... Veja do que é capaz um delegado de polícia do interior quando não tem os parafusos bem apertados... Pense nos outros homens que exercem postos de comando. Se fossem absolutamente sãos não fariam guerras, não cometeriam crueldades...⁸³

O Dr. Seixas foi criado dois anos antes de *Olhai...*; apareceu pela primeira vez em *Um lugar ao sol* (1936) e sua preocupação com os nascimentos não planejados já se expressa aí. Neste livro, o médico aparece em várias cenas contrapondo-se ao Reverendo Bell, pastor metodista que frequenta a casa de um

⁸¹ Ibidem, p. 249.

⁸² BUENO, op. cit., p. 186.

⁸³ VERISSIMO, *Olhai...*, op. cit., p. 41.

de seus pacientes. Quando não está em duelos teóricos com o pastor, o médico percorre a periferia de Porto Alegre, onde está a maioria de seus pacientes: “Tinha ainda que ver um doente nos Navegantes, bem no fim da linha. Um embarcadão cheio de filhos. Aquela gente vivia tendo filhos. Eram como ratos. Ninhadas enormes.”⁸⁴ Em outra cena, ele termina de fazer um parto; o casal já tem outros cinco filhos: “Caminhou por entre casebres miseráveis. Seus pés afundavam numa lama malcheirante, dum pardo quase negro. O Dr. Seixas prosseguia, com a maleta na mão. Ia pensando em coisas amargas. Filhos, filhos, filhos! Não tinham dinheiro nem para se sustentarem a si mesmos, e sempre a fazer filhos! Depois atiravam as crianças na lama, como porquinhos. Filhos! Ratos!”⁸⁵ Fernanda, uma das protagonistas de *Um lugar ao sol*, vai ter um bebê. Conhecidos do Dr. Seixas, o marido e os amigos estão no hospital aguardando o nascimento, apreensivos. O médico aparece para falar com eles:

– Aaaah! Vocês estão fazendo um bicho-de-sete-cabeças... Um parto. Que é um parto numa mulher moça num hospital de primeira classe? Pararam à porta do elevador. O Dr. Seixas apertou no botão.

– Eu queria que você visse – continuou ele – uma mulher pobre tendo um filho num rancho esculhambado dos Navegantes. Uma sujeira pavorosa. Nem toalhas, nem desinfetantes, nada. (...) Eu queria que você visse. Na maternidade da Santa Casa os fedelhos nascem e às vezes os pais não têm roupas para botar neles. Sabe o que fazem? Embrulham as crianças em jornais.⁸⁶

O Dr. Seixas aparece pela última vez em *Saga*, de 1940. Neste livro, Verissimo reuniu os personagens principais de seus romances publicados até então. *Saga* foi escrito

naqueles sombrios meses de 1940, quando as tropas nazistas, com suas brutais *Panzerdivisionen*, se aproximavam invencivelmente de Paris. Para nós que amávamos a França e detestávamos o nazismo, isso não era apenas o fim da Guerra, mas também o fim do mundo, o fim de tudo. Rússia e Alemanha tinham assinado um pacto de não-agressão. No Kremlin, Von Ribbentrop e Stálin, cada qual com uma taça de champanha na mão, haviam trocado brindes cordiais. Nas altas esferas governamentais do Brasil, se viam figurões civis e militares que não escondiam sua simpatia pelo hitlerismo, seu fascínio pelos feitos da Wehrmacht. Tudo nos levava a crer que o destino próximo de todos os liberais seria o internamento num campo de concentração – caso em que não nos importaria a cor da camisa daqueles que nos levassem para lá.⁸⁷

⁸⁴ VERISSIMO, Erico. *Um lugar ao sol*. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 246.

⁸⁵ Ibidem, p. 252.

⁸⁶ Ibidem, p. 263.

⁸⁷ VERISSIMO, Erico. Prefácio (1966). In *Saga*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. p.12.

Saga tem muito em comum com *Olhai os lírios do campo*. Antonio Candido situa-os lado a lado por conta das “veleidades messiânicas” de ambos.⁸⁸ Verissimo engajou um dos personagens de *Saga*, Vasco, na Brigada Internacional e enviou-o à linha de frente espanhola. Quando retorna ao Brasil, Vasco é fichado como “elemento suspeito”. Sua amiga Fernanda passa a ser sua “fiadora moral e material” perante a polícia. Fernanda, que apareceu primeiramente em *Caminhos cruzados*, assemelha-se à Olívia de *Olhai...*. Antes pobre, sustentando financeira e moralmente a família, em *Saga*, ela e o marido recebem uma herança do sogro. Como sempre foi idealista, Fernanda destina parte da herança a vários projetos sociais; o marido é um sonhador no limite da alienação. Em Vasco, ela encontra um parceiro para levar adiante seus projetos, além do Dr. Eugênio Fontes (de *Olhai...*).

Desta vez, o tema do cuidado com as crianças tem Vasco e Fernanda como porta-vozes – preocupação do autor que o início da 2ª Guerra parece ter intensificado. “Olho para Anabela e penso que talvez a nossa obrigação mais séria no Brasil seja a de fazer que estas nossas crianças fiquem para sempre livres de perigos e horrores como os que vi na Espanha.”⁸⁹ Fernanda fez construir em Porto Alegre um hospital infantil, cuja direção foi dada ao Dr. Eugênio; o lugar é mantido por doações e pequenas subvenções do governo. Pouco antes da volta de Vasco, ela arrendara uma sala de cinema no térreo do Edifício Megatério (o arranha-céu construído por Filipe Lobo). Os filmes a serem exibidos são cuidadosamente escolhidos, e desenhos animados, jornais e comédias têm sessões gratuitas. Além disso, ela e o marido publicam uma revista infantil chamada *Aventura*, que é vendida em todo o país. “– Aí está uma menina de valor que anda perdendo tempo com bobagens. Devia ter estudado medicina ou coisa que o valha. Tem a mania de salvar a humanidade.”⁹⁰

Vasco, Fernanda e Eugênio são personagens que representam – e ao mesmo tempo criam – a figura dos intelectuais brasileiros que “aproveitaram a efervescência do momento político” para contribuir com a reconstrução nacional, apresentando “projetos e ‘diagnósticos’ para salvar o Brasil”, como aponta Lucia

⁸⁸ AGUIAR, Flávio. Digressão sobre a presença de Erico Verissimo em Brigada Ligeira de Antonio Candido. In: PESAVENTO, Sandra (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade. UFRGS, 2000. p. 222.

⁸⁹ VERISSIMO, *Saga*, op. cit., p. 225.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 233.

Lippi.⁹¹ Para Mônica Velloso, muitas dessas proposições de intelectuais fundamentaram o projeto cultural do Estado Novo; “a cultura foi um dos núcleos organizatórios mais sólidos do regime”⁹², e é neste âmbito que devem ser entendidas muitas adesões. O Estado poderia garantir a efetivação de projetos, passando a “defender a função social do intelectual, chamando-o a participar dos destinos da nacionalidade”.⁹³ Aos ideólogos do Estado era importante “mostrar que o regime não é mero produto político, mas possui base cultural.”⁹⁴

Verissimo dá voz a quem se opõe às atividades de Fernanda através de artigos do jornal *A Ordem* – damas de caridade, empresários e o Arcebispo de Porto Alegre. Também são frequentes em *Saga* situações que envolvem crianças vítimas da estupidez humana; as que não são causadas pela miséria material, são resultado da miséria intelectual dos adultos. A personagem Modestina tem dez anos e participa de concursos no rádio; o objetivo dos pais é que a menina se transforme na “Aracy de Almeida dos Pampas”. A família se reúne em frente ao rádio para ouvi-la: “Vou cantar o samba *Noite de orgia*. Sapeca, maestro!”⁹⁵

O rádio teve enorme importância no governo Vargas, tanto para definir os elementos de uma cultura popular brasileira, quanto como instrumento de educação da população. Muitos intelectuais do período entendiam que “o povo era bom, puro, espontâneo e autêntico, mas analfabeto, imaturo e inconsciente e que só a ação do Estado poderia salvá-lo.”⁹⁶ Assim, na programação do rádio coexistiam concursos, programas de auditório, palestras médicas ou emissões para o público infantil. O próprio Erico Veríssimo esteve à frente de um programa radiofônico para crianças durante um breve período de tempo, em Porto Alegre. Clínicos gerais e pediatras do serviço público davam palestras semanais na

⁹¹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília A. N. (orgs.). *O Brasil Republicano no tempo do nacional-estatismo* – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁹² VELLOSO, Mônica. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA e DELGADO, op. cit., p. 150.

⁹³ Idem, ibidem, p. 152.

⁹⁴ Idem, ibidem, p. 171.

⁹⁵ VERISSIMO, *Saga*, op. cit., p. 271.

⁹⁶ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Cultura e identidade nacional no Brasil do século XX. In: GOMES, Angela Castro (org.). *A república no Brasil* Rio de Janeiro: Nova Fronteira/CPDOC, 2002. p. 355.

PRB-2, Radio Club Paranaense, a exemplo do que ocorria no restante do país.⁹⁷ Mesmo assim, havia por parte de alguns intelectuais certa desconfiança com relação ao papel educativo do rádio. “Criticavam os programas de rádio e a música popular, por serem uma ‘cultura de diversão’ que se desenvolvia e se esparramava pela sociedade brasileira sem produzir reflexão crítica, sem educar verdadeiramente o povo.”⁹⁸

Em *Saga*, esta é uma preocupação constante. Ou seja, crianças saudáveis apenas fisicamente também devem ser motivo de apreensão. O que se ensina a elas?

Eugênio talvez esteja pensando em Olívia, nos seus sonhos de paz e bondade, no que há de dolorosamente absurdo no trabalho dos médicos que protegem a saúde das crianças, fazem tudo para que elas cresçam sadias e belas só para que um dia, num campo de batalha, sirvam de alvo às metralhadoras. Não será melhor fazer como essas criaturas despreocupadas que só pensam no momento que passa e se entregam freneticamente aos prazeres dos sentidos? Um médico sofre quando não pode salvar a vida de um octogenário, e no entanto a esta hora na Polônia morrem aos milhares jovens de vinte anos. E nas ruas de Varsóvia bombardeada pelos aviões alemães caem mulheres e crianças. De que servem a palavra e o exemplo dos idealistas se o que triunfa é a força?⁹⁹

A periferia da capital gaúcha retratada em *Saga* continua sendo visitada pelo Dr. Seixas, que já a conhecia bem, desde os livros anteriores. “A maioria de seus clientes é formada de operários de São João e Navegantes ou pobres-diabos que moram em casebres na Colônia Africana ou no Arraial da Baronesa.”¹⁰⁰ O médico ainda vive com salários insuficientes, com a diferença de que, agora, ele próprio está doente. Mas continua indo até seus pacientes, “com a maleta na mão, os passos arrastados. Se é um caso de parto, já da porta da rua ele começa a gritar: – Mulheres sem vergonha! Não criam juízo. Vivem parindo todos os anos. Parecem gatas!”¹⁰¹

A atenção às crianças e, conseqüentemente, ao futuro da humanidade, está igualmente presente nas considerações do escritor Tônio Santiago, personagem de *O resto é silêncio* (1943). Durante um concerto, no qual estão presentes todos os personagens do livro – os mortos na lembrança, os mais

⁹⁷ RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A prevenção da decadência*; discurso médico e medicalização da linguagem (1931-42). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 18.

⁹⁸ OLIVEIRA, Cultura e identidade..., op. cit., p. 355.

⁹⁹ VERISSIMO, *Saga*, op. cit., p 345-6

¹⁰⁰ Ibidem, p. 231.

¹⁰¹ Ibidem.

pobres do lado de fora do teatro –, Santiago pensa nas combinações históricas e biológicas que desembocaram naquele presente específico, que deram origem àquelas pessoas. Em plena 2ª Guerra, as reflexões recaem sobre um mundo que desaparece, não sem antes gestar um novo.

Era preciso reagir. Não devemos ser aliados da morte ... porque assim só a tornamos ainda mais trágica e destruidora. O menos que podemos fazer é combater a idéia do aniquilamento total Um mundo melhor para aquelas crianças que amanheciam para a vida. Sim, talvez fôsse essa a mais importante missão dos homens de seu tempo. O mundo dos Barreiros acabava-se. O seu mundo mesmo talvez estivesse em artigo de morte. Mas havia Gil e os outros. A terra era larga. Não devemos conservar cadáveres em nossa sala de visitas.¹⁰²

Nos textos de Verissimo, há várias menções à necessidade de se estar atento ao novo mundo que se forma. Que legado ele conterà, que, por sua vez, será transmitido adiante e assim sucessivamente? Em *Olhai...*, num dos diálogos entre Eugênio e o Dr. Seixas – após reflexões sobre o desastre da falta de planejamento familiar, das crianças miseráveis que perambulam pelas ruas, de abortos mal-sucedidos, da falta de assistência médica e de educação – é frisada a necessidade de um governo que tenha em conta profissionais verdadeiramente capacitados para solucionar os problemas nacionais: “Que excelentes homens de governo dariam os médicos! Ninguém como eles está em contato tão íntimo com a vida, com as criaturas. Ninguém melhor que eles conhece as necessidades do povo.”¹⁰³ A reflexão continua, frisando que é imprescindível planejamento e engajamento de todos para modificar a realidade nacional:

– E pense mais nisto: se os técnicos em geral, os cientistas, os médicos, os escritores, os artistas, os economistas trabalhassem juntos e de acordo com um plano bem traçado, poderiam fazer alguma coisa para atenuar os males da humanidade. Não é possível, está claro, conseguir um mundo perfeito. É até mesmo inconcebível. Mas não seria absurdo desejar acabar com essas incoerências do nosso século. Fome em época de superprodução. Excesso de trabalho para uns e falta de trabalho para outros, e isso na era da máquina. Falta de saúde num tempo em que a medicina avança tanto.¹⁰⁴

Mais uma vez, os personagens dão voz a uma ideia cara na década de 1930, que é a do Estado centralizador, capaz de levar adiante os projetos de intelectuais, artistas e cientistas. Na medida em que isso se vislumbrava,

¹⁰² VERISSIMO, *O resto...*, op. cit., p. 466-7.

¹⁰³ VERISSIMO, *Olhai...*, op. cit., p. 271.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 272.

adesões ao governo se manifestavam, já que este acena com a possibilidade de reabilitação do povo doente e analfabeto. E não se tratou de um apoio incondicional a um projeto político autoritário. A participação dos médicos nos planos governamentais, e mesmo na sua elaboração, era defendida de forma barulhenta, desde o final do século 19, por eles próprios. Assim como os literatos, os médicos tinham seu registro sobre a realidade do país; e entendiam ter as soluções necessárias para a constituição de uma nação ideal. Certamente que cada registro – o literário e o médico – possui seu próprio fim, premissas e campos de atuação diferentes, mas o homem e a sociedade que escritores e médicos desejaram objetivar, analisar, para os quais criaram projetos ou simularam situações, foram investidos de representações muito semelhantes. Mesmo com objetivos e intervenções tão diferentes, em muitos pontos os dois discursos se encontraram.

Há em *Olhai...* uma sugestão de que o que houvesse de pior na sociedade, resultado de um meio precário e injusto, pudesse se propagar hereditariamente e transformar-se num instrumento de controle, pois uma população ignorante e doente desumaniza-se e aceita de bom grado a caridade como solução, reforçando laços de dependência e dominação. A medicina continua aparecendo como resposta a isso, pois ela forçaria à reflexão e poderia ser um instrumento de mudança.

Se nos anos 30 a hereditariedade era discutida com muita agitação, o tema não era novidade; havia pelo menos 60 anos de debates acerca dele. O que mudou no decorrer do tempo foram os enfoques dados ao assunto, as diferentes formas de concebê-lo e, conseqüentemente, de lidar com ele. Ocupou um espaço privilegiado e muito amplo, colado às reflexões sobre a identidade nacional, a nação que se aspirava construir e a população que havia efetivamente no país – miscigenada. Na década de 1870, sobressaía na preocupação de cientistas, intelectuais e políticos. Houve os que acreditaram que a questão racial condenara o país ao atraso. Encontrando solo seguro na Escola de Medicina da Bahia e um grande defensor na figura do médico Nina Rodrigues, um “modelo científico determinista parece ter sido assumido sem qualquer receio. Nos discursos do dia-a-dia, na representação popular, nos jornais de circulação diária, é quase corriqueiro o argumento que traduz a ciência em termos populares e encara a

raça como uma questão de importância fundamental nos destinos da nação.”¹⁰⁵ Concebeu-se a hereditariedade pela fatalidade da raça – definida como inferior, pois miscigenada – passível de aprimoramento desde que se procedesse a um “branqueamento” do elemento nacional.

Simultaneamente, outras correntes de pensamento, de inspiração republicana e abolicionista, entendiam que a mesma ciência era capaz de proporcionar outras soluções eficazes para o desenvolvimento dos indivíduos e para a criação de uma nação verdadeira. Assim, o aprimoramento das futuras gerações se daria pela modificação do meio e de hábitos perniciosos que só faziam propagar o atraso, em todos os sentidos. “A ciência, em especial a medicina, propiciaria um alívio para intelectuais, que, até então, não enxergavam alternativas para um país que parecia condenado, dada a sua composição racial.”¹⁰⁶ É esta a noção que ecoa, cinco décadas depois, nas páginas de *Olhai os lírios do campo*; e os que ainda creem no “problema da raça” nos anos 30 são apresentados por Verissimo com um traço caricatural: o personagem que desdenha os mestiços é o engenheiro Filipe Lobo, abrutalhado, pai relapso, admirador de Mussolini; o que crê na supremacia da pureza racial é Acélio Castanho, o jurista afetado; Eunice Cintra é a personagem que de certa forma compartilha destas ideias – todos têm em comum visões de mundo distorcidas, retrógradas, elitistas. E nenhum deixa herdeiros, pela negligência (que resulta na morte de uma filha), pelo voto de castidade ou por concepções peculiares acerca da maternidade:

E de súbito, na mente de Eugênio, a imagem da filha é trespassada pelas palavras frias de Eunice, numa voz convencional: “Não quero saber de filhos. Esses mamíferos esfaimados nos deformam o corpo”. É o que ela costuma dizer às amigas. Ter filhos é uma ação burguesa e inferior, bom entretenimento para os proletários, para a classe média. Como pode uma criatura de verdadeira sensibilidade sujeitar-se a uma experiência tão brutal, tão repugnante, tão animal? Ficar grávida é permanecer nove meses em estado de doença e ao cabo desse tempo expor-se a um perigo de morte. Ela não podia dissociar a lembrança do parto da idéia de dilaceramento. Ter filhos era quase o mesmo que fazer harakiri. Acontecia que o clássico suicídio japonês tinha a sua nota romântica, e a maternidade era um prosaico suicídio lento.¹⁰⁷

¹⁰⁵ SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças*; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 245.

¹⁰⁶ HOCHMAN, A era..., op. cit., p. 68

¹⁰⁷ VERISSIMO, *Olhai...*, op. cit., p. 106.

De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, entre o final do século 19 e o início do século 20, acreditava-se que “os homens continuavam *desiguais*, porém passíveis de ‘evolução e perfectibilidade’ em função da ação de um Estado soberano e acima das diferenças não só econômicas como raciais”.¹⁰⁸ Para Jurandir Freire Costa, a família patriarcal e tudo o que representava, reproduzida por gerações e gerações, era um grande obstáculo a esse projeto. Analisando teses de formandos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre as décadas de 1830 e 1880, o autor destaca que *nação* e *futuro* são noções presentes nestes textos, guiadas pelo ideário higienista, no qual a população é definida como um bem nacional, um recurso humano. Assim, projetar o futuro passava, necessariamente, pela atenção à infância.

Os higienistas perceberam que todo o sistema familiar herdado da Colônia tinha sido montado para satisfazer as exigências da propriedade e as necessidades dos adultos. Às crianças, tratadas como apêndice deste sistema, restavam as sobras do banquete. Foi contra esta situação que eles se bateram, vendo claramente que o inimigo principal era o pai, pivô e fulcro de toda a organização familiar.¹⁰⁹

Como os novos cidadãos eram produto de suas famílias, precisavam sair delas comprometidos com o Estado, não mais com o pai; educados e higienizados, não apenas portadores de uma cultura familiar. Assim como o casamento, a educação higiênica também falava de um compromisso civil. Não se tratava apenas de manter a saúde, mas de transformar algumas atitudes e pensamentos. Havia uma “luta pela secularização das mentalidades e europeização dos costumes, defesa da intrusão médica no universo cotidiano da família, demonstração da incompetência familiar no cuidado com os filhos.”¹¹⁰

O personagem de Verissimo, Eugênio, reflete sobre o futuro dos doentes que trata e dos que sabia existir por toda a parte. “Estava pensando na menina que atendera à noite passada. Era magra, suja, triste, mal vestida e mal alimentada. Caminharia fatalmente para uma tuberculose se não a arrancassem da casa imunda em que vivia, se não lhe dessem o tratamento conveniente. Existiam na cidade, no Estado e no país milhares de crianças nas mesmas

¹⁰⁸ SCHWARCZ, op. cit. p. 182.

¹⁰⁹ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 169.

¹¹⁰ Ibidem, p. 179.

condições”.¹¹¹ A educação e a ciência poderiam consertar o que a história havia consolidado da pior forma possível. Isso deveria ocorrer dentro das famílias e abrangê-las todas, em todas as partes do Brasil.

1.3 Educar, sanear e integrar

Uma das questões caras à busca da nacionalidade era a ideia de *povo*, não visto apenas como um contingente populacional, mas portador de um traço cultural que o unisse, tradições e história comuns. Além do mais, deveria ser saudável; enquanto muitos afirmavam que deveria ser de preferência branco, outros se lançaram na pregação que pretendia sanar esse "problema" através da educação e de uma condição física saudável. Textos literários do final do século 19 já haviam elaborado o assunto, como é o caso de *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *O mulato*, de Aluísio Azevedo.

O Ateneu foi publicado originalmente em 1888, na *Gazeta Mercantil* do Rio de Janeiro. O texto ainda é fonte de debates, pois sua classificação como naturalista, pelo período em que foi escrito, não se sustentaria pela forma da narrativa; também já foi analisado em função de seu caráter autobiográfico, pela revelação da realidade de um internato de meninos, mantidos sob uma disciplina cruel, e da “corrupção que ali viceja”, nas palavras do próprio autor. Mas interessa aqui apreender o texto literário além de sua superfície, sem a preocupação apenas com uma filiação de estilo ou buscando confirmações literárias para fatos históricos. Quando analisou *A educação sentimental*, Pierre Bourdieu sublinhou que o livro de Gustave Flaubert “reconstitui de maneira extraordinariamente exata a estrutura do mundo social na qual foi produzida e mesmo as estruturas mentais que, modeladas por essas estruturas sociais, são o princípio gerador da obra na qual essas estruturas se revelam”.¹¹² Pensando em *O Ateneu*, o livro apresenta a realidade brasileira a partir da escola, referencial importante do autor e dos jovens republicanos do período. Há a denúncia dos males da época imperial, assim como a crítica aos discursos floreados e às diversas “enfermidades” sociais. As

¹¹¹ VERISSIMO, *Olhai*, op. cit., p. 279

¹¹² BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. p. 48.

soluções desejáveis surgem contrapondo-se à descrição do colégio Ateneu, seus personagens, dia-a-dia, espaço físico e orientações pedagógicas. Para Pompéia, a escola tornou-se a metáfora do país: “E não se diga que é um viveiro de maus germens, seminário nefasto de maus princípios, que hão de arborescer depois. Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja vai de fora. Os caracteres que ali triunfam trazem de fora o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação.”¹¹³ Para o autor, a escola buscava o lucro fácil, num período em que o ensino não era alvo de políticas públicas:

Ora, diretores! empresários! fabricantes de ciência barata e prodígios de carregação, com que empulham os papais basbaques... O que querem é frequência do negócio... Falem cá em anúncios... Mulher ao balcão... Que chamariz, uma carinha sedutora! Eu, por mim, se fosse diretor, inaugurava um *Kindergarten* para taludos; uma bonita diretora à testa e quatro adjuntas amáveis... não haveria nhonhô graúdo que não morresse pelo ensino intuitivo. Como não haviam de pagar para cortar pauzinhos no meu jardim! E que serviço ao progresso do meu país: estimular à Froebel as inteligências perrengues e as adolescências atrasadas...¹¹⁴

Mais que o relato literário do trauma que o próprio autor sofreu como aluno de um internato, o texto de *O Ateneu* revela como a intelectualidade brasileira mais jovem, abolicionista e republicana percebia a realidade do país, a partir de seus valores mais importantes. Para o republicano Raul Pompéia, então com 25 anos, o ensino obsoleto, os métodos violentos e a corrupção que vingava no interior do internato não poderiam ser melhor matéria para um romance.

O diretor do Ateneu, Professor Aristarco, parece ser o personagem que reúne características de duas formas de pensamento que Pompéia condenava: o mercantilismo parasita, que se aproveitava das mudanças de ares políticos e sociais, e o conservadorismo com raízes monarquistas e escravocratas. Ao descrever as motivações do Professor Aristarco, é como se Pompéia descrevesse a corrupção das relações sociais brasileiras, movidas por interesses pessoais, mesquinhos:

Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmagô de cada sorriso morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente

¹¹³ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p. 88.

¹¹⁴ Ibidem, p. 179-80.

se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discreta das notas do guardalivros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... o pai estava dois trimestres atrasado.¹¹⁵

A educação baseada na culpa e no castigo, motivada por prêmios e individualista, também foi objeto da crítica do autor:

À nota de Franco, sempre má, devia seguir-se especial comentário deprimente, que a opinião esperava e ouvia com delícia, fartando-se de desprezar. Nenhum de nós como ele! E o zelo do mestre cada dia retemperava o velho anátema. Não convinha expulsar. Uma coisa destas aproveita-se como um *bibelot* do ensino intuitivo, explora-se como a miséria do ilota, para a lição fecunda do asco. A própria indiferença repugnante da vítima é útil. Três anos havia que o infeliz, num suplício de pequeninas humilhações cruéis, agachado, abatido, esmagado, sob o peso das virtudes alheias mais que das próprias culpas, ali estava – cariátide forçado no edifício de moralização do Ateneu, exemplar perfeito de depravação oferecido ao horror santo dos puros.¹¹⁶

A solução para esse microcosmo sórdido, vivendo para si mesmo – assim como a sociedade brasileira, com indivíduos em busca de poder através de relações pessoais e títulos – não poderia ser parcial nem lenta. O momento pedia mudanças, a preocupação com o país exigia outras soluções que apenas se negociar um decreto aqui, outro acolá. A estrutura deveria ser modificada, construída a partir de novos ideais. No romance de Raul Pompéia, o Ateneu, metáfora da sociedade corrompida, termina incendiado.

Já a narrativa de Aluísio Azevedo – *O mulato* (1881) – está repleta das teorias sobre o determinismo do meio e dos instintos sobre a ação dos homens, degradantes muitas vezes. Classificado por seu próprio autor como *romance naturalista*, o livro se bate contra o preconceito racial, deixando entrever que uma das saídas para a miséria do meio e o atraso intelectual era a educação, livre dos dogmas religiosos, sem a segregação e condenação à ignorância dos que não eram “bem nascidos”. O protagonista do livro, Raimundo, volta ao Brasil de seus estudos na Europa. É esperado por seu tutor, um tio paterno. Raimundo não sabe que é filho de uma escrava e um fazendeiro português. Aluísio Azevedo carrega na caracterização dos seus personagens, quase os reduzindo à caricatura, principalmente os portugueses do país, descritos como supersticiosos,

¹¹⁵ Ibidem.

¹¹⁶ POMPÉIA, op. cit., p. 74.

preconceituosos, gananciosos, concebendo o Brasil unicamente como fonte para enriquecimento pessoal, sonhando com as glórias da pátria natal de outros tempos; o clero também não escapou de uma descrição cáustica, retratado como corrupto e obtuso. Ao contrário dessa elite local, que reproduz relações coloniais ainda, Raimundo gostaria de ver o país onde nasceu liberto da ignorância, com pessoas que o construísem como nação. A princípio, suas ideias não incomodam a população local, pois Raimundo voltara da Europa “doutor”, o que conferia prestígio aos círculos sociais que frequentava. O grande problema surge quando se descobre sua origem: ele é mulato. O rapaz passa então a ser visto como um mestiço usurpador e não é mais admitido no convívio local. Não lhe permitem mais casar-se com a noiva que, grávida, sofre um aborto.

A imagem da sociedade corrompida é bastante carregada e alguns detalhes da construção textual já foram descritos pelo cânone literário como exagerados, despidos de talento. Seja de que forma for, é outra situação em que ideais republicanos, abolicionistas e de necessidade de construção de uma nacionalidade verdadeira estão presentes. Aluísio Azevedo denunciou o provincianismo e a deterioração da estrutura social de seu tempo; discutiu também o descompasso entre a aplicação do conhecimento científico e a realidade da população mestiça brasileira.

E Raimundo ali, no desconforto do seu quarto, sentia-se mais só do que nunca; sentia-se estrangeiro na sua própria terra, desprezado e perseguido ao mesmo tempo. “E tudo por quê?”... pensava ele, por que sucedera sua mãe não ser branca!... Mas do que servira então ter-se instruído e educado com tanto esmero? Do que servira a sua conduta reta e a inteireza de seu caráter? ... E Raimundo revoltava-se. Pois, melhores que fossem as suas intenções, todos ali o evitavam, porque a sua pobre mãe era preta e fora escrava! ... Amaldiçoada fosse aquela maldita raça de contrabandistas que introduziu o africano no Brasil! Maldita! Mil vezes maldita! Como ele, quantos desgraçados não sofriam o mesmo desespero e a mesma humilhação sem remédio? E quantos outros não gemiam no tronco, debaixo do relho? E lembrar-se que havia ainda surras e assassinios irresponsáveis, tanto nas fazendas como nas capitais!... Lembrar-se de que ainda nasciam cativos, por que muitos fazendeiros, apalavrados com o vigário da freguesia, batizavam ingênuos como nascidos antes da Lei do Ventre Livre!... Lembrar-se que a consequência de tanta perversidade seria uma geração de infelizes, que teriam de passar por aquele inferno em que ele agora se debatia vencido! E ainda o governo tinha escrúpulos de acabar por uma vez com a escravatura; ainda dizia descaradamente que o negro era uma propriedade, como se o roubo, por ser comprado e revendido, em primeira mão ou sem segunda, ou em milésima, deixasse por isso de ser um roubo para ser uma propriedade!¹¹⁷

¹¹⁷ AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 287-8.

Assim como para Raul Pompéia, para Azevedo, a educação e o conhecimento eram os elementos necessários para a construção da nação brasileira, para a formação de uma sociedade na qual as pessoas garantissem sua dignidade pelo mérito em suas atividades, com chances iguais para todos. De acordo com Roberto Ventura, o naturalismo e o cientificismo tiveram, no Brasil, papel semelhante à Ilustração na Europa do século XVIII, ao trazer um *saber secular e temporal*, afastado das concepções religiosas.¹¹⁸

Entre o final do século 19 e o início do século 20, a consciência de que existiam populações isoladas e potenciais recursos naturais não explorados foi algo que impulsionou movimentos em direção aos sertões brasileiros. “Literatos, poetas, jornalistas, médicos, engenheiros são conclamados e entrar na cruzada de criação da nação”.¹¹⁹ Intelectuais e, não por acaso, higienistas associaram o que consideravam o atraso do país, em termos econômicos e culturais, à doença. Para eles, populações isoladas, submetidas a mandatários locais, ignorantes e doentes não poderiam contribuir para a construção de um país moderno e sua consequente inserção no grupo de nações ricas. Mesmo assim, de acordo com a análise de Gilberto Hochman, para a saúde, “a dominação oligárquica que caracterizou o primeiro período republicano não foi obstáculo, mas, ao contrário, foi compatível com um crescente processo de centralização e intervenção estatal.”¹²⁰ A explicação está no fato de que

a preocupação dos ricos e sadios para com os menos afortunados e doentes e a decisão de agir para combater esse estado de coisas não derivariam apenas de uma concepção ética e moral, mas, principalmente, da percepção de que a ameaça da doença os tornara solidários e reorganizava a sociedade, as elites percebiam que tinham perdido a sua *imunidade social*, diante de um problema do qual dificilmente alguém poderia se eximir.¹²¹

Havia necessidade de soluções que melhorassem a situação dos que estivessem “em estado de privação e que, conseqüentemente, atenuariam a ameaça aos poderosos, ricos e sadios.”¹²² Em suma, as doenças se espalhavam sem respeitar posições sociais nem ambientes privilegiados. As teorias raciais e

¹¹⁸ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. p. 12.

¹¹⁹ LORENZO e COSTA (orgs.), Apresentação, op. cit., p. 190.

¹²⁰ HOCHMAN, A era..., p. 21.

¹²¹ Ibidem, p. 51

¹²² Ibidem, p. 52.

as explicações que, desde o século 19, localizavam na miscigenação a origem das carências nacionais não chegaram a ser solapadas, mas não constituíram a explicação científica por excelência para o país. A ideia de higienizar, sanear, “tornar são”, possibilitava a aposta na regeneração do meio físico e das pessoas. Assim, o movimento sanitarista, juntamente com a educação, integrou o conjunto de possibilidades de intervenção na realidade brasileira, que parecia apresentar mais sertões que civilização. O médico legista, alienista, romancista, ensaísta, professor Afrânio Peixoto (1876-1947), que ocupou a cadeira de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, afirmou que no Brasil os sertões começavam na periferia dos centros urbanos, “no ‘final da Avenida Central’”, e isso não era apenas uma figura de retórica de um movimento que buscava a construção de uma identidade nacional, mas um projeto e um processo de construção do poder público, e, através deste, de integração do interior do Brasil.”¹²³

Sanitaristas acompanharam a preparação de territórios e habitantes para o desenvolvimento do país. Um povo saudável e regiões salubres poderiam receber elementos do progresso e da civilização moderna, além de poderem contribuir para este processo de modernização. Premissas médicas e objetivos de Estado confluíam, e como “a educação médica e as organizações de saúde pública eram geralmente financiadas pelo Estado, este era visto como aliado natural dos médicos”.¹²⁴ Da mesma forma, o poder público viu nos projetos higienistas/sanitaristas de saúde pública um caminho para o seu fortalecimento. De acordo com Gilberto Hochman, houve a

transformação da saúde em um bem público e a criação de arranjos coletivos e amplos para produzi-lo. Para tanto, é importante indicar o caráter histórico da coletivização de um bem – ou como a saúde se torna pública – e como se deu efetivamente essa coletivização, com a criação e penetração do Poder Público em todo o território nacional, materializado por estruturas administrativas, instrumentos legais e funcionários. Nesse sentido, sugiro que a transformação da saúde em um bem público interage fortemente com a constituição de uma comunidade nacional e com a formação do Estado no Brasil.¹²⁵

¹²³ THIELEN, Eduardo V. et alii. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2002. p. 132.

¹²⁴ STEPAN, op. cit., p. 50.

¹²⁵ HOCHMAN, A era..., op. cit., p. 23.

Houve duas fases do movimento sanitarista no Brasil: a primeira, na primeira década do século 20, contou com Oswaldo Cruz para a organização e administração dos serviços federais de saúde – de 1903 a 1909. Concentrou-se no saneamento do Rio de Janeiro, no combate às epidemias de febre amarela, peste e varíola, assim como nas cidades de Santos e São Paulo. “O fator determinante das políticas públicas de saúde nesse primeiro período era a necessidade de livrar o país dos prejuízos causados ao comércio exterior pelas péssimas condições sanitárias da capital federal e de seu porto”.¹²⁶ Em 1906, Antônio Cardoso Fontes foi mandado a São Luís do Maranhão para combater a febre amarela e organizar os serviços de saúde pública na região; Carlos Chagas organizou a primeira campanha no país contra a malária em Itatinga (SP), local onde a Cia. Docas de Santos iniciara, três anos antes, a construção de uma usina hidrelétrica; com auxílio de Arthur Neiva e Rocha Faria, a campanha se estendeu à Baixada Fluminense, na região em que mananciais eram captados pela Inspetoria Geral de Obras, para a ampliação do abastecimento da cidade do Rio de Janeiro.¹²⁷ Todos eram colaboradores de Oswaldo Cruz no Instituto Manguinhos, que no período não escapava à crítica de muitos congressistas convencidos que o investimento para a manutenção do local era altíssimo e desnecessário. Contra os pesquisadores do Instituto também se exprimiam os que não aceitavam que a fabricação de soros e remédios ficasse a cargo do Estado, assim como os docentes mais conservadores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esta situação se modificou apenas em 1907, quando o Brasil recebeu o primeiro prêmio na Exposição Mundial de Higiene e Demografia, em Berlim. “Oswaldo Cruz, que embarcara para a Europa praticamente demissionário, regressou com o prestígio de um ídolo”.¹²⁸ Ele se tornou “um herói cultural entre a elite”¹²⁹ e seu centro de pesquisas, o Instituto Manguinhos – atualmente Fundação Instituto Oswaldo Cruz –, passou a ser referência para estudos da chamada medicina tropical.

¹²⁶ HOCHMAN, Gilberto. A saúde pública em tempos de Capanema: continuidades e inovações. In: BONEMY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 130.

¹²⁷ THIELEN, op. cit., p. 7. Ver também

<<http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=143&sid=76>> Consultado em 15/06/2007.

¹²⁸ Ibidem, p. 6.

¹²⁹ Ibidem.

A segunda fase do movimento sanitariaista teve início quando o marechal Hermes da Fonseca venceu as eleições presidenciais em 1910: ele tinha como metas sanear e modernizar o país. A ciência poderia fornecer subsídios para isso, permitindo que se conhecesse verdadeiramente o território nacional, integrando as diferentes regiões e populações. “Ao evidente interesse econômico de algumas campanhas somava-se o esforço de construção nacional, por parte do Estado republicano, através da incorporação de populações até então isoladas no vasto interior brasileiro”.¹³⁰ Quando estavam no início as obras da estrada de ferro da Central do Brasil para ligar Pirapora (MG) a Belém do Pará, os médicos Carlos Chagas e Belisário Penna foram enviados a Minas Gerais, para combater a malária. Foi nessa campanha que Chagas iniciou suas investigações sobre o inseto conhecido como barbeiro. A malária também levou Arthur Neiva a São Paulo, a serviço da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Em 1910, por conta de um surto da mesma doença, Oswaldo Cruz foi chamado a inspecionar as obras da *Light and Power*, que construía uma usina hidrelétrica em Ribeirão de Lages (RJ). No mesmo ano, ele e Belisário Penna foram à Amazônia, quando a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré foi retomada. Na passagem por Belém, Cruz também coordenou uma campanha contra a febre amarela na cidade.¹³¹ O pesquisador Astrogildo Machado e o farmacêutico Antônio Martins, ambos do a partir de então Instituto Oswaldo Cruz, acompanharam outros trabalhos para a expansão da Central do Brasil rumo ao norte, nos vales do São Francisco e do Tocantins¹³², entre setembro de 1911 e fevereiro de 1912.

Essas campanhas iniciais não davam conta das enfermidades que se alastravam com a construção das estradas de ferro ou usinas, com o estabelecimento de povoados no entorno das obras e com a circulação de trabalhadores estrangeiros e nacionais de outros estados pelo centro e norte do país. Em casos como o da Madeira-Mamoré, a função dos médicos era possibilitar que o trabalho fosse suportável aos doentes de malária, garantindo que as empreitadas chegassem ao final. De acordo com Francisco Foot Hardman, “não se trata de acabar com a morte e a doença, mas de administrá-las em níveis suportáveis – não para a humanidade ou a civilização em geral, mas para a

¹³⁰ Ibidem, p. 4.

¹³¹ Ibidem, p. 7.

¹³² Ibidem.

companhia particular que empreitou as obras. Aqui, não há mediações: o saber médico-sanitário converte-se ele próprio numa das principais forças produtivas.”¹³³ Outro fator destacado por Hardman é o teor dos relatórios médicos sobre a situação dos trabalhadores da Madeira-Mamoré, com “a linguagem seca sobre a rentabilidade do trabalhador”.¹³⁴ Na primeira década do século 20, como se percebe, grande parte das campanhas sanitárias era solicitada para auxiliar o trabalho de companhias privadas.

Mas em 1912, médicos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz empreenderam três grandes viagens, denominadas *expedições*, a serviço da Inspetoria das Obras contra a Seca – criada em 1910, pouco antes da eleição de Hermes da Fonseca – e da Superintendência da Defesa da Borracha. Diferentemente das viagens anteriores, essas expedições visavam investigações científicas e não a ação sanitária pontual.

Arthur Neiva e Belisário Penna percorreram o norte da Bahia, o sudeste de Pernambuco, o sul do Piauí e Goiás de norte a sul. Para o Ceará e o norte do Piauí, dirigiram-se João Pedro de Albuquerque e José Gomes de Faria. Adolpho Lutz e Astrogildo Machado desceram o rio São Francisco, de Pirapora a Juazeiro, visitando também alguns de seus afluentes. A serviço da Superintendência da Defesa da Borracha, Carlos Chagas, Pacheco Leão e João Pedro de Albuquerque inspecionaram boa parte da bacia amazônica, entre outubro de 1912 e março de 1913.¹³⁵

O relatório de Belisário Penna e Arthur Neiva criou o interesse geral pelo saneamento e pelos sertões do país, já representados pelo texto literário do engenheiro Euclides da Cunha¹³⁶ – ele próprio integrante, desde o final do século 19 até 1906, de expedições ao norte e nordeste do país, por conta das estradas de ferro, além de missões do Ministério das Relações Exteriores nas regiões de fronteira e uma breve passagem pela Comissão de Saneamento de Santos. As impressões de Penna e Neiva se disseminaram pelo país nos jornais, juntamente com debates acadêmicos e parlamentares a respeito do assunto. Foi como se

¹³³ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 139.

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ THIELEN, op. cit., p. 7.

¹³⁶ O livro *Os sertões* foi publicado em 1902, pela Editora Laemmert & Comp., do Rio de Janeiro. Nas suas 637 páginas é descrita *A Terra*, desde o litoral do Rio Janeiro até o da Bahia, dirigindo-se a seu interior, rumo ao rio São Francisco, até Belo Monte (Canudos); *O Homem*, sertanejo forte, “sem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”; e *A Luta* dos soldados republicanos contra os miseráveis partidários do místico anti-republicano Antônio Conselheiro. A edição original conta com mapas, ilustrações sobre a flora e a geografia das regiões descritas e fotos de Flavio de Barros.

outra sociedade tivesse sido descoberta no interior do Brasil. Certamente que a pobreza não era novidade para o restante dos brasileiros, mas a população pobre descrita no relatório dos sanitaristas parecia diversa. Além de ignorante, encontrava-se isolada, executava um trabalho primitivo, com objetos rústicos; em muitos locais, sequer utilizava moeda. Mais que isso, era portadora de doenças estranhas e desconhecia a noção de país. Causou forte impressão em Belisário Penna o fato de os habitantes dos sertões do Brasil não entenderem o conceito de país. Cada localidade era entendida como *uma terra*. “A única bandeira que conhecem é a do Divino.”¹³⁷

Mesmo com todas as teorias racialistas que já haviam inspirado médicos desde o final do século 19, no início do século 20, os sanitaristas possuíam uma certeza: a causa do “atraso” dos sertões não podia ser explicada apenas pela raça, mas pela doença e pelo abandono por parte de sucessivos governos. Penna e Neiva sintetizaram a vida dos sertanejos – resumida “à criação miunça, às vicissitudes da seca, à previsão do inverno e nada mais”¹³⁸ – e também registraram sua própria versão do *sertanejo forte*:

... apesar do estalecídio [asma] ou do estalecido, como mais comumente pronunciavam, do vexame, da entalação e do impaludismo periódico após o inverno, é um povo resistente, havendo belos tipos de compleição atlética, organização robusta, resignados, estóicos e indiferentes à morte, otimamente adaptados à natureza hostil de suas terras.¹³⁹

Recusando a representação romântica do brasileiro, assim como o conceito da sua incapacidade atávica, advinda da mestiçagem, os “sanitaristas expedicionários” quiseram dar provas de que era possível a recuperação do quadro que divulgavam. Isso seria conseguido pela associação do saber médico com o poder público.

Além de vários trechos publicados em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo, o relatório de Penna e Neiva foi editado integralmente em 1916. Este relatório também alimentou outros artigos de Belisário Penna para o jornal *Correio da Manhã*, entre 1916-7. Mesmo que o público leitor fosse pequeno, as ideias

¹³⁷ PENNA, Belisário & NEIVA, Arthur. Expedição pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte a Sul de Goiás. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro, Instituto Oswaldo Cruz, 1916. Apud: THIELEN, op. cit., p. 58.

¹³⁸ Ibidem, p. 57.

¹³⁹ Ibidem.

tinham grande divulgação e o tema estava sempre presente na imprensa. Dois anos antes, em artigos para o jornal *O Estado de São Paulo*, um certo Monteiro Lobato definira o caboclo do interior como “um piolho da terra a habitar qualquer pedaço de chão”, em moradias que pareciam brotar do chão, de um dia para outro, como urupês. Nas matérias *Velha Praga* e *Urupês*, o fazendeiro formado em direito e escritor referiu-se ao homem do interior de São Paulo como *Jeca Tatu*, a utilizar a terra de forma predatória, vivendo de um extrativismo primitivo e dominado pela ignorância e por uma estrutura agrária arcaica, geração após geração. Em 1918, escreveu para *O Estado de São Paulo* outras matérias com o mesmo tema; nelas, o Jeca Tatu ainda era fonte de problemas vários, mas havia outra explicação para o fato: em linhas gerais, além da ignorância, o Jeca era *vítima* das doenças e do descaso do poder público. Sobre esta mudança de perspectiva de Monteiro Lobato, Aluizio Alves Filho explicou:

Foram médicos higienistas sediados no Rio de Janeiro, no Instituto de Manguinhos (atual Fundação Osvaldo Cruz) que, ao publicar relatório de pesquisa em 1916 apontando para a calamitosa situação de saúde em que se encontravam as populações rurais, vitimadas por numerosas endemias, levantaram a questão. A publicação do relatório de Manguinhos colocava a desnudo, pela primeira vez, a realidade existente. É calcado nas conclusões de Manguinhos que Lobato escreveria um conjunto de indignados artigos em *O Estado de São Paulo* (1918), denunciando o descaso oficial em relação às condições de saúde do homem pobre do campo. Nestes artigos - reunidos em *Problema vital* - a identidade do Jeca Tatu, construída em torno da preguiça em *Velha praga* e *Urupês*, era substituída pela do Jeca tão doente quanto abandonado.¹⁴⁰

A leitura dos relatórios das expedições médicas pelo interior do Brasil provocou engajamentos pela saúde pública, abordando a integração de populações e locais longínquos. Entendia-se, através dos textos dos viajantes médicos, que uma grande integração nacional deveria ser feita via saneamento; caso contrário, o Brasil doente contaminaria o restante do país e não realizaria o que havia de potencial na terra. A ciência poderia bloquear os elementos que impediam o progresso, como doenças, má utilização do solo e ignorância, através de políticas específicas, centralizadas, dirigidas a esses males. Como sublinha Nancy Stepan, “raramente se examina a ciência como parte do projeto de

¹⁴⁰ ALVES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu*: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Inverta, 2003. p. 103-4.

nacionalismo, apesar de ter sido um poderoso discurso regulador do seu significado”.¹⁴¹

Em 1918, foi criada na capital federal a Liga Pró-Saneamento, por conta do alcance que o movimento sanitariaista adquiriu. Belisário Penna foi indicado para a presidência do órgão. Neste mesmo ano, publicou o livro *Saneamento do Brasil*, com o subtítulo “sanear o Brasil e povoa-lo; e enriquece-lo; e moraliza-lo”¹⁴². Nele, discutiu a relação entre doença, sociedade e política e delineou um plano de saneamento rural para todo o país. Para o sanitariaista, como para todos os que se engajaram na Liga Pró-Saneamento (médicos, políticos, educadores, militares, escritores), a saúde da população brasileira não se encontrava debilitada apenas pela falta de remédios ou infra-estrutura, mas principalmente pelo federalismo¹⁴³, que barrava qualquer iniciativa nacional e priorizava interesses locais, de norte a sul do país.

Após divulgar o diagnóstico de que o Brasil era um grande sertão e um vasto hospital, e reivindicar políticas de saneamento como instrumento de recuperação e integração do país, a Liga Pró-Saneamento do Brasil passou a contar com o apoio de um grande número de intelectuais, que se dedicavam a fazer palestras e demonstrações de ações de prevenção e educação higiênica, apresentar estatísticas sobre o quadro sanitário do país, escrever livros e artigos sobre o tema, fazer propaganda onde quer que encontrassem espaço e acolhida, além de publicar um periódico oficial denominado *Saúde*. E, principalmente, procuravam pressionar o Poder Legislativo no sentido de produzir uma legislação sanitária e levar a autoridade pública, em todos os níveis, a assumir mais a responsabilidade pela saúde da população.¹⁴⁴

O livro de Penna é apontado como o motivo para a criação do Serviço de Profilaxia Rural, pelo então presidente Wenceslau Brás, também em 1918. No ano seguinte, no governo de Epitácio Pessoa, foi reorganizada a Diretoria Geral de Saúde Pública e Carlos Chagas nomeado para comandá-la. Em 1920, o Congresso Nacional aprovou a transformação da Diretoria em Departamento Nacional de Saúde Pública, também sob a direção de Chagas. Vinculado ao Departamento Nacional, ficou o Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural dirigido por Belisário Penna, que efetivou a instalação de serviços de profilaxia

¹⁴¹ STEPAN, op. cit., p. 119.

¹⁴² PENNA, Belisário. *O saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunais, 1918.

¹⁴³ HOCHMAN, A era... op. cit., p. 71.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 76.

rural em 15 estados.¹⁴⁵ A Fundação Rockefeller, presente no Brasil desde 1916, que já realizava pesquisas e profilaxia das doenças tropicais, continuou colaborando com o Departamento Nacional de Saúde Pública (na década de 1920) e mais tarde com o Ministério da Educação e Saúde (na década de 1930).

Por entender o movimento sanitarista como opção política para o país, Penna não estava disposto a fazer concessão alguma em seu projeto original. Por conta disso, desentendeu-se e rompeu relações com outros sanitaristas, inclusive Carlos Chagas. Exonerou-se de suas funções em 1922. Em 1924, apoiou a revolta tenentista contra Arthur Bernardes, o que lhe valeu seis meses de detenção no quartel do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Foi reintegrado ao serviço público de saúde em 1927, nunca interrompendo a publicação de artigos em jornais sobre higiene e educação; passou a integrar a Comissão Central Brasileira de Eugenia. Renato Kehl, o porta-voz do movimento eugênico brasileiro (abordado adiante), era casado com a filha de Belisário Penna. O sanitarista apoiou a Revolução de 30, na qual viu a oportunidade de levar adiante sua campanha, que entendia como movimento antioligárquico, não apenas sanitário. Foi então convidado a assumir o Departamento Nacional de Saúde Pública e também o recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública, no qual permaneceu por alguns meses. As disputas políticas internas do início do governo Vargas e a falta de verbas para seus projetos fizeram que com que Penna se exonerasse novamente de suas funções. Dessa vez, ingressou na Ação Integralista Brasileira. Quando esta foi dissolvida por Getúlio Vargas, em 1937, Penna retirou-se para sua fazenda no interior do Rio de Janeiro, onde faleceu em 1939.¹⁴⁶

O empenho com que Belisário Penna levou adiante sua campanha sanitarista, principalmente nas duas primeiras décadas do século 20, foi o mesmo de intelectuais que viam na saúde e na educação o caminho para a nação ideal. A divulgação dessas ideias era fator de suma importância para o movimento. “O movimento sanitarista saturou a sociedade brasileira com uma interpretação sobre o Brasil a partir de dois eixos complementares que o definiriam: *o hospital e*

¹⁴⁵ SANTOS, Ricardo Augusto e THIELEN, Eduardo Vilela. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. vol. 9. n. 2. Rio de Janeiro, maio/ago. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-597020020002000008&lng=en&nrm=iso> Acesso em 15/08/2008.

¹⁴⁶ HOCHMAN, *A saúde pública...*, op. cit., p. 127-8; SANTOS, op. cit.

os sertões”.¹⁴⁷ Não é exagero afirmar que a higiene estava na ordem do dia, não apenas nos planos médicos, mas nos discursos políticos, na imprensa e nas manifestações artísticas. De acordo com Gilberto Hochman,

Nunca essas relações foram tão radicalmente elaboradas e tão claramente expostas e apresentadas à sociedade brasileira. A enorme capacidade de persuasão dessas idéias, ou, no mínimo, a capacidade de promoção de grandes polêmicas, deve-se ao fato de essas relações serem apresentadas como, e com base em, uma interpretação mais geral sobre o Brasil, além de um dramático diagnóstico sobre as condições de existência dos brasileiros.¹⁴⁸

Jornais de grande circulação, como *O Estado de São Paulo*, *O Paiz* e *O Correio da Manhã* deram destaque aos debates sobre o tema e sobre a campanha pelo saneamento rural. Os periódicos satíricos e literários também apontavam as falhas das políticas republicanas de saúde pública, levando a discussão adiante. Ficaram famosas as caricaturas de Oswaldo Cruz e seus assistentes durante as campanhas de saneamento das reformas urbanas no Rio de Janeiro, no governo Rodrigues Alves (1902-1906). Cruz foi retratado como o “Luiz XV da Vacinação”; como um afetado cavaleiro cruzado; uma seringa ambulante; um caçador de ratos etc. Fosse da forma que fosse, o sanitarismo entre as décadas de 10-20 constava em todos os periódicos, das capitais e e também dos pequenos centros.

Em 15 de dezembro de 1912, durante obras iniciais da estrada de ferro da Central do Brasil – para ligar Pirapora (MG) a Belém do Pará –, o jornal *Norte de Goyaz* noticiava:

Quem conhece a zona norte-goiana e observa a quantidade enormíssima de cretinos, idiotas, aleijados, surdos-mudos, papudos etc. que existe em grande número de cidades, vilas e arraiais nortenses, facilmente se convencerá de que não é somente a zona percorrida pela ilustre missão científica a contaminada; infelizmente, desgraçadamente, grandes extensões do Norte acham-se contaminadas e a percentagem de doentes por zonas talvez não seja muito inferior à observada no trajeto dessa cidade à capital.¹⁴⁹

Em 1910, *O Paraná – Orgam da Mocidade Paranaense*, periódico “crittico, litterario e humoristico” – publicou a crônica *O Mirante*. Nela, os personagens Dr.

¹⁴⁷ HOCHMAN, A era..., op. cit., p. 79.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 61.

¹⁴⁹ *Norte de Goyaz*. Porto Nacional, 15 de dezembro de 1912. Apud: THIELEN, Eduardo V. et alii. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2002. p. 18.

Prudente e Zé observam a cidade de Curitiba, do alto de um mirante, através de uma luneta. Os dois discutem sobre a política do país, o patriotismo e problemas locais, como uma epidemia de varicela, aparentemente tratada de forma precária pelas autoridades sanitárias:

- ... volvamos o aparelho para a nossa urbs.
- Basta, basta, amigo. Por aqui é só cara de varicellosos. O diabo leve esta hygiene, a qual já dá para dizer como disse Castro Alves:
Hygiene, onde estás que não respondes
Em que canto, em que inferno tu te escondes,
Na doce vadiação?
Há mil varicellosos que chamam
Que embalde a ti gritam, embalde a ti clamam
Onde estás, Dr. Leão?
- Licenciado, seu Zé. Não viste o Diário de 3?
- Sim; mas taes providencias só depois que todo mundo está marcado.¹⁵⁰

Dominichi Miranda de Sá destaca que os jornais também deram espaço à vulgarização científica.¹⁵¹ Outra publicação, de grande alcance, aliada por excelência das campanhas sanitaristas, foi o almanaque de farmácia, que conseguia atingir populações de locais mais remotos.

1.4 Na *Farmácia Brasileira*

Roger Chartier sintetizou a importância dos almanaques de farmácia brasileiros no século 20, na introdução que escreveu para *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*, de Margareth B. Park:

No Brasil do século XX, os almanaques farmacêuticos assumem, como alguns de seus precursores europeus, a tarefa da educação sanitária e moral do maior número de pessoas. Fazendo uma aliança original entre publicidade comercial, normas familiares e projeto de higienização, eles se inscrevem, a sua maneira, na filiação dos almanaques "esclarecidos" e pedagógicos do tempo das Luzes. Mas no contexto do Estado moderno, eles são igualmente

¹⁵⁰ DA COSTA, Aristarcho. O minarete. *O Paraná*. Curitiba, 15 de junho de 1910. Apud: BERBERI, Elizabete; RORIGUES, Marília Mezzomo. *A urbs viciosa: a crônica está além da notícia. Monumenta*. Curitiba, v. 1, n. 2, outono de 1998. p. 8. Grifos no original.

¹⁵¹ DE SÁ, Dominichi M. *A ciência como profissão; médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 115.

os portadores de um projeto de reforma e de civilização identificado ao destino da nação e, para alguns, da raça.¹⁵²

Ao final do século 19 e início do século 20, os almanaques brasileiros foram todos publicados por laboratórios farmacêuticos para a veiculação publicitária de seus produtos; todos tinham distribuição gratuita. Margareth Park apontou o *Pharol da Medicina* como a matriz para outros almanaques publicados posteriormente no Brasil. Produzido pela Drogaria Granado do Rio de Janeiro, seu primeiro número teve tiragem de 100 mil exemplares, em 1887. Até 1910, a tiragem permaneceu a mesma; em 1912, passou a 150 mil exemplares, alcançando os 200 mil em 1913.¹⁵³ Além da publicidade dos laboratórios, os almanaques apresentavam informações sobre saúde; como evitar doenças e realizar pequenas obras de saneamento (latrinas e poços); fatos curiosos; tabelas de lunações; charadas; caricaturas; piadas; calendários; informações astrológicas. A publicidade dos medicamentos os apresentava como verdadeiras panacéias, mas também repetiam frases do ideário higienista para reforçar a eficácia dos seus princípios ativos. Os almanaques eram distribuídos nas farmácias, as quais, nas cidades de interior, faziam as vezes de hospitais e consultórios médicos, por conta da carência dessas instalações e desses profissionais. Assim como os armazéns, também funcionavam como ponto de encontro.

Em suas memórias, Erico Verissimo dedica um capítulo à Farmácia Brasileira, de seu pai, e vários outros às imagens que o ambiente registrou na imaginação do menino de interior no início do século 20.

A farmácia era o mais importante ponto de reunião dos vadios e aposentados da cidade. Havia as horas do chimarrão – dez da manhã e cinco da tarde – em que a cuia andava de mão em mão e a mesma bomba de prata de boca em boca. Nas casas de negócio em geral não se permitia que pessoas estranhas ao serviço transpusessem a muralha simbólica do balcão. Mas era justamente nas farmácias – onde o laboratório devia ser uma espécie de santuário – que essa regra não era seguida a rigor.¹⁵⁴

Como o pai de Verissimo era um autêntico *bon-vivant*, contratou um “prático”, responsável pela manipulação de fórmulas e consciencioso com relação

¹⁵² CHARTIER, Roger. Introdução: o livro dos livros. In: PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 10.

¹⁵³ PARK, op. cit., p. 72-6.

¹⁵⁴ VERISSIMO, *Solo*, op. cit., p. 38.

ao movimento de caixa (geralmente baixo, por conta das compras fiadas), e alguns jovens assistentes. Assim, desembaraçado das atividades profissionais, o farmacêutico mantinha seu estabelecimento como espaço de sociabilidade privilegiado:

A farmácia propriamente dita ficava separada da casa residencial por um corredor pavimentado de mosaicos, e no qual se viam mesas e cadeiras de madeira e metal igual às que havia ao redor do quiosque da praça principal da cidade. Amigos de meu pai costumavam aparecer às horas mais improváveis do dia, sentavam-se a essas mesas e, como se estivessem num bar, batiam palmas e pediam à primeira criada que aparecesse uma cerveja bem fresquinha, um cálice de Paraty ou uma gasosa. Os mais “civilizados” bebiam champanha francesa e comiam pedacinhos de pão barrados com caviar russo. Meu pai costumava contemplar essas cenas com um radiante sorriso de bom anfitrião.¹⁵⁵

A política era tema constante na farmácia de Sebastião Veríssimo, republicano antioligarquias e editor do jornalzinho humorístico *O Calhorda*, juntamente com o médico Catarino Azambuja, seu cunhado. A movimentação do lugar se completava com “prostitutas circulando, práticos bolinando, gente trepando atrás das portas, anedotas picarescas”.¹⁵⁶ Em resumo, como definiu Erico Verissimo, “era um ambiente de cio permanente”.¹⁵⁷ Na farmácia funcionava a sala de operações, comandada pelo cirurgião italiano Cesare Merlo. Nos fundos, havia dois pavilhões, onde os recém-operados em estado mais delicado aguardavam pela alta médica, muitas vezes com as famílias que lá se instalavam também. Entende-se, pelas descrições de Verissimo em *Solo de Clarineta*, que a cidade não possuía hospital e as urgências não deixavam tempo para que doentes e feridos fossem transportados até a cidade mais próxima.

O menino circulava, então, entre a vida familiar, não muito calma por conta do temperamento do pai, e o cotidiano da farmácia. Os dois ambientes, “pegados”, geralmente se misturam na narrativa do autor:

E o cirurgião operava hérnias, extraía tumores, fazia ablações, laparotomias... e o odor das gostosas comidas da mulata Paula, nossa emérita cozinheira, evolvendo-se da cozinha – que ficava a uns vinte passos da sala de operações – muitas vezes misturava-e no ar com as emanações de éter, clorofórmio, formol e com o doce-enjoativo-pegajoso cheiro do pus que manchava dum amarelo de mostarda os algodões e as gases ensangüentadas do lixo operatório, que era atirado numa

¹⁵⁵ Ibidem, p. 39.

¹⁵⁶ VERISSIMO, Erico. A liberdade será sempre a minha causa. Entrevista. *Revista Realidade*. v. 6, n. 71. São Paulo, fev. 1972, p. 66-76. In: BORDINI, op. cit., p. 92.

¹⁵⁷ Ibidem.

fossa funda da latrina, numa das extremidades do pátio pavimentado de tijolos, comum à farmácia e à residência.

Um dia, um gaiato com um mórbido conceito de humor colocou na soleira da porta de nossa cozinha um rim humano, deformado por um tumor, que o Dr. Merlo acabara de extirpar do corpo de um paciente. “Sia” Paula botou a boca no mundo e, pelas dúvidas, insultou as mães de todos os suspeitos.¹⁵⁸

No quintal atrás da farmácia, havia uma ameixeira-do-japão, árvore que o autor tomou, segundo ele próprio, *manu militari*, transformando-a em refúgio e posto de observação avançado: “trepado como um arborícola nos galhos dessa ameixeira eu observava as atividades da farmácia. Via às vezes um enfermeiro sair da sala de operações carregando uma perna ou um pé ou um braço humano recém-amputado. Não sei se os enterravam em algum lugar ou se distante dali ou se simplesmente os jogavam dentro do buraco da latrina.”¹⁵⁹ Para o seu refúgio, Verissimo carregava livros e revistas – Sebastião Veríssimo era assinante de jornais e revistas da capital federal, da capital gaúcha, assim como de periódicos europeus, como a revista francesa *L’Illustration*. Sua biblioteca foi lembrada nas memórias do filho como uma preciosidade que aos poucos foi dilapidada por empréstimos sem volta e livros que o dono ofertava aos amigos e visitantes. Nela, Erico Verissimo encontrou os primeiros livros de Jules Verne, dos quais, por muitas vezes, “saltei por cima das dissertações puramente geográficas ou históricas”, pois “o que me interessava em seus romances não era a cultura, mas a aventura”¹⁶⁰; passou a ler os romances do médico higienista Afrânio Peixoto, “alternando essas leituras realistas com novelas de aventuras folhetinescas”. “Travei conhecimento com Aluizio de Azevedo através de *O Cortiço* e *Casa de Pensão* ... Coelho Neto me conquistou ... com o seu *Sertão*... Por mais estranho que pareça, a minha primeira tentativa para ler Machado de Assis não foi lá muito bem sucedida. Fiz passeios deliciosos pelos romances de Joaquim Manoel de Macedo...Tive uma paixão literária por Afonso Arinos por causa de seu *Pelo Sertão*”.¹⁶¹ Uma guinada nas escolhas literárias de Verissimo ocorreu durante o surto de gripe espanhola no Brasil, quando ele tinha 13 anos de idade: “Foi durante a influenza de 1918 que li pela primeira vez Eça de Queirós (*Os Maias*),

¹⁵⁸ Idem, *Solo...*, op. cit., p. 41.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 65.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 119.

¹⁶¹ Ibidem, p. 120.

Dostoiévski (*Recordação a Casa dos Mortos* e *Crime e Castigo*), Tolstói (*Ana Karênina*) e o *Ivanhoé*, de Walter Scott. E a minha salada literária foi um dia apimentada fortemente por livros de Émile Zola como *L'Assomoir*, *Naná*, *Germinal*, *Tereza Raquin* e *A Besta Humana*".¹⁶²

Outras leituras às quais Verissimo dedicou páginas de suas memórias foram as dos almanaques que chegavam à farmácia, onde ele não tinha permissão para entrar, mas "ousava penetrar às escondidas na sala de operações, antes ou depois de um ato cirúrgico, e de lá saía quase sufocado pelas emanações de formol com que a fumigavam para desinfetá-la. Era também meu costume andar pelos compartimentos da botica paterna, atento à chegada de almanaques novos".¹⁶³ E, leitura por excelência das crianças brasileiras do início do século 20, a revista *O Tico-Tico*. Era publicada por Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, dono de *O Malho* – a revista humorística que, lançada em 1902, anunciava: "tudo que passar a seu alcance será a bigorna".¹⁶⁴

A revista *O Tico-Tico* foi criada em 1905, ano em que Verissimo nasceu, e circulou até 1962. O periódico infantil foi idealizado e coordenado por Renato de Castro, jornalista e caricaturista, Cardoso Júnior, poeta, e Manoel Bomfim, médico e professor. Ligado ao poeta Olavo Bilac desde a década de 1890, Bomfim compartilhava com este a crença na capacidade transformadora da educação. Ao final daquela década, foi o diretor da pasta de Instrução Pública do Distrito Federal, além de já dirigir e desenvolver projetos no *Pedagogium*, criado em 1890 pelo Ministério da Instrução Correio e Telégrafos, como um laboratório para desenvolver o ensino da república.¹⁶⁵ Em 1910, Bomfim publicou, com Bilac, *Através do Brasil*, "livro de leitura" (próximo aos paradidáticos atuais) que apresenta dois irmãos em viagem pelo país; "não constitui simples deslocamento espacial pelo território nacional, mas, ao longo da narrativa, revela-se fundamentalmente como jornada educativa que se realiza na interação das personagens e dos leitores — com uma determinada realidade objetiva representada com intenção verossímil na narrativa como o próprio

¹⁶² Ibidem, p. 121.

¹⁶³ Ibidem, p. 65.

¹⁶⁴ Disponível em < <http://memoriaviva.digi.com.br/omalho/>> Consultado em 23/01/2008.

¹⁶⁵ BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 63-4.

Brasil.”¹⁶⁶ O livro buscava transmitir, a partir da viagem de duas crianças e do mapeamento do país, a noção de unidade territorial – e de nação. Dois meninos partem em busca do pai, engenheiro ferroviário, que adoeceu durante as obras da estrada de ferro de Águas Belas, em Garanhuns (PE). Atrás de informações incorretas e orientações imprecisas, os meninos percorrem o Brasil de norte a sul, conhecendo detalhes geográficos, hábitos e tipos humanos.¹⁶⁷ À parte os referenciais de fundo romântico – acerca da grandeza do país, da formação do povo e da natureza – o livro pode ser associado, de certa forma, aos relatos dos médicos sanitaristas em peregrinação pelo país. *Através do Brasil* esteve presente em bibliotecas e salas de aula brasileiras durante toda a primeira metade do século 20. Manteve a longevidade de *O Tico-Tico*, que também apresentava objetivos educativos.

Além de histórias em quadrinhos, jogos e “brinquedos de armar”, n’*O Tico-Tico* eram publicadas, em capítulos, obras de Jules Verne, Mark Twain, Miguel de Cervantes, Jonathan Swift e mesmo de Shakespeare. Nas seções *Correspondência do Dr. Sabetudo* e *Lições do Vovô*¹⁶⁸ eram transmitidas noções de civismo, higiene e disciplina. Erico Verissimo dedicou mais descrições à revista que aos autores das obras consagradas que leu.

Quarta-feira era o meu dia mais esperado e feliz da semana, pois era às quartas que geralmente chegava a Cruz Alta o último número de *O Tico-Tico*... Eu entrava na livraria com um certo temor no coração e perguntava com voz mal audível: “Chegou *O Tico-Tico*?” E ficava com os olhos, o coração, todo o meu ser, em suma, preso aos lábios do seu Doca. Com sua calma imperturbável, ele olhava em torno, lento, e depois, arrastando os pés, aproximava-se dos pacotes recém-chegados da agência do Correio e apanhava o novo número da revista, entregando-o ao alvoroçado assinante. Não freqüentemente o livreiro informava: “*O Tico-Tico* não chegou. Esta semana está atrasado.” Minha decepção ante a terrível notícia tinha um caráter quase catastrófico... Fazia a volta e tornava à casa de cabeça baixa, um vácuo na cabeça, um aperto no peito ... Nas “quartas-feiras felizes” eu agarrava o número de *O Tico-Tico* recém-chegado e folheava-o aflito, no caminho para casa, sem saber que estória devia ler primeiro ... Eu aproximava a revista do nariz, para sentir aquele cheiro mágico de tinta e de papel de jornal. No pátio a ameixeira do Japão parecia esperar-me, interessada também nas estórias de *O Tico-Tico*.¹⁶⁹

A leitura de aventuras influenciou profundamente Erico Verissimo, algo que se percebe na sua produção de literatura infantil, marcada pela aventura e pelas

¹⁶⁶ Ibidem, p. 102.

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ Ver < http://www.fundacaoastrojildo.org.br/index.asp?opcao=mostra_noticia&id=492>

¹⁶⁹ VERISSIMO, *Solo...*, op. cit., p. 67-8.

viagens. Ele sempre chamou a atenção para a necessidade do sonho e da imaginação na literatura infantil, mas é inegável o traço educativo que suas histórias apresentam. E na confluência da viagem e do aspecto educativo, encontra-se a ciência, aplicada visando o desenvolvimento social; ou a sua ausência, ilustrando desequilíbrios. Entre 1935 e 1936, Erico Verissimo publicou *A vida de Joana d'Arc*, *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres*, *Rosa Maria no Castelo Encantado* e *Meu ABC*. Em 1937, saiu *Aventuras de Tibicuera*, história de um índio imortal, que ainda criança deixou sua tribo e acompanhou toda a história do Brasil, avançando alguns anos no futuro (o livro termina em 1942). “Reagindo ao ufanismo da ditadura Vargas, faz sua versão paradidática da história brasileira.”¹⁷⁰ Com este livro, Verissimo foi um dos selecionados daquele ano pela Comissão Nacional de Literatura Infantil, criada pelo ministro Gustavo Capanema, da Educação e Saúde Pública, para estimular a produção literária de qualidade dirigida às crianças.

Os concursos promovidos pela CNLI selecionavam e premiavam livros por categorias e faixa-etária. Participaram desses concursos e foram premiados autores como Lúcia Miguel Pereira (*A fada menina*), Marques Rebelo (*A casa das três rolinhas*) e Graciliano Ramos (*A terra dos meninos pelados*), entre outros.¹⁷¹ O incentivo à produção de literatura infantil foi significativo na década de 1930,

período em que Erico Verissimo se afirma como autor de livros para crianças, tanto pelo volume, como pela qualidade de sua obra. Ele, nesse sentido, vai se juntar a um elenco de autores engajados nesse tipo de proposta, cujo grande nome antecessor e renovador era Monteiro Lobato. Não é certamente casual que educação e literatura infantil se renovem nos anos 1920 e que ganhem impulso nos anos 1930, inclusive favorecidos por políticas públicas do Ministério da Educação e Saúde.¹⁷²

Verissimo também manteve, por um ano, um programa infantil na Rádio Farroupilha de Porto Alegre. Chamava-se *Clube dos 3 Porquinhos*, e seu criador apresentava-se como o Amigo Velho:

Cerca das seis da tarde, duas vezes por semana, eu saía apressado da redação da Revista, subia as escadarias do viaduto, entrava nos estúdios da PRH-2 e, ainda

¹⁷⁰ Cadernos de literatura brasileira. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003. p. 11.

¹⁷¹ GOMES, Angela de Castro. *As aventuras de Tibicuera: História do Brasil na Era Vargas*. Disponível em <http://www.unesp.br/propp/palestra_pibic.htm> Consultado em 30/06/2006.

¹⁷² Ibidem.

ofegante, improvisava diante do microfone um conto, pois não tinha tempo para escrevê-lo e nem mesmo para prepará-lo mentalmente com antecedência.¹⁷³

Em 1937, quando o Estado Novo de Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a censura aos meios de comunicação atingiu não apenas grandes periódicos ou programas e figuras de rádio consagradas:

Fui notificado de que dali por diante o Amigo Velho teria de submeter previamente suas histórias ao Departamento de Censura, antes de contá-las aos seus pequenos ouvintes. (Como as ditaduras temem as palavras!) Decidi terminar a hora infantil, o que fiz com um discurso de despedida e ao mesmo tempo de protesto contra a situação. Isso me valeu uma nova interpelação da parte da Polícia. “Quero que me fale com toda a franqueza” – disse-me naquele dia um funcionário do DOPS com quem eu tinha relações pessoais. – “És ou não comunista?” Nem sequer me dei o trabalho de lhe responder. Voltei-lhe as costas, ganhei a rua e desci as escadarias do viaduto assobiando...¹⁷⁴

No mesmo ano, Erico Verissimo foi premiado pelo Ministério da Educação, assim como foi obrigado a se explicar para censores, exemplo das ambiguidades na relação entre Estado Novo, intelectuais e artistas. Entre 1938 e 1939, o autor publicou *O urso com música na barriga*, *A vida do elefante Basílio* e *Outra vez os três porquinhos*. Todos estes títulos infantis tiveram sucessivas reedições; a última delas ocorreu em 2005, quando do centenário do nascimento do autor. Há, porém, uma exceção: *Aventuras no mundo da higiene*¹⁷⁵, também de 1939, escrito nos moldes das cartilhas do período. Maria Helena Bastos e Maria Stephanou¹⁷⁶ constataram que muitos trabalhos sobre a vida e a obra do escritor sequer fazem referência a esse pequeno livro.

Também sob os auspícios de Gustavo Capanema, várias cartilhas com conselhos higiênicos e cívicos – muitas vezes, ambos – foram publicadas na década de 1930. A própria Livraria do Globo publicara, em 1937, a cartilha *A festa das letras*, da poetisa Cecília Meireles e do médico Josué de Castro; a publicação tratava da higiene e da alimentação.¹⁷⁷ O médico e farmacêutico Renato Kehl, autor de *Lições de Eugenia* também escrevera, em 1936, *Cartilha de higiene* –

¹⁷³ VERISSIMO, *Solo...*, p.262.

¹⁷⁴ Ibidem.

¹⁷⁵ VERISSIMO, Erico. *Aventuras no mundo da higiene*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

¹⁷⁶ BASTOS, Maria Helena C. e STEPHANOU, Maria. Infância, Higiene & Educação. 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. 40 *Anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 1-15.

¹⁷⁷ CUNHA, Maria Tereza Santos e BASTOS, Maria Helena Câmara. Letras em festa. In: NEVES, Margarida de Souza et al. (orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC Rio/Edições Loyola, 2001. p. 204.

Alfabeto da Saúde, livro infantil ilustrado. Kehl, Cecília Meireles, Josué de Castro e Erico Verissimo produziram cartilhas com pontos em comum, mesmo que as concepções políticas e formas de pensar a sociedade dos autores fossem completamente diferentes, em alguns aspectos mesmo opostas.

Nesse sentido, ao analisar o pensamento de Oliveira Vianna, Maria Stella Bresciani cotejou-o com o pensamento de seus contemporâneos, como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, entre outros. Ela destacou que “a despeito da diferença de posições e projeções políticas de outros autores canonizados pela crítica bibliográfica como os ‘intérpretes do Brasil’, não há a propalada ruptura entre seus procedimentos e o da maioria de seus contemporâneos.”¹⁷⁸ Esta “não ruptura” também é perceptível com relação a outros autores, teóricos ou literatos; muitos compartilharam ideias, o que não significa dizer que possuíam posturas ou opiniões políticas iguais. Autores, temas ou termos que foram posteriormente rotulados como conservadores ou autoritários devem ser entendidos em suas especificidades, assim como se deve levar em conta a existência de um repertório comum de ideias em cada contexto.

Quando escreveu *Aventuras no mundo da higiene*, Verissimo organizou-o como um manual de higiene pessoal para crianças; o livro compõe-se de dezesseis lições, trazendo nos anexos um quadro sobre “valor dos alimentos” e tabelas com a relação peso x altura ideais para cada idade e sexo. Como o livro foi escrito em 1939, a história está repleta de metáforas sobre bombardeios, aviões, exércitos inimigos e fogo de artilharia. Tais imagens são utilizadas para representar a ação dos remédios e das vitaminas, dos micróbios, do cigarro e das bebidas no organismo humano.

No início do livro há um *Bilhete*, no qual Verissimo salienta a necessidade de explicar sobre a importância dos hábitos de higiene e não apenas determinar às crianças que façam isso ou evitem aquilo sem compreender o porquê das ações. O livro foi dividido por temas: dos bons hábitos aos vícios, passando pela alimentação, aparelhos do corpo humano, limpeza e manutenção do ambiente, exercícios. A narrativa segue as aventuras de um verdadeiro Jeca-Tatu mirim, o menino Zé Pedro. Ele é pobre, enfermiço, ignorante, sujo e conhecido como

¹⁷⁸ BRESCIANI, Maria Stella M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*; Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. 2 ed. revista. São Paulo: Editora da UNESP, 2007. p. 12.

Patinho Feio. Um dia, conhece Mário, seu total oposto: menino forte, saudável, instruído, limpo – e rico. Este explica a Zé Pedro que “não sou mais bonito nem tu és feio. O que eu tenho mais do que tu é saúde, higiene.”¹⁷⁹ O narrador da história pergunta: “Por que é que existem no mundo crianças gordas, coradas, bonitas, sadias e crianças assim chupadas, amarelas e tristonhas como o Patinho Feio?”¹⁸⁰. Ele sugere que poderia explicar em poucas palavras, “mas não será melhor a gente acompanhar o patinho Feio para ver o que vai acontecer com êle?”¹⁸¹. Zé Pedro conhece a *Vila da Alegria e da Saúde*, que é a bela casa de Mário. Os pais deste viajaram, então, ele ficou aos cuidados de um preceptor, o “professor de higiene, dr. Salus.” Zé Pedro, então, passará a frequentar as aulas do Dr. Salus juntamente com Mario. Antes, passa por um banho, corte dos cabelos e unhas, escovação dos dentes e troca de roupas; seu aspecto muda, assim como sua disposição. Percebe-se a referência à importância do meio na determinação da vontade – ideia cara ao movimento higienista/sanitarista.

As aulas acontecem na própria casa de Mário, que possui equipadíssima sala de aula. Cada assunto que o Dr. Salus ensina é introduzido por uma pequena história, algumas vezes, já conhecida. A dos *Três porquinhos*, por exemplo, foi transformada em *Os três porquinhos higiênicos*, que se alimentam bem, se exercitam, tomam sol e dormem o tempo necessário. Ninguém ameaça derrubar a casa dos porquinhos higiênicos, que a mantêm limpa e arejada. As descrições nem sempre agradáveis sobre secreções humanas e sujeira – presentes nas narrativas de Verissimo para adultos – também têm espaço no livrinho, garantindo que o conteúdo para o qual desejava chamar a atenção fosse bem entendido: em um desenho animado que o Dr. Salus projeta para os meninos, é possível acompanhar as peripécias de uma mosca em pleno voo:

Saíu pela janela, desceu ao chão, pousou num escarro, depois na boca de um cachorro morto, entrou numa privada e mergulhou no cubo ... de novo saíu para o ar livre, entrou pela janela dum hospital e pousou bem na ferida dum doente. Em seguida, saíu pela janela, penetrou numa casa e foi pousar num resto de leite que estava dentro duma chícara (*sic*) em cima da mesa da sala-de-jantar. Molhou as patinhas no leite, sacudiu as asas e tornou a ir embora. Apareceu depois um lindo menino, pegou a chícara e levou-a à boca...¹⁸²

¹⁷⁹ VERISSIMO, *Aventuras...*, op. cit., p. 12.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 10.

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² Ibidem, p. 31.

Iniciando uma palestra sobre “a máquina mais perfeita do mundo”, o Dr. Salus pergunta aos meninos se eles sabem do que se trata. Ambos arriscam o avião e a máquina de calcular. O professor explica que se trata do corpo humano, “porque é tão complicada, tão bem feita, tão engenhosa, que até hoje nenhum homem conseguiu construir uma com suas próprias mãos.”¹⁸³ Zé Pedro pergunta: “E o Frankenstein?” O professor responde: “Oh! Isso é história de ficção: história inventada, que não aconteceu”. Mário rebate: “Muito engraçado! Quando um escritor conta uma coisa que não aconteceu, dizem *é uma obra de ficção*. Quando um menino conta uma história que não aconteceu, gritam logo: *é uma mentira dêsse malcriado!*”¹⁸⁴. Na abertura do capítulo, há o desenho de um Frankenstein, de músculos saltados, com uma flor em punho. Em outra aula que ministra a Zé Pedro e Mário, o Dr. Salus conta a história de um casal muito pobre e com muitos filhos. Eram oito ao todo, “abandonados e sujos como porquinhos de quintal pobre”.¹⁸⁵ O casal teve então gêmeos, dois meninos; sem qualquer condição para criá-los, pai e mãe decidem dá-los a quem os quisesse. “Veio o médico e levou um dos recém-nascidos. O outro foi entregue a um carroceiro, pobre também, mas sem filhos.”¹⁸⁶

Os gêmeos permaneceram idênticos somente até completarem quinze anos. O que vivia com o doutor tinha o corpo teso, a pele lisa, os dentes bons e a fisionomia alegre. O que morava com o carroceiro era um pouco encurvado, já tinha dentes podres, pele amarelenta e rosto um pouco tristonho. Aos vinte anos o rapaz do médico era um homem bonito, forte e cheio de alegria. O do carroceiro parecia ser dez anos mais velho ... Aos trinta anos o filho adotivo do médico continuava a ser um homem perfeito. O do carroceiro – coitado! – já tinha morrido...¹⁸⁷

O Dr. Salus explica os motivos que levaram gêmeos idênticos a se diferenciarem tanto:

O menino que ficou com o médico foi criado com *higiene*, num meio limpo: cresceu *com saúde* e quem tem saúde tem alegria. E o pobre pequeno entregue ao carroceiro foi criado ao abandono, num meio sujo, sem higiene e portanto cresceu doente, e quem é doente é triste... Guardem na memória o que eu vou dizer: Quem obedece às ordens da higiene e vive limpamente é um candidato à

¹⁸³ Ibidem, p. 49.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 50 (grifos do autor).

¹⁸⁵ Ibidem, p. 19.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 20-1.

saúde, à beleza, à vida longa. Quem desobedece às regras da higiene e ama ou suporta a sujeira fica doente, vive sofrendo e morre cedo.¹⁸⁸

Aprende-se que “a higiene deve começar por casa”¹⁸⁹, título de um dos capítulos do livro, numa paráfrase do ditado “a caridade começa por casa”. Sim, pois como explica o Dr. Salus, como podemos ser caridosos e solidários com todos se não o somos com a própria família? “Do mesmo modo, que podemos esperar de um homem que mora numa casa anti-higiênica? O verme vive debaixo da terra. O morcego prefere a noite. Há escaravelhos que só podem viver no estêrco. Os sapos amam os charcos. A coruja adora a sombra. Mas os homens inteligentes devem amar as casas limpas, claras e arejadas.”¹⁹⁰ As oposições entre sujeira/escuridão e limpeza/claridade aparecem muitas vezes, inclusive nos desenhos, que repetem imagens de homens doentes, deprimidos, muito magros e com roupas sujas ao lado de rapazes fortes, com impecáveis roupas esportivas brancas, peitos estufados e sorrisos permanentes.

As lições aos meninos continuam na mesma linha, até que o ciclo de aprendizagem dos conteúdos essenciais se completa. Zé Pedro não é mais o Patinho Feio, porém, não gostaria mais de sair da companhia do amigo nem retornar a sua casa pobre e suja. O final é feliz para o protagonista: seus pais são convidados pelos pais de Mário para serem os caseiros da *Vila da Alegria e da Saúde*. Assim, os dois amigos não se separam e o Dr. Salus poderá continuar zelando pela educação higiênica de ambos.

A preocupação com a formação higiênica esteve presente tanto nos discursos médicos, quanto de educadores e intelectuais preocupados com a educação nacional. A escola poderia ser um poderoso aliado na formação de indivíduos sãos, com bons hábitos de higiene e cívicos, conhecimentos sobre seu país e o mundo e, principalmente, com um engajamento que visasse contribuir para a grandeza nacional. Na década de 1930, foram frequentes, em escolas de todo o país, os *pelotões de higiene* ou *pelotões de saúde*, para a divulgação, verificação e auxílio sobre questões de higiene a toda a comunidade escolar. Os participantes dos pelotões disseminavam os conhecimentos e, de certa forma,

¹⁸⁸ Ibidem, p. 21 (grifos do autor).

¹⁸⁹ Ibidem, p. 27.

¹⁹⁰ Ibidem.

“bom comportamento” e civismo. Havia condecorações e uma hierarquia ocupada de acordo com o esforço e o mérito dos participantes. Em 1933, num artigo da *Revista Médica do Paraná*, explica-se como poderiam ser constituídos os *pelotões*:

sob moldes militares, com promoções, distintivos, competições e até cadernetas de serviço, em que são anotados os deveres cumpridos, os premios conquistados, os aumentos de peso e de altura, as atitudes corretas, os cuidados corporais, etc. Aqueles que apresentarem maior numero de anotações boas recebem premios, em dias solenes.¹⁹¹

Deveriam ser coordenados pela *professora de saúde*, “escolhida entre as moças de mais bela aparência, em pleno goso de saúde e entusiasta de Higiene”¹⁹², sendo que sua imprescindível função na escola seria “encaminhar as crianças no modo higienico de viver, procurando por todos os meios, pelo exemplo, pela ação, interessa-las no *brinquedo de saúde*.”¹⁹³ Em *Aventuras no mundo da higiene*, quando Zé Pedro conhece o Dr. Salus, reflete: “Se dona Juventina fôsse limpinha e alegre como o dr. Salus eu nunca faltaria às aulas.”¹⁹⁴ Tanto no ensino higiênico de Verissimo como no descrito pelo médico na *Revista Médica*, o professor também deveria corresponder a um ideal de apuro e saúde. O tom lúdico dado a temas nacionais importantes sempre ocorreu nos ambientes escolares; o que chama a atenção é o tipo de mobilização requisitado quando se trata da higiene, em moldes paramilitares.

Maria Helena Bastos e Maria Stephanou reproduziram uma carta endereçada a Verissimo, publicada na *Revista do Globo*, em 1942. Foi enviada por monitores de um pelotão de saúde de uma escola rural do Rio de Janeiro:

Escola Típica Rural de Capivari, Rio Claro, Rio de Janeiro.

Ilmo. Sr. Erico Verissimo,

Em nosso nome e no de nossos coleguinhas, escrevemo-vos a fim de por-vos ao par de que fostes o escolhido para patrono do nosso “Pelotão da Saúde”. Nossa professora contou-nos que escrevestes um lindo livro de higiene intitulado “Aventuras no Mundo da Higiene”, onde fazeis um paralelo entre dois meninos: um que seguia todas as regras higiênicas e outro que nem essas regras conhecia. A diferença que havia entre os dois era enorme. Enquanto o primeiro era forte e bonito, o segundo era magro e feio. Nós, como monitores, temos o dever de transformar todas as crianças magras e feias em fortes e sadias, e como

¹⁹¹ *Revista Medica do Paraná*. Anno III, n. 1-Dez. 1933. p. 16-7. Apud RODRIGUES, op. cit., p. 99.

¹⁹² Ibidem.

¹⁹³ Ibidem (grifos no original).

¹⁹⁴ VERISSIMO, *Aventuras...*, op. cit., p. 18.

afilhados, já começamos a abusar da bondade de tão bem escolhido padrinho, pedindo que nos mande um exemplar de sua bela história.
(Do Pelotão de Saúde Érico Veríssimo. Monitores Benedito Rodrigues e Sílvia Carvalho, 25/abr./1942.)¹⁹⁵

Higiene e disciplina pareciam ter um mesmo núcleo, da mesma forma que tinham como alvo privilegiado a criança pobre. As políticas de higiene infantil visavam todas as crianças, mas como as pobres eram associadas a desamparo e ignorância, elas figuravam como as primeiras a serem assistidas e informadas, seguindo as ações já do início do século, organizadas nos dispensários de puericultura existentes nos maiores centros urbanos do país.

Figura central da pediatria no país no início do século, o higienista Arthur Moncorvo Filho criou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, modelo para vários outros pelo país, em 1880. Junto ao Instituto, funcionava o Dispensário Moncorvo, onde eram feitas consultas a crianças e gestantes, distribuição de leite, vacinas, assim como palestras sobre “higiene infantil às mães pobres”.¹⁹⁶ As do período entre 1901-7 foram publicadas pela Imprensa Nacional, com tiragem de 5000 exemplares para distribuição gratuita. Na década de 1920, alguns dos impressos do Dispensário tiveram tiragem de 1.500.000 cópias, com distribuição nacional e temas como *Fugi das bebidas alcoólicas; Mãe! Vosso filho já começou a dentição?; Cuidado com a syphilis que esteriliza a prole, defórma as criancinhas e produz males hediondos; Livrae-vos da tuberculose!; A.B.C. das mães; O flagello das moscas, periogossimos transmissôres das mais graves doenças*.¹⁹⁷ Como outros materiais similares, é provável que estes folhetos chegassem a escolas normais, associações de caridade e também farmácias. Da mesma forma que os sanitaristas expedicionários, o Dr. Moncorvo trabalhava pela implantação de projetos nacionais que tivessem em vista o futuro nacional.

¹⁹⁵ In: Revista do Globo. Porto Alegre: Livraria do Globo, abr/1942. Apud BASTOS e STEPHANOU, op. cit., p. 13.

¹⁹⁶ ASSISTENCIA À INFANCIA. *Hygiene Infantil às mães pobres*. Conferencias realizadas no Dispensário Moncorvo pelos Drs. Moncorvo Filho, Nascimento Gurgel, Leão de Aquino, Jefferson de Lemos, Luiz Bulcão, Leonel Rocha, Alvaro Guimarães, Eduardo Meirelles e Cirurgião Dentista M. Penido. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

¹⁹⁷ WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100006&lng=en&nrm=iso>. Consultado em 16/jun/2009.

Acreditava que o poder público deveria assumir o papel reservado aos pais das crianças pobres, a fim de protegê-las da miséria e da delinquência prevalentes nas cidades brasileiras. Para Moncorvo Filho, as crianças possuíam um valor intrínseco, pois representavam a matéria-prima a partir da qual a futura força de trabalho poderia ser moldada. Por meio das instituições que organizou, esperava instaurar um modelo institucional de assistência à infância, a partir do qual o governo poderia criar um sistema nacional centralizado de proteção aos menores carentes.¹⁹⁸

A partir de seu Instituto, o higienista criou na capital federal o Departamento da Criança, para pesquisas, organização de um banco de dados, acompanhamento das atividades de instituições públicas e privadas dedicadas à criança assim como à organização de congressos. Em 1920, seu Departamento foi declarado de utilidade pública no município do Rio de Janeiro. Dois anos depois, o presidente Epitácio Pessoa vetou um projeto de lei que o reconhecia como utilidade pública nacional – mesmo que 17 institutos de assistência e proteção à infância já tivessem sido organizados pelo médico em todo o país. As atividades do Departamento da Criança cessaram na década de 30.¹⁹⁹ Em 1937, o MESP (Ministério da Educação e Saúde Pública) passou a contar com a Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância, que deu origem, em 1940, ao Departamento Nacional da Criança. E a preocupação com as novas gerações, a educação e o saneamento do país também passaram a integrar os debates de outro grupo de médicos e intelectuais: os adeptos e simpatizantes da eugenia.

1.5 As várias eugenias

O movimento eugenista ocupou seu espaço nos debates acerca da saúde no Brasil no início do século 20. A palavra *eugenia* já integrava o vocabulário médico nacional desde 1914, quando Alexandre Tepedino apresentou tese intitulada *Eugenia*, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A Sociedade Eugênica de São Paulo, primeira na América do Sul, foi criada em 1918, e sua “principal função era divulgar a idéia de eugenia e introduzir uma nova linguagem no debate brasileiro”. Assim, temas “tradicionais da medicina – alcoolismo, doenças venéreas, degeneração, fertilidade, natalidade, tuberculose – eram

¹⁹⁸ Ibidem

¹⁹⁹ Ibidem

ligados à ‘purificação’ e à eugeniação da nação brasileira”.²⁰⁰ A primeira conferência sobre eugenia no país havia ocorrido em 13 de abril de 1917, em São Paulo, publicada no Jornal do Comércio do dia 19 do mesmo mês. Os primeiros trabalhos brasileiros sobre eugenia foram pequenos artigos de Erasmo Braga, João Ribeiro, Horácio de Carvalho, de São Paulo; na Bahia, saíram em um folheto intitulado *Pro-Eugenismo*; em 1919 foram publicados os *Anais de Eugenia*, de Renato Kehl.²⁰¹ A divulgação do movimento pegou carona na expansão do movimento higienista e de projetos pedagógicos de então, quando “os temas da saúde e do saneamento freqüentavam as páginas dos jornais e periódicos especializados desde o início da República”.²⁰²

De acordo com Nancy Stepan, no século 20, a eugenia foi

um movimento pelo “aprimoramento” da raça humana ... pela preservação da “pureza” de determinados grupos. Como ciência, a eugenia se baseou nos entendimentos supostamente novos das leis da hereditariedade humana. Como movimento social, envolveu propostas que permitiriam à sociedade assegurar a constante melhoria de sua composição hereditária encorajando indivíduos e grupos “adequados” a se reproduzirem e, talvez mais importante, desencorajando ou evitando que os “inadequados” transmitissem suas inadequações às gerações futuras. Em termos práticos, a eugenia encorajou a administração científica e “racional” da composição hereditária da espécie humana. Introduziu também novas idéias sociais e políticas inovadoras potencialmente explosivas – como a seleção social deliberada contra os indivíduos supostamente “inadequados”, incluindo-se aí cirurgias esterilizadoras involuntárias e racismo genético.²⁰³

Definida por seu maior divulgador no Brasil – o médico Renato Kehl²⁰⁴ – como “a higiene da raça”, chegou a ser vista como uma das soluções – e muitas vezes como necessidade – para a construção da nação ideal no início do século 20. Desejava-se um país moderno, econômica e culturalmente, mas com uma

²⁰⁰ HOCHMAN, A era..., op. cit., p. 78.

²⁰¹ KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. 2a ed., Livraria Francisco Alves, 1935. p. 26-7

²⁰² HOCHMAN, A saúde..., op. cit., p. 112.

²⁰³ STEPAN, op. cit., p. 9.

²⁰⁴ Renato Ferraz Kehl nasceu em Limeira (SP), em 1889. Foi inspetor sanitário rural do Departamento nacional de Saúde Pública, organizou o Serviço de Educação Sanitária da Inspetoria da Lepre e Doenças Venéreas. Sua atuação mais efetiva deu-se entre 1917-37; publicou, entre outros, *Eugenia e Medicina Social*, *O médico do lar*, *A cura da fealdade*, *Lições de eugenia*, *Médicos e mestres*, *Por que sou eugenista*. Após a II Guerra, dirigiu seus estudos para a criminologia e a medicina legal. Encerrou sua carreira em 1947; faleceu em 1974. In: SANTOS, R. A. Quem é bom já nasce feito? Uma leitura do eugenismo de Renato Kehl. *Revista Intellectus*. Ano 04. vol. II, 2005; SILVA, M. V. Detritos da civilização: eugenia e as cidades no Brasil. *Arquitextos*. Texto especial 235 – maio 2004. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp235.asp>> Consultado em 07/04/2008.

população saudável e trabalhadora, à altura da “grandeza nacional”. Explicou o Dr. Kehl

Para realizar seus fins, repetimos, [a eugenia] proclama com energia a necessidade da educação popular nas questões de higiene e hereditariedade, tornando geral o interesse público pelas medidas de defesa e da proteção da sociedade dentro do programa eugenico do fomento da paternidade digna, do impedimento á procriação dos defeituosos e tarados, da luta contra os fatores de abastardamento de todo genero.²⁰⁵

A exaltação da eugenia, não apenas por médicos e cientistas, mas intelectuais como juristas, professores e literatos, foi resultante do processo de transformação intelectual e social do início do século passado, quando a vida humana passou a ser percebida como resultado de leis biológicas.²⁰⁶ A pesquisa eugenista interessava-se pelo indivíduo e suas disposições hereditárias, não pelas determinações raciais. O termo significa *a boa geração*; suas bases teóricas foram sistematizadas por Francis Galton (1821-1911), naturalista, geógrafo e estatístico britânico, com “gosto pela medição”.²⁰⁷ Seu *Hereditary genius* (1869) é considerado o texto fundador da eugenia. Nele, o autor tentou provar, através da genealogia e da estatística, que a “aptidão” é hereditária e não algo que possa ser aprendido. Galton propugnava que quanto mais a civilização deitava suas raízes, maior era a proteção aos “fracos e inadequados, restringindo com isto a capacidade de eliminação dos indivíduos inaptos pela seleção natural”²⁰⁸; certamente a teoria evolucionista de seu primo Charles Darwin – *A origem das espécies* (*On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*, 1859) – alicerçou a sua própria, embora Darwin não compartilhasse da radicalidade da ideia de Galton²⁰⁹, como é possível perceber em *A origem do homem* (*The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*, 1871). Em 1904, Galton apresentou sua teoria na Sociedade de Sociologia de Londres e, em seguida associou-se a outros cientistas ingleses, como Pearson, da Universidade de Londres; Weldon, da Universidade de Oxford; e Davenport, biólogo americano de prestígio na época. Juntos, eles desenvolveram suas pesquisas e procuraram divulgá-las por todo o

²⁰⁵ Ibidem, p. 46-7.

²⁰⁶ STEPAN, op. cit., p. 29.

²⁰⁷ CASTAÑEDA, op. cit., p. 909.

²⁰⁸ Ibidem, p. 31

²⁰⁹ Ibidem.

mundo. Após a morte de Galton, foi criada a *Eugenics Education Society*, que pretendia a criação de um comitê internacional para pesquisa e divulgação da eugenia; em 1912, realizou-se o primeiro Congresso Eugênico, em Londres, sendo que o segundo teve lugar dez anos após, em Nova York. O I Congresso Brasileiro de Eugenia ocorreu em 1929, por ocasião do centenário da Academia Nacional de Medicina. O Brasil se fez representar no Congresso de 1932, também em Nova York, e nos Congressos Pan-Americanos de Havana e Buenos Aires, em 1934.²¹⁰

Muitos estudos acerca do movimento eugenista no Brasil já destacaram seus aspectos autoritários, elitistas e discriminatórios. A associação do movimento a políticas racistas, projetos de esterilização, identificação de “incapazes” e “tarados” foi quase sempre automática – embora houvesse o grupo dos que também acreditavam ser eugenistas confiando na otimização da herança genética através de ambientes favoráveis e da educação.²¹¹ Mas afirmações de alguns médicos eugenistas das primeiras décadas do século, que saltam aos olhos por conta de seus termos, muitas vezes são entendidas como se encerrassem todo o ideário médico do período, de forma homogênea: “ninguém poderá negar que no correr dos anos desaparecerão os negros e os índios das nossas plagas assim como os produtos resultantes desta mestiçagem. A nacionalidade embranquecerá a custa de muito sabão de côco ariano!”²¹²

Na mesma linha, estão a comparação e a constatação que fez o médico paranaense Milton Munhoz, ao citar o criador de galinhas, que

sabe muito bem os cuidados desvelados para que a raça não degenere e os exemplares sejam sempre de puro sangue. Escolhe-se para a reprodução as aves melhores, as mais perfeitas e manda-se para a panela as outras. Só para a cria humana não têm sido levadas em conta até hoje as leis da hereditariedade.²¹³

A preocupação com a descendência estava na ordem do dia, tanto nos textos médicos, como nos publicitários e literários também. Os médicos

²¹⁰ Ver KEHL, *Lições...* op. cit.

²¹¹ Para mais detalhes sobre os pressupostos científicos, estratégias da eugenia e controle de matrimônios, ver CASTAÑEDA, op. cit..

²¹² KEHL, op. cit., p. 67.

²¹³ *Revista Médica do Paraná*. Anno V, n. 8-Ago. 1936. p. 286, apud RODRIGUES, Marília M. *A prevenção da decadência; discurso médico e medicalização da sociedade*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p. 51.

partidários do pensamento de Renato Kehl asseguravam que, por meio de um exame pré-nupcial obrigatório, seria possível a prevenção do

nascimento de aleijões, monstros ou creanças condenadas a arrastar, vida em fora, taras que as colocarão em inferioridade de condições mentais ou somáticas. É obra humanitária evitar a formação de incapazes, de inadaptados, de seres que irão avolumar a carga morta da sociedade, as suas expressões negativas.²¹⁴

Já para o médico Octávio Domingues²¹⁵, as pessoas deveriam optar pelo exame pré-nupcial, sem a obrigatoriedade da lei. Acreditava que campanhas em favor do exame deveriam ser encampadas por jornalistas, professores e intelectuais, formando uma consciência eugênica na população. Dessa forma, sua necessidade seria compreendida e não imposta, levando maior número de pessoas a sua procura. Os casamentos saudáveis, garantidos pelos exames pré-nupciais, serviriam para detectar tanto os portadores de sífilis ou tuberculose como aqueles “propensos a vícios” como o alcoolismo. Ao mesmo tempo, houve médicos que dedicaram teses à necessidade da geração de uma população bela, pois, argumentou um deles, “é melhor poucos e bons a muitos e sem valor!”.²¹⁶

Representações sobre uma população saudável e uma nação fortalecida foram amalgamadas e são associadas ao varguismo e ao discurso da eugenia, que garantiria brasileiros aptos ao trabalho, livres de doenças degenerativas e vícios. Em uma escala maior, a eugenia ficou para sempre associada à “solução final” levada a cabo pelo III Reich alemão – mesmo que a eugenia tenha sido um *corpus* de premissas da biologia surgido no final do século 19, na Inglaterra; mesmo que o racismo fosse manifestação já incrustada em grande parte das sociedades ocidentais, como o anti-semitismo e o segregacionismo; mesmo que as fronteiras teóricas da eugenia fossem difusas, móveis e extremamente abrangentes. O fato de determinado médico ou intelectual ter defendido ideais eugênicos é dificilmente apartado dessas imagens ou de uma atitude definida, no mínimo, como racista. Na organização da história da eugenia e nas representações que dela são criadas, alguns elementos são selecionados para reforçar o caráter autoritário e os discursos aterradores de seus propagadores. Não questiono o caráter criminoso da política eugênica nazista, por exemplo, mas

²¹⁴ *Revista Médica do Paraná*. Anno V, n. 4- Abr. 1936. p. 97, apud RODRIGUES, op. cit., p. 55.

²¹⁵ Formado inicialmente em agronomia, Octávio Domingues (1897-1972) dedicou-se a estudos de zootecnia e posteriormente à eugenia. Publicou *A hereditariedade em face da educação*, em 1929.

²¹⁶ *Revista Médica do Paraná*. Anno VI, n. 4-Abr. 1936, p. 96, apud RODRIGUES, op. cit., p. 57.

acredito que outros elementos devam ser levados em conta no estudo das ideias eugênicas e das práticas feitas em seu nome; para que diferentes contextos e ações possam ser compreendidos por suas próprias características e não apenas por uma justaposição de termos.

Em 2007, foi publicado e amplamente divulgado *Raça pura, uma história da eugenia no Brasil e no mundo*, de Pietra Diwan. Buscando revelar o que denominou o “palimpsesto que compôs o pensamento do século XIX e que proporcionou a emergência da eugenia”²¹⁷, a autora elencou as leis de Licurgo em Esparta, que determinavam que “todo espartano varão pertencia ao Estado”; a circuncisão e a importância da “descendência do sangue puro” para os judeus; “a noção de superioridade do povo cristão sobre os muçulmanos em relação à posse da Terra Santa”; o extermínio de populações indígenas nas Américas; as guerras de conquista; os livros de Francis Bacon (*Novum Organum*), Thomas Morus (*Utopia*) e Tommaso Campanella (*Cidade do Sol*), que construíram, também segundo a autora, modelos de sociedade “dentro de uma concepção homogeneizante”, desembocando no *Contrato social* de Rousseau e no *Ensaio sobre as populações*, de Malthus.²¹⁸ No século 19, *A origem das espécies* teria afluído diretamente para o darwinismo social e este para o racismo e a eugenia, através de uma aliança entre biologia e sociologia, da qual teriam se originado a estatística, a psicologia a antropometria e os testes de QI. Para a autora, “seus resultados matemáticos desarticulados, sem objetividade tampouco neutralidade tentaram explicar a vida em sociedade”.²¹⁹ Não se define o que seriam “resultados articulados” e, aparentemente, a ciência é concebida como um corpo neutro de conhecimento e práticas. Fica a impressão de que a ciência deveria se situar para além da atividade humana, e que apenas darwinistas sociais e eugenistas utilizaram os próprios referenciais (morais, sociais, políticos) na atividade científica. Há no livro uma excelente pesquisa sobre leis e práticas eugênicas nos Estados Unidos, Dinamarca, Noruega, Finlândia, assim como a que é feita sobre a obra de Renato Kehl, o maior divulgador e defensor da eugenia no Brasil. Um capítulo é dedicado a Monteiro Lobato que, com seu personagem Jeca Tatu,

²¹⁷ DIWAN, Pietra. *Raça Pura; uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 27.

²¹⁸ Ibidem.

²¹⁹ Ibidem, p. 32.

acabou por legar a representação mais forte do que pensariam os médicos e cientistas em geral sobre o povo brasileiro. Para a autora de *Raça pura*, Monteiro Lobato passou a entender a população mestiça e pobre do Brasil como “degenerada” por conta das ideias eugenistas que adotou – mesmo que biografia do escritor sempre chame a atenção para o fato de ele pertencer à elite agrária brasileira, herdeiro de um passado escravista, assim como vários intelectuais brasileiros com grande visibilidade e forte atuação nas primeiras décadas do século 20. E, como frequentemente ocorre quando se trata do discurso médico brasileiro do período, é como se as ideias difundidas e defendidas fizessem parte de um repertório único ou constituíssem um discurso homogêneo, mesmo que levadas em conta especificidades e até discordâncias entre grupos. O que há em comum é a ideia de que todos os que mostraram simpatia por qualquer premissa médica ou política do período compactuavam com ideias autoritárias e racistas.

Não se questiona aqui, em momento algum, o autoritarismo das práticas eugênicas e das palavras afetadas de muitos médicos brasileiros que se auto-representaram como os detentores do saber essencial para a “cura” da nação. Mas há situações em que simpatizantes de determinadas ideias científicas das primeiras décadas do século 20, ou ao menos de pequenas noções, não se encaixam no perfil que algumas pesquisas historiográficas revelaram. Pietra Diwan definiu os eugenistas brasileiros – médicos ou intelectuais que demonstraram alguma simpatia por tais ideias – como aqueles que visavam à limpeza do país, através do “branqueamento pelo cruzamento, o controle de imigração, a regulação dos casamentos, o segregacionismo e a esterilização”.²²⁰ Em meu entendimento, a autora parte da premissa de que houve um perfil único de intelectuais e cientistas que discutiram a raça, a higiene e a eugenia no Brasil, assim como entende ser necessário *revelar* quem era adepto do eugenismo; mesmo que afirme que “ser eugenista não é uma condenação”, a autora frisa que “muitos intelectuais brasileiros foram eugenistas e há documentos que comprovam tal afirmação (...). Omitir tais informações é preterir o passado”.²²¹

Pode-se pensar, antes, em pessoas que defenderam ideias a partir de seus referenciais mais caros, reelaborando-as ou criando construções teóricas que não

²²⁰ Ibidem, p. 92.

²²¹ Ibidem, p. 92-3.

objetivavam o mesmo que o Dr. Renato Kehl. Nem mesmo os próprios médicos acordavam quanto aos pressupostos teóricos e às ações que deveriam ser efetivadas. Os adeptos de eugenia e higiene como forma de se construir um país moderno foram tantas quantas foram as teorias difundidas sobre o assunto, com leituras do mundo diferentes, sempre mediadas por filtros de diferentes contextos. Há que se levar em conta as formas de apropriação, a originalidade de tais leituras, assim como seus objetivos.

No início do século 20, teorias como a do *plasma germinativo*, de August Weismann (1834-1914) ganharam força, contrapondo-se à teoria até então mais aceita, de Lamarck (1744-1829). O plasma germinativo

constitui o corpo do ser vivo, é levado a desaparecer com a morte do indivíduo. Essa distinção entre células sexuais e células somáticas permitiria a Weismann a recusa à noção de transmissão dos caracteres adquiridos, da qual eram partidários Darwin e Lamarck.²²²

Muitos seguidores dessa teoria chegaram a afirmar que, quanto ao alcoolismo, por exemplo – entendido como hereditário – campanhas educativas ou repressivas não garantiriam melhores descendências, uma vez que descendentes de alcoólatras carregariam a predisposição em seus materiais genéticos herdados. Por essa concepção, entendia-se que “a linhagem e não a vida social determinava o caráter”.²²³ Mas mesmo que as novas teorias tivessem ganhado força, o lamarckismo – com sua crença na transmissão dos caracteres adquiridos – como meio de acesso à hereditariedade nunca foi substituído totalmente. Essas ideias conviveram, assim como seus adeptos, nem sempre pacificamente; mais que isso, foram reelaboradas, propiciando uma outra teoria, que intercalava pontos da eugenia e do lamarckismo, adotava e combinava elementos das duas tendências científicas, tentando comprovar a possibilidade de tal associação. Países em que movimentos sanitaristas e higienistas eram fortes – como foi o caso da França e como ocorreu no México, na Argentina e no Brasil – atualizaram o lamarckismo, incluindo nele algumas proposições eugenistas.²²⁴

A associação entre higiene, eugenia e saúde feita na década de 1930 também levou a conclusões de que os cientistas, médicos e intelectuais

²²² Disponível em <<http://www.infoscience.fr/histoire/biograph/biograph.php3?Ref=150>> Consultado em 08/03/2007. Tradução livre.

²²³ STEPAN, op. cit., p. 35.

²²⁴ Ibidem.

brasileiros leram determinadas obras científicas de referência de uma forma errônea, com interpretações “pobres”. Como se o cientista latino-americano aderisse a discursos e práticas científicas sem muita noção do que exatamente defendia, com leituras ligeiras e algumas adaptações quase grosseiras de um texto original europeu ou americano. Nancy Stepan indica que a história das ideias, mais especificamente relativas à ciência, muitas vezes entendeu a América Latina como “consumidora de idéias – e uma consumidora bastante passiva”.²²⁵ Nesse sentido, haveria uma premissa implícita, qual seja “os estudiosos que se dedicam à história intelectual da América Latina analisam apenas uma tentativa de imitar uma atividade européia em um contexto estranho ou não científico. O olhar intelectual desloca-se, invariavelmente, do centro para fora, em direção a uma periferia problemática.”²²⁶ A maneira de escapar desse artifício explicativo é entender como, neste caso específico, o estudo da eugenia pode revelar as forças contraditórias presentes no movimento (não apenas latino-americano, mas mundial também) e as formas como essas ideias foram apropriadas e reelaboradas.

Erico Verissimo, por exemplo, criou personagens que são abnegados médicos, de cujas bocas sai a constante defesa do exame pré-nupcial obrigatório ou a apologia da presença de médicos no governo – pontos caros também a médicos e intelectuais defensores de um Estado forte. Se parte-se do princípio que os projetos eugenistas no Brasil conduziram a apenas um entendimento possível, qual seja, o que comportaria ideias racistas e a certeza de que a ação médica à força era necessária, a análise de tudo o que se produziu sobre o tema torna-se reducionista. No Brasil, projetos ditos eugenistas foram muito mais divulgados do que efetivamente implantados. Mas mesmo assim se transformaram em temas incendiários para a opinião pública. Da mesma forma, a utilização de termos como *raça*, *tara* ou *herança genética* não cadastra necessariamente um autor numa corrente de pensamento racista. Entende-se, então, que a eugenia e suas proposições nunca apresentaram uma abordagem unitária e bem definida. Além de concepções que partiam em várias direções,

²²⁵ STEPAN, op. cit., p. 10-11.

²²⁶ Ibidem, p. 11.

cada uma delas apresentava bifurcações, que, por sua vez, foram entendidas de formas bastante peculiares.

No I Congresso Brasileiro de Eugenia, por exemplo, seu presidente foi um antropólogo, Roquette-Pinto, e não um médico. Além de se opor às teorias racistas apresentadas, não acreditava que práticas eugenistas radicais dariam conta dos problemas brasileiros que, segundo ele, eram uma questão de higiene e não de raça.

Posicionou-se, também, a favor da introdução de imigrantes japoneses, contrariando a interpretação majoritária dos cientistas médicos, como Miguel Couto e Renato Kehl, que insistiam na elaboração de leis eugênicas que restringissem a entrada da mão-de-obra asiática. ... Começava a aglutinar uma vanguarda intelectual, que ainda de forma frágil, se opunha frontalmente ao racismo científico...²²⁷

O antropólogo brasileiro partilhava as ideias do antropólogo americano Franz-Boas, antirracista. Os dois já haviam se encontrado em 1926, em Nova York. A partir dali, Roquette-Pinto tornou-se defensor do “valor dos brasileiros comuns, quaisquer que fossem seus tipos raciais. Ele desafiou as opiniões de Renato Kehl, Mjöen e outros sobre a degeneração dos mulatos afirmando que lhes faltava comprovação científica.”²²⁸ Era porta-voz de uma concepção de eugenia que visava educar antes de tudo. Os adeptos dessa interpretação também se denominavam eugenistas – por isso, muitas vezes são automaticamente classificados como adeptos das *Lições de eugenia* de Kehl.

[Roquette-Pinto] afirmou que a meta da eugenia não era branquear, mas educar todas as pessoas, brancas e negras, a respeito da importância da hereditariedade, de modo que os indivíduos de mentalidade eugênica, ajudados por programas de saneamento administrados pelo Estado, participassem voluntariamente na “purificação” da raça humana.²²⁹

Como bem precisou Lilia Schwarcz, “intelectualmente, a figura representativa da década de 1930 foi Gilberto Freyre, e não Renato Kehl.”²³⁰ Nesse sentido, é possível compreender a preocupação educativa de Verissimo e a defesa do cuidado com a hereditariedade presente em seus livros. Utilizou-se de imagens da medicina e das ideias que alimentavam o debate médico e científico do período para estruturar uma nova narrativa, lançando mão não

²²⁷ SCHWARCZ, op. cit., p. 96.

²²⁸ STEPAN, op. cit., p. 171.

²²⁹ Ibidem.

²³⁰ SCHWARCZ, op. cit., p. 176.

apenas de termos, mas inserindo muitas dessas imagens para reforçar o realismo de suas narrativas. A hereditariedade é um dos temas recorrentes nas obras do autor.

CAPÍTULO 2

ANALOGIAS ORGÂNICAS

*Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies!*¹

(Émile Zola, 1871)

2.1 Os herdeiros de *Fantoches*

Quando a primeira publicação de Verissimo – *Fantoches* – completou 40 anos, a Editora Globo lançou uma edição comemorativa fac-similada da edição de 1932. Às margens do texto original, às vezes pelo meio, foram publicados comentários, explicações, correções e críticas do próprio Verissimo a sua obra. O autor de quase 70 anos de idade dialoga com o autor de 20 e poucos – época em que elaborou os contos depois reunidos no livro. O leitor possui assim diferentes dimensões de leitura: a do texto original, a da crítica de Verissimo ao seu texto original e também a sua época. Há várias explicações às margens sobre a utilização de termos e “modismos”; assim como sobre hábitos dos brasileiros nos anos 30 e a satirização destes. Além de comentários bem-humorados e nada complacentes consigo mesmo, Verissimo fez ilustrações de muitos de seus pontos de vista, incluindo auto-retratos, caricaturas de seus personagens e mesmo um cachorro que “não tem nada a ver com este conto, mas acontece que Pedro, meu neto mais moço, veio espiar por cima do meu ombro e me exigiu um au-au”.² No prefácio, é como avô de si mesmo que o autor diz se sentir ao reler o livro, que considera “de pouco ou nenhuma importância literária, mas não deixará de ter certo interesse histórico para quem quer que (há gente para tudo neste mundo!) venha um dia estudar em conjunto a obra do abaixo assinado”.³ Ao final da página, sua assinatura.

Numa entrevista em 1971, quando da publicação de *Incidente em Antares*, Verissimo explicou: “Para compreender a gênese de *Incidente em Antares*, é

¹ Emile Zola, em carta a Louis Ulbach (8 de novembro de 1871), diretor-chefe do jornal *La Cloche* que suspendeu a publicação de *La Curée*, por conta da censura do governo francês sobre o autor e seu estilo. In: JOSEPHSON, Mathew. *Zola e seu tempo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, p. 162.

² VERISSIMO, Erico. *Fantoches*. Ed. fac-similada comemorativa aos quarenta anos de atividades literárias do autor. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 127.

³ *Ibidem*.

preciso ler os contos que escrevi entre 1929 e 1931”.⁴ *Fantoches* é a coletânea desses contos, sendo que alguns já tinham sido publicados em jornais de Porto Alegre. O título tenta dar às histórias uma essência comum, na medida em que o autor puxa os cordéis de todos os personagens, como ele próprio explica. Para esta tese, foram selecionados cinco contos, que se sobressaem por conta dos temas e mesmo cenas recorrentes na obra do autor gaúcho.

Em *A dama da noite sem fim*, dois irmãos e um amigo encontram-se na cabana de um velho, nas montanhas. Relembra a infância. Um dos irmãos parece sofrer “dos nervos”; o outro explica ao amigo: “É a tara, Pedro, a sina da nossa raça... Mais tarde ou mais cedo... to... (hesita. Gagueja)... todos caem.”⁵ Os irmãos recordam de um quadro que havia na casa em que moravam quando crianças; nele, uma mulher vestida de preto, cujo vulto diziam caminhar pela casa. O pai dos meninos sonha com a mulher, que diz ter vindo buscá-lo. Na lembrança dos irmãos:

- No dia seguinte o nosso pai foi encontrado morto ao pé do quadro da dama da noite sem fim. Na mão, um punhal brilhando...
- E o rosto dele, morto, estava horrível, estava?
- Estava lindo. Parecia adormecido. Até sorria...
- Decerto todos os nossos antepassados também sorriram assim, não é?
- Todos vamos sorrir este mesmo sorriso. Eu! Eu também. Tu! A dama negra nos vem buscar, ouviste? A nós dois, não podemos fugir...
- (...)
- Não, Mario, meu irmão, nós precisamos fugir... Somos moços. Temos de nos livrar da predestinação, da tara.⁶

O termo *tara* faz parte do vocabulário eugenista e do vocabulário em geral do início do século 20. Em seu sentido original, designava tanto um defeito de fabricação, quanto um defeito físico ou mental que poderia ser transmitido hereditariamente – a miopia era considerada uma tara, assim como a epilepsia ou a loucura. Os eugenistas dos anos 30 sublinhavam em seus textos a imagem de uma nação constituída por “tarados, degenerados e feios”, caso a hereditariedade não fosse levada em conta nas políticas públicas sanitárias.⁷ Na edição fac-similada de 1972, Verissimo circulou a palavra nas duas vezes em que apareceu

⁴ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19/11/1971. “Somos todos uns mentirosos”. Entrevista de Erico Verissimo a Celito Grandi. Apud: *Cadernos de literatura brasileira*. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003. p. 30.

⁵ VERISSIMO, *Fantoches*, op. cit., p. 31.

⁶ Ibidem.

⁷ RODRIGUES, op. cit., p. 51.

no texto e anotou: “Outra vez a tara!”⁸ O autor também revelou, em outra margem: “Nesta época (1930) eu esboçava um romance, que se chamaria MADRUGADA, e que (podem rir, se quiserem...) era também, entre outras coisas, sobre taras. Gorou, naturalmente.”⁹ O conto termina com a vitória do determinismo, uma vez que um dos irmãos comete suicídio, acreditando estar sendo chamado pela “dama da noite sem fim”. O interesse deste pela descrição do pai morto lembra uma cena de *O Tempo e o Vento*, no qual a perturbadora Luzia pede, ansiosa, informações sobre o enforcamento de um escravo: “... e ficou de língua de fora?”.¹⁰

Em *Um dia a sombra desceu*, João e Paulo esperam na sala; no quarto, Maria terá um bebê, está com o médico. João está preocupado, não queria o filho, “não com este sangue sórdido, com esta carne doente”.¹¹ Ele conta que seu pai, antes de ser internado num hospício, chamou-o e repetia apenas “a sombra, a sombra”. João só entendeu do que se tratava quando ele próprio teve que ser igualmente internado no hospício. “Era a tara da minha raça, a herança da família”.¹² Agora, João temia que a “sombra descesse” novamente, ou seja, que a doença mental que herdara do pai fosse transmitida ao filho. Por isso, pede a Paulo que o ajude a matar a criança. Paulo, assustado, diz que ele é o verdadeiro pai da criança, que se encontrava com Maria durante a última internação do amigo. Depois de uma discussão, entra em cena o médico, informando que Maria passa bem, mas que o bebê nasceu morto – o que rende gargalhadas insanas de João. Às margens, o Verissimo de 1972 anotou: “Sempre o problema da hereditariedade!”. E ao lado da palavra *tara*, que circulou: “Outra vez!”.¹³ Adiante, conclui: “Todo este drama é possível. Porém, a maneira como foi desenvolvido me parece falsa.”¹⁴ Em *As mãos do meu filho*, coletânea de contos e artigos, Verissimo citou o impacto que os livros de Ibsen lhe causaram à época em que escrevia os textos que integraram *Fantoches* – por conta da relatividade de

⁸ VERISSIMO, *Fantoches*, op. cit., p. 37.

⁹ Ibidem, p. 33

¹⁰ Idem, *O Continente*, parte II. In: *O Tempo e o Vento*. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 82.

¹¹ Idem, *Fantoches*, op. cit., p. 58.

¹² Ibidem, p. 60.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p. 62.

termos como verdade e mentira, por suas personagens femininas, seus diálogos diretos e pela presença da hereditariedade nas narrativas.¹⁵

O conto *Chico*, escreve Verissimo na margem do texto original, “é em torno do batido tema do menino pobre numa noite de Natal.”; Chico tem sete anos, “de dia vendia jornais, de noite apanhava bordoadas do irmão mais velho, o Zico, que vivia embriagado.”¹⁶ A mãe era paralítica e estava muito doente; o pai já havia morrido. O menino refletia sobre as histórias que lhe contavam sobre Deus ser uma criatura boa e severa, a castigar os desobedientes. Ele apenas não entendia como a bondade divina permitia a pobreza, a doença ou a fome. Na noite de Natal, Chico sai escondido do casebre onde mora e dirige-se à cidade. Como nos contos de Dickens, o menino espia pelos portões e pelas janelas as festas com muita música, comida, luzes e brinquedos. Ele se lembra do que ouvira contar sobre Deus e também sobre Jesus, decidindo pedir a este último um Natal feliz. Dirige-se à igreja. Como pessoas ainda rezavam e algumas o observavam desconfiadas, Chico se esconde para esperar que a igreja se esvazie. Sozinho, conversa com a imagem de Jesus, que desce de seu altar e leva o menino até o céu; Chico percebe que ganhou asas. No céu, reencontra antigos companheiros de brincadeiras, num grande banquete. O menino junta-se a eles, come, se diverte e, com muito sono, dorme sobre a mesa. É acordado pelo sacristão da igreja que o sacode, pois o dia já amanhecera. Uma vez na rua, ainda sonolento e com fome, Chico constata que não acordara a tempo de buscar os jornais para vender; apanharia do irmão, com certeza. “E pensando naquele lindo sonho que fôra o seu único presente de Natal, Chico caminhou pra casa, arrastando pelas calçadas poeirentas os pobres sapatos cambaios que comprara a semana passada num *ferro velho*, por quatrocentos réis...”¹⁷ Além de satirizar as próprias referências a Natal, anjos, músicas de harpa e noites enluaradas, Verissimo explicou: “Chico e seu drama eram para mim, nesse tempo, apenas um assunto literário, não um sintoma de doenças terríveis de nosso organismo social”¹⁸ E também apontou o fato de um dos protagonistas de *O resto é silêncio* (1943) ser

¹⁵ VERISSIMO, Erico. *As mãos de meu filho*. Porto Alegre: Edições Meridiano, 1942. p. 124.

¹⁶ Idem, *Fantoches*, op. cit., p. 69.

¹⁷ Ibidem, p. 79 (grifos do autor).

¹⁸ Ibidem, p. 67.

também um vendedor de jornais – Sete Meis, uma das testemunhas do suicídio que abre a história.

Pigmalião é um conto sobre três personagens desenhados – Pigmalião, Galatéia e Elegante Desconhecido – que ganham vida e representam uma peça em três atos para uma plateia também desenhada. No primeiro ato, o escultor Pigmalião finaliza sua obra-prima, uma escultura de marfim “de formas ondulantes” chamada Galatéia, que se torna humana e se casa com o escultor. No segundo ato, Galatéia e o Elegante Desconhecido aparecem em “amoroso colóquio”. Ela constata que seu amante repete as mesmas palavras que seu marido. “Todos os homens são assim? Que engraçada é a vida!”¹⁹ Pigmalião adentra a cena e acusa a mulher: “Adultera!” Galatéia não entende o significado da palavra, tampouco o que poderia ter feito de errado. O marido desespera-se. Nesse momento, o Critiquinho destaca-se da plateia de desenhos animados, afirmando que Galatéia deveria ter continuado a ser uma estátua, pois passou a ser de todos os homens depois que ganhou vida, assim como os belos poemas que, uma vez públicos, “poluem-se, transformam-se, invertem-se, desfiguram-se”. Arremata que se tratam de “leis naturais.”²⁰ Da plateia também levanta-se o Cidadão Conspícuo, que estimula Pigmalião a lavar “com sangue seu nome manchado. Morte aos adulteros!”.²¹ Pigmalião decepa-lhes as cabeças, levantando-as no ar. “Os corpos das vítimas têm atitudes horripilantes. Contorcem-se, esguicham sangue, rolam...”²² O público vaia o autor da história, que amassa o papel, ouvindo os gritos de seus personagens. Depois, o autor reflete sobre a possibilidade da existência de “outro Creador”, que talvez um dia, cansado das “badernas e revoltas”, decida destruir o “mundinho de papel” do autor.

Veríssimo anotou:

Na época em que escrevi este conto eu só conhecia de “oitiva” *Pigmalião* de Bernard Shaw. Como se verá, esta é uma farsa em que aparecem calungas como personagens. Por que fugia tanto o Autor das personagens – de carne, ossos, sangue e nervos da vida real? O meu mundo era um mundinho de boneco – tinta e papel, vagamente sofisticado. Influência dos desenhos animados cuja voga

¹⁹ Ibidem, p. 157.

²⁰ Ibidem, p. 158.

²¹ Ibidem, p. 159

²² Ibidem.

começava no Brasil? Medo das brutais realidades do cotidiano da minha terra natal? O que eu fazia era menos arte do que artifício...²³

Como será tratado adiante, muitos personagens de Verissimo representam o artista ou o intelectual que não age em seu meio; são personagens passivos, sonhadores, alienados, com talentos desperdiçados e vidas infelizes. Para o autor, o verdadeiro artista não se aparta de sua realidade, mas age sobre ela, também a cria, visando contribuir, de alguma forma, para a melhoria das condições de vida dos indivíduos. Expor realidades opressivas e injustas através da criação literária também seria uma forma de fazer conhecer o país, apontar seus fracassos para entender suas origens e sutilezas. De certa forma, o personagem do Critiquinho aborda o tema, quando cita as obras que, em sua opinião, se desfiguram uma vez que são apropriadas pelo público.

No conto *Malazarte*, o personagem principal é preterido pela bem-amada, que ficou noiva de um filho de italianos. Malazarte, então, passa a nutrir profundo ódio pelos imigrantes que prosperavam no Brasil e atingiam posições sociais de destaque.

Amanhã, o filho de Clara terá os olhos azues e o nome de Lupi. E esse filho naturalmente desposará a filha de Schmidt, só porque esse ruivíssimo Schmidt tem uma fabrica de cerveja e muitos contos de reis no Banco. E terá filhos que levarão pela vida em fora o nome de Schmidt Lupi. O nome nacionalíssimo de Clara desaparecerá. E assim irá morrendo uma raça. Pra dar lugar, muito longe no futuro, a outra... E quem sabe o que será essa outra?

Malazarte olha sempre. Vê, lá dentro da casa de Clara, figuras conhecidas. Isaac Levine, judeu, tintureiro no passado, agiota muito honrado hoje. Willy Hansen, proprietário de terras nas colônias. Este acabará casando com a irmã mais velha de Clara. Outros, e outros... E ali fora, esquecido, pobre, só, desprezado – ele, Pedro Malazarte, flor da raça.

A orquestra começa a tocar uma musica alegre; um fox-trot.

Malazarte pensa:

– Onde ficou o maxixe do Brasil? Agora, só “americanadas”. Foxes. Charlestons. Corja!²⁴

Para se vingar, “uma vingança genial, digna de sua estirpe”, vai ao Barro Vermelho, o “arrabalde que abriga a fina flor da cafagestice. Bas-fond. Chinócas. Negros. Mulatas. Caboclos. Todas as noites – tiroteio, bailes, bebedeira – ‘fervo’.”²⁵ Na tasca, Malazarte se sente em casa: “Ao menos aqui há mais pureza.

²³ Ibidem, p. 151.

²⁴ Ibidem, p. 110.

²⁵ Ibidem, p. 111.

Mais raça... Não há duvida: eu me vingo.” Bebe cachaça; quando ouve os acordes do maxixe, “fala o passado da raça: batuques, fados, congadas, farras antropófagas de cauim”. Dança, bêbado, com uma mulata. “Torvelinho. Tudo gira, rebrilha, freme, treme, palpita, grita e gosa. A tasca é um mundo. A vida lá fora não existe. E Malazarte, tonto, transfigurado, esplendido, sorri como um triunfador”.²⁶ Utilizando conceitos eugênicos radicais “às avessas”, *Malazarte* é a observação do que se passa no sul do país num momento em que filhos e netos dos primeiros imigrantes ali estabelecidos no século 19 começam a prosperar nas cidades. Certo discurso nacionalista também está presente, misturando assuntos debatidos no país há pelo menos meio século. Verissimo anotou na margem do texto: “O tema da decadência das antigas famílias gaúchas de Jacarecanga e a ascensão econômica e social de certos imigrantes – de origem alemã e italiana – seria tratado pelo autor numa novela escrita às pressas: *Música ao longe* (1935).”²⁷ Outra anotação, inteiramente em caixa-alta, frisa: “NOTA: O AUTOR QUER DEIXAR CLARO QUE EM 1930 O ESTADO DE ISRAEL AINDA NÃO EXISTIA”²⁸. Ao lado do desabafo de Malazarte contra toda a sorte de imigrantes que conhecia e dos casamentos que contraíam, Verissimo escreveu: “Na *minha* opinião a mistura é muito boa!”; “Malazarte anti-semita?”; “Mas que delírio nativista!”²⁹ Na página com o título da história, Verissimo escreveu uma longa apresentação “retroativa” para seu conto, na qual explica:

Um dia – lá por voltas de 1930 – quando eu ainda vivia em minha cidade natal, me veio a idéia de escrever a estória duma família gaúcha, flor do nosso patriciado rural, que aos poucos vai perdendo todos seus bens materiais, ao passo que imigrantes alemães e italianos chegados alguns anos antes ao município (Jacarecanga) quase em estado de indigência, vão progredindo de tal forma, que acabam proprietários das casas avoengas pertencentes ao citado clã nacional.

Minhas personagens teriam caráter simbólico, e Malazarte encarnaria muitas das qualidades e defeitos do brasileiro de origem lusa, possivelmente com boa dose de sangue de bugre.

Malazarte seria preguiçoso, inteligente, sentimental, sensual, imprevidente, generoso... e imaginoso a ponto de tornar-se um mitômano.

A novela gorou. O que se segue é um de seus fragmentos, no qual se notam influências variadas, entre as quais a de *O estrangeiro*, de Plínio Salgado.

²⁶ Ibidem, p. 112-3.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem, p. 102.

²⁹ Ibidem, p. 110.

Compare-se o estilo deste fragmento com o do conto *Chico*. Era evidente que o autor buscava outros rumos.³⁰

Do conto *Malazarte* parecem sair vários temas importantes que integraram os livros posteriores de Verissimo. Ele próprio sublinha a família tradicional e decadente da fictícia cidade de Jacarecanga; são os Albuquerque, presentes em *Música ao longe* (1935), mas, de certa forma, também em *Clarissa* (1933). Neste, a menina Clarissa Albuquerque estuda em Porto Alegre e é através de cartas aos pais ou de suas recordações que, de forma difusa, se conhece a linhagem da família, influente nos tempos do Império, decadente e falida no início do século 20. Em *Música ao longe*, Clarissa retorna ao interior com um diploma da Escola Normal. Volta a viver no casarão da família onde moram os pais, os dois tios paternos (um alcoólatra e outro cocainômano), a tia materna que se dedica a um noivado de mais de dez anos e uma tia-avó com poucos momentos de lucidez. Há também um primo, Vasco, poucos anos mais velho que ela e que não aceita o patriarcado tradicional que ainda tenta impor o pai de Clarissa, apesar da decadência física e financeira da família. Para poderem sobreviver, os dois jovens devem superar a hereditariedade e as tradições familiares. Num plano mais amplo, as tradições regionais também são questionadas, principalmente as que se referem à história de um passado glorioso do Rio Grande do Sul, guerras contra os castelhanos, Revolução Farroupilha etc. Como Clarissa é professora, os dois primos refletem acerca do ensino que se oferece às crianças, severo, repleto de mitos nacionais e informações sem muita utilidade.

A decadência da família culmina em *Um lugar ao sol* (1936), com a morte do pai de Clarissa, assassinado por questões políticas. À medida que o poder dos Albuquerque desaparece, é como se o ambiente entrasse em decadência física igualmente, como se apodrecesse, mas também oprimisse. No velório do pai de Clarissa, Vasco imagina que a cidade toda afunda na lama. Lembra de como encontrou o cadáver, “de olho a sangrar (...), caído na sarjeta como um cachorro, tingindo de sangue a água podre”.³¹ No casarão da família, “prevalecia a mesma atmosfera de jazigo: cheiro de morte, lembranças tristes, retratos de defuntos e

³⁰ Ibidem, p. 99-100.

³¹ VERISSIMO, Erico. *Um lugar ao sol*. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 19.

gente viva saturada de sofrimento”.³² A água da torneira saía “morna e viscosa” e “a vida era suja, baça, igual e sem beleza. Nascia-se velho naquela cidade esquecida de Deus.”³³ Uma semana após a morte do pai de Clarissa, Vasco lê no jornal uma entrevista do prefeito, cujo capanga foi o assassino. Ele negava qualquer motivação política para o crime, declarando que deveria se tratar de um crime passional. “Vasco deixou cair o jornal. Era incrível tanta miséria moral, tanta sujeira. Teve uma sensação de sufocamento. Foi até a janela. Precisava de ar puro. Mas não havia ar puro em Jacarecanga. O prefeito e seus capangas empestavam a cidade. Eles precisavam fugir antes que aqueles miasmas lhes envenenassem os pulmões, lhes destruíssem a alma, a vontade, o pouco que lhes restava de limpo e decente.”³⁴ Numa cena antológica, Vasco é chamado pelo nonagenário General Campolargo, que no século 19 determinava o que era certo e o que era errado na cidade. Ele mesmo julgava e executava os contrários a sua lei. Era um degolador histórico, alimentava os mitos locais. Como não tolerava o grupo do prefeito, chamou Vasco para planejar uma vingança pelo assassinato. O jovem pondera que os tempos mudaram, que violência só atrairia mais violência. O velho general se exalta, bengala em riste, fazendo ressaltar sua “senilidade irremediável, a proximidade do fim”. Vasco então ouve “um ruído macio, iniludível. Viu que do assento da cadeira do general escorria para o chão um líquido que não lhe custou identificar. Um ativo cheiro amoniacal se espalhava pelo quarto (...). Aquilo era mil vezes pior que a morte.”³⁵ Tudo parece ser passível de transmissão, evolução e decadência; tudo parece ser orgânico.

Voltando à análise da obra de Oliveira Vianna por Maria Stella Bresciani, a autora abordou igualmente as imagens orgânicas que o teórico utilizou na década de 30 para se referir à sociedade brasileira:

podemos pensar a referência à noção de utopia orgânica na proposta de Oliveira Vianna como procedimento retórico condizente com um projeto cujo objetivo era o de organizar solidariamente a nação brasileira. Ou seja, o próprio Buarque de Holanda reconheceria que, por vezes, Oliveira Vianna usara palavras relacionadas a noções organicistas para referir-se a “coisa fabricada, fabricável ou retificável do intelecto humano”, sem fechá-la no estrito círculo do pensamento romântico reacionário.³⁶

³² Ibidem, p. 49.

³³ Ibidem, p. 55.

³⁴ Ibidem, p. 63.

³⁵ Ibidem, p. 88.

³⁶ BRESCIANI, op. cit., p. 463

Ela aponta as “figuras de linguagem de ordem orgânica e afetiva” das quais também lançou mão Sérgio Buarque de Holanda, “sem com isso comprometer politicamente o autor com o ideário romântico, ou melhor, politicamente conservador.”³⁷ E ressalta a metáfora orgânica da representação do Estado forte e unitário de Oliveira Vianna, segundo ele, criador da “medula da legalidade”.³⁸

Tanto na literatura como na análise histórica e sociológica do Brasil nos anos 30, a imagem do organismo social era recorrente. Marcante na filosofia desde o século 18, em oposição à imagem da precisão mecânica, a concepção do mundo e das relações humanas como similares a fenômenos fisiológicos teve um de seus pontos altos na literatura naturalista do século 19. É importante conhecer seus elementos para compreender algumas concepções das primeiras décadas do século 20.

2.2 O organismo social

Erico Verissimo recorreu à imagem do *organismo* em seus textos, entrevistas e comentários sobre a própria obra para se referir à sociedade na qual viveu, para se referir a sua própria época. Em seus livros, o meio pelo qual circulam os personagens é descrito quase em termos fisiológicos, assim como são constantes as analogias entre justiça/felicidade e saúde. As sociedades ideais são as saudáveis, na medida em que a saúde é o sintoma do equilíbrio, da equidade. A miséria, a violência, a descendência comprometida são, assim como a doença, manifestações orgânicas de um tecido social corrompido. E a história mistura-se com os caracteres hereditários.

Antonio Candido explica o romance da década de 30 como sendo “fortemente marcado pelo Neo-Naturalismo”³⁹; Luís Bueno aponta que “os anos 30 são a época do romance social, de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico.”⁴⁰ Para

³⁷ Ibidem, p. 466.

³⁸ Ibidem, p. 472.

³⁹ CANDIDO, *Literatura ...*, op. cit., p. 131.

⁴⁰ Ibidem, p. 19.

compreender esta marca neonaturalista, é necessário entender alguns elementos do naturalismo, não para buscar em que pontos aquela repete tais elementos, mas para compreender a importância social destes, suas origens, desdobramentos, construções teóricas e mudanças na forma de compreender a realidade. Sem buscar uma linearidade, tampouco determinismos, o que propiciou o naturalismo e de que forma este transformou determinada realidade, na medida em que abriu campos de reflexão e atuação, são dados importantes para o entendimento de algumas opções artísticas e intelectuais no início do século 20.

Já na segunda metade do século 19, o romance naturalista fixava analogias entre a fisiologia e o meio, personagens determinadas por este e portadores de caracteres físicos para além da simples aparência – doenças, defeitos, hereditariedade, saúde, tudo concorria para tornar a narrativa verossímil. Assim como os personagens, o próprio meio, as comunidades criadas pelo texto literário também parecem pulsar, tornar-se doentes ou sadios, fenecer, morrer. Mas essa percepção orgânica do mundo, que conseqüentemente modificou a forma de registrá-lo, é mais remota, está ligada ao movimento romântico do início daquele século, com origens no final do século 18.

Franklin Baumer caracterizou o movimento romântico como o primeiro grande protesto contra o mundo moderno e a civilização científico-racional que se configurava já no século 17 e que atingiu o seu ápice no Iluminismo do século 18. Entende que houve uma pluralidade de romantismos, e que, mais que um movimento artístico e literário, lançou um paradigma filosófico, político e historiográfico. Embora tenha afetado mais profundamente a Alemanha, manifestou-se por toda a Europa, como reação à rigidez das ideias filosóficas e científicas do Iluminismo, ao pensamento geométrico – que sujeitava a vida à razão –, ao neoclassicismo – que teria imposto regras universais e rígidas à arte e aos artistas – e ao empirismo lockeano – que limitava o conhecimento humano ao mundo das aparências. “Entendendo que os conceitos da ciência mecanicista não eram adequados, o romantismo voltou-se cada vez para analogias biológicas, descrevendo a natureza como *naturans*, isto é, animada por um princípio vivo em oposição a uma *natura naturata*, isto é, um projeto acabado e morto.”⁴¹ Os

⁴¹BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno*. volume II: Séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70. p. 34.

românticos não eram anticientíficos, mas não aceitavam a ciência mecanicista; em vez disso, influenciados pela *Naturphilosophie* de Schelling⁴², concebiam um *devoir*, uma evolução criativa. A representação newtoniana do mundo como um relógio e seu mecanismo – com peças determinadas, bem encaixadas e permanentes –, passou a concorrer com a ideia de mundo como um organismo vivo, em evolução. O “crescimento natural” das sociedades deveria ser levado em conta, em detrimento do planejamento com base nos direitos individuais. Dessa concepção orgânica de sociedade também deriva a empatia romântica pela história: “em oposição à doutrina de progresso, Herder proclamou um relativismo histórico. Em oposição às tendências generalizantes dos ‘filósofos’, defendeu a individualidade das culturas e dos povos.”⁴³ Assim, cada sociedade se desenvolveria como uma planta, em continuidade com o seu passado específico, origem dos hábitos, realizações e lealdades do presente. E a nação (Estado-nação) se constituiria na forma mais elevada de organismo social.

Nesse sentido, Raymond Williams apontou que a concepção orgânica de sociedade prevê a estrutura de classes, cada uma delas cumprindo uma função; cada função se interligaria, num exercício da vida perfeita, garantindo o equilíbrio. Assim, o organismo permaneceria saudável, podendo desenvolver suas potencialidades. Ele também ressaltou o papel do filósofo britânico Edmund Burke, que

firmando a ideia do Estado como agente necessário da perfeição humana, contribuiu, nos termos dessa ideia, para que fosse condenado o agressivo individualismo do século dezanove. Também lançou a ideia do que viria a ser chamada ‘sociedade orgânica’, na qual a ênfase está antes da inter-relação e continuidade das atividades humanas do que na separação delas em esferas de interesse, cada qual governada por leis próprias.⁴⁴

Para Burke, a sociedade orgânica era ameaçada e destruída pelas novas forças econômicas – tanto conservadores quanto socialistas adotaram esta concepção de sociedade; ambos tinham como inimigo comum o liberalismo. O apego a determinados aspectos do passado e a preservação arquitetônica e dos documentos vêm na esteira da preocupação com a sociedade orgânica em desintegração.

⁴² *Ideias para uma filosofia da natureza* foi publicado em 1797.

⁴³ BAUMER, op. cit., p. 54.

⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1969. p. 34.

Como princípio do romantismo, Baumer ressalta a oposição ao Iluminismo; Williams frisa a oposição ao liberalismo. Por não apresentar direção única nem fundamentos programáticos, as ideias românticas apresentam muitas possibilidades de abordagem, mas em todas se destaca a concepção orgânica do mundo que enquadrou os mais diversos textos de seus adeptos. Juntamente com isso, a noção do *devenir* passou da evolução dos organismos à evolução histórica, possibilitando também toda sorte de utopias, socialistas ou nacionalistas:

Na verdade, eram na sua maior parte sonhos e profecias, nunca muito concretas, de uma grande sociedade nunca antes vista. A viragem messiânica do pensamento romântico veio principalmente de França, depois de 1830, e com a 'segunda geração' na Inglaterra, onde um ânimo melancólico anterior deu lugar a expectativas apocalípticas, levantadas pelas revoluções francesa e industrial. Alguns nomes ligados a esta viragem são os simonianos e os fourieristas, Victor Hugo e Percy Bysshe Shelley, o historiador francês Jules Michelet e o patriota italiano Giuseppe Mazzini. Não é fácil caracterizar esquemas e sonhos tão diferentes como os falanstérios de Fourier, a Idade do Povo de Michelet e a Terceira Roma de Mazzini. Basta dizer que todos eles estavam cheios de paixão pela justiça e liberdade social e de compaixão pelos *misérables*, os oprimidos de uma nova era de exploração industrial. Todos recusavam ser constrangidos pelos limites 'clássicos', e todos exibiam uma indiferença e desprezo no que respeito aos meios.⁴⁵

Juntamente com um precioso trabalho de fontes, a concepção de história de Jules Michelet está permeada de conceitos de Herder, Hegel e também de Vico: o historiador francês foi inspirado pela teoria evolucionária da cultura, pela ideia da mudança social e do "caráter *orgânico* da sociedade humana e a importância de reintegrar, através da história, as diversas forças e fatores e compõem a vida humana. Queria descobrir na história um "princípio de ação"⁴⁶. Essa mesma busca também guiou outras grandes sínteses do século 19, entre as quais estão dois livros decisivos, como afirma Aloisio Teixeira – *A origem das espécies*, de Charles Darwin, publicada em 1859, e o Livro I de *O Capital*, de Karl Marx, publicado em 1867.

Ambos representavam, cada um ao seu modo, um ataque frontal e uma verdadeira demolição dos dogmas que presidiam os estudos em ciências naturais e em ciências da sociedade. Os dogmas vigentes, tanto os de fundo religioso quanto os que se apoiavam em falsos conhecimentos científicos, implicavam em grande conformismo face à realidade, em especial a dramática realidade social da época. A insatisfação intelectual que geravam não podia ser satisfeita por propostas utópicas ou anarquistas. O avanço representado pela publicação quase

⁴⁵ BAUMER, op. cit., p. 49

⁴⁶ WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. p. 13.

simultânea das obras de Darwin e de Marx colocava no centro do debate a idéia de movimento e transformação, tanto na sociedade quanto na natureza, ainda que nem os fenômenos examinados, nem a metodologia, muito menos o próprio conceito de movimento e transformação fossem os mesmos nos dois autores.⁴⁷

Essas obras trazem a marca das teorias orgânicas, cuja influência transbordara para sempre dos limites do pensamento romântico, para instaurar uma nova reflexão acerca do mundo, em quaisquer que fossem as correntes de pensamento e os campos de atuação de cientistas e intelectuais; mas já fazem parte do ideário do *cientismo* do século 19. Neste, conceitos do classicismo do século 18 não desapareceram, foram reelaborados, assim como têm, de alguma forma, as ideias românticas como ponto de partida para reflexões que buscavam o rigor de um método.

Coexistindo com as outras concepções filosóficas, políticas, econômicas e artísticas do século 19, o ideário cientista também passou a ser uma possibilidade para lidar e explicar as mudanças naturais e sociais; todas as questões poderiam (e deveriam) ser respondidas de modo científico. Pode-se dizer que as concepções de *organismo social* e *devir histórico*, além da vontade de se produzir conhecimento objetivo, se encontraram nas principais obras da segunda metade do século 19. Se Darwin apresentou as evidências científicas da evolução, indo além das enunciações e especulações que já existiam sobre o tema, percebe-se, por exemplo, que Comte buscou sintetizar uma ciência da sociedade; Renan, a ciência da religião; Marx concebeu seu socialismo como científico; Stuart Mill concebia a ciência da natureza humana; Émile Zola, o grande nome do naturalismo literário, imaginou uma literatura unida à ciência, inspirando-se nas formulações do fisiologista Claude Bernard⁴⁸ – que, por sua vez, entendia que a medicina deveria deixar de ser a “arte de curar” e estabelecer um *corpus* científico, a medicina experimental. Havia que se superar o “olhar dos nosógrafos”.⁴⁹

A busca pelo aspecto científico não pode ser entendida como um gesto reducionista de intelectuais, naturalistas ou médicos. Como se viu, diferentes

⁴⁷ TEIXEIRA, Aloísio (org.). *Utópicos, heréticos e malditos*; os precursores do pensamento social de nossa época. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 315-6.

⁴⁸ BAUMER, op. cit, 63.

⁴⁹ FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994, p. 136.

noções conviviam, eram combinadas, suas premissas reelaboradas, dando origem a novos e diversos registros. A aspiração a um estatuto científico deve também ser entendida como uma forma de se conceber o mundo e a ação sobre este. Engendrou teorias que visavam a transformação e não a conformação do mundo, assim como também possibilitou processos criativos, um diálogo com a produção artística e mesmo a redefinição do papel do artista no mundo.

2.3 Medicina e história: o romance experimental

Acima, citou-se a importância da fisiologia do Dr. Claude Bernard (1813-1878) nas leituras de Émile Zola; o livro *Introdução ao estudo da medicina experimental* (1865) forneceu os princípios para a formulação de um novo método criativo na literatura. Mas antes dele, outro objeto da pesquisa científica fascinara Zola, a ponto de influenciar seus argumentos literários: a hereditariedade.

Presente em textos da Antiguidade, o interesse pela hereditariedade já constava na teoria da pangênese de Hipócrates e na *Parva Naturalia* de Aristóteles, entre outros. Mas foi no século 19 que se produziram as grandes sínteses sobre o tema, quando as ideias de Lamarck ganharam força para a explicação do seu funcionamento. A *teoria da transmutação*, conhecida como *lamarckismo*, formulada pelo naturalista francês Jean-Baptiste de Monet, cavalheiro de Lamarck (1744-1828), teve grande impacto na comunidade científica ocidental, sendo desenvolvida e revitalizada até o século 20. Os estudos de Lamarck concentraram-se na influência do meio ambiente no desenvolvimento dos órgãos dos seres vivos, sobre a modificação desses órgãos de acordo com sua utilização e sobre a hereditariedade dos caracteres adquiridos.⁵⁰ Somente na segunda metade do século 19 é que uma teoria que se contrapunha à tradição lamarckista ganhou força, quando August Weismann reconhecendo a seleção germinal como auxiliar da seleção natural. E, mais conhecido somente no século 20, o *Experimento sobre a hibridização das plantas* de Gregor Mendel já havia sido publicada nos *Anais da Sociedade de Naturalistas de Brünn* em 1865. Muitos

⁵⁰ Disponível em <<http://www.infoscience.fr/histoire/biograph/biograph.php3?Ref=40>> Consultado em 08/03/2007.

outros estudos foram realizados, tentando encontrar respostas que dessem conta de uma explicação para a transmissão de caracteres, mas até aproximadamente 1870, ainda não se conhecia totalmente a função dos espermatozoides na fecundação, para citar apenas um entre vários fenômenos sobre os quais se tentava elaborar uma teoria sólida.

Foi em todas essas teorias médicas sobre a hereditariedade do século 19 que Émile Zola pôde encontrar caminhos possíveis para sua literatura. Ele leu a obra de Moreau de Tours, *Da identidade do estado do sonho e da loucura* (1855), o *Tratado das degenerescências* de Auguste Morel (1857) e a *Fisiologia das Paixões* de Charles Letourneau (1868). Entre os dossiês preparatórios que organizava antes de começar a escrever, há anotações sobre a *Hereditariedade nas doenças do sistema nervoso* (1886), de Jules Déjerine, assim como sobre *Ensaio sobre a hereditariedade e a seleção natural*, de Weismann.⁵¹ Mas foi sobretudo o *Tratado filosófico e fisiológico da hereditariedade natural* (dois volumes, 1847 e 1850), do médico Prosper Lucas, a obra sobre o tema que mais impressionou Zola, a ponto de utilizá-la praticamente como fio condutor para sua saga familiar – os 20 livros de *Os Rougon-Macquart: história natural e social de uma família no segundo Império*, publicados entre 1871 e 1893.⁵²

A força da obra do Dr. Lucas está manifesta em muitos registros do século 19. No primeiro capítulo de *A origem das espécies – Variação das espécies no estado doméstico* –, Charles Darwin, escrevendo sobre a hereditariedade, ressaltou: “a melhor obra e mais completa que temos sobre o assunto é a Dr. Prosper Lucas.”⁵³ Ela continuou sendo ponto de referência até o final do século, a despeito de todas as descobertas feitas na área da genética e que foram de encontro a ideias do *Tratado*. A hereditariedade é apresentada em três casos: *eleição*, quando há a semelhança exclusiva com o pai ou com a mãe; *mistura*, na qual ocorre representação mista e simultânea do pai e da mãe; *combinação*, que

⁵¹ MORGAN, Owen & PAGÈS, Alain. *Guide Emile Zola*. Paris: Ellipses, 2002. p. 227. Tradução livre.

⁵² *La Fortune des Rougon* (1871), *La Curée* (1872), *Le ventre de Paris* (1873), *La conquête de Plassans* (1874), *La faute de l'abbé Mouret* (1875), *Son excellence Eugène Rougon* (1876), *L'Assomoir* (1877), *Une page d'amour* (1878), *Nana* (1880), *Pot-bouille* (1882), *Au Bonheur des Dames* (1883), *La joie de vivre* (1884), *Germinal* (1885), *L'Oeuvre* (1886), *La Terre* (1887), *Le Rêve* (1888), *La Bête humaine* (1890), *L'Argent* (1891), *La Débâcle* (1892) e *Le Docteur Pascal* (1893).

⁵³ DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 28.

apresenta a dissolução dos dois autores no produto.⁵⁴ Zola viu nessas conformações descritas pelo Dr. Lucas uma via original para a criação literária. Também se encontra no *Tratado* a teoria da impregnação⁵⁵, que entendia a mulher como uma espécie de placa sensível, na qual restariam “impressões”, caracteres de seu primeiro parceiro sexual. Mesmo que a mulher tivesse filhos com outro homem, os caracteres do “primeiro amante” seriam transmitidos às crianças. Essa teoria coexistia com a tradição hipocrática, que postulava a necessidade das “sementes” masculina e feminina para a geração. No final do século 17 e por todo o século 18, estudos tentaram comprovar a predominância do gameta feminino sobre o masculino na geração e vice-versa, dividindo os estudiosos em dois campos. Muitas polêmicas acabaram cessando no século 19, mas diferentes teorias sobre a hereditariedade, algumas obscuras, conviviam. Muitas encontraram respaldo no imaginário popular, na tradição. Outras reforçavam concepções de moral da sociedade industrial, principalmente no que se referia ao papel da mulher – mesmo que o alvo desses estudos não fosse este. Seja como for, o *que* se transmitia à nova geração e *quem* transmitia eram preocupações recorrentes, presentes nas mitologias universais sobre a vida e a morte.

Jules Michelet também era adepto da teoria da impregnação, presente em *O amor* (1859) e da qual se encontram traços mesmo na *História da França*. Foi justamente nos textos de Michelet que Émile Zola dela tomou conhecimento pela primeira vez, antes da obra do Dr. Lucas. Leitor de Michelet, Zola encontrou no historiador, de acordo com suas próprias palavras, um “anatomista impiedoso, que vasculha as pessoas até as entranhas. Aqui, tratamos de homens e não de manequins solenes e grotescos; a história é explicada pelo sangue e pelos nervos, pelos apetites e covardias, pelas personalidades e fatalidades humanas.”⁵⁶

⁵⁴ LUCAS, Prosper. *Traité philosophique et physiologique de l'hérédité naturelle*. Tome Second. Paris: Librairie de l'Académie Nationale de Médecine, 1850. p. 397-434

⁵⁵ Para outras informações acerca da teoria da impregnação, ver CAROL, Anne. La télégonie, ou les nuances de l'hérédité féminine. In *Rives nord-méditerranéennes*, 24-2006 - *Hérédités, héritages*, [En ligne], mis en ligne le : 29 décembre 2008. Disponível em <<http://rives.revues.org/document550.html>> Consultado em 28/02/2009. Tradução livre.

⁵⁶ BECKER, Colette. *Zola: le saut dans les étoiles*. Paris: Presse de la Sorbonne Nouvelle, 2002. p. 50. Tradução livre.

Outro historiador caro a Zola foi Hippolyte Taine (1828-1893); crítico literário, entre suas atividades como professor e escritor, seguiu cursos no Museu e Academia de Medicina em Paris. Em sua tese de doutorado, *Estudo sobre as fábulas de La Fontaine* (1853), aplicou pela primeira vez as premissas de seu método crítico, que entende todo escritor por sua “faculdade mestra”, própria a cada artista, determinada por três fatores: o meio, o momento e a raça.⁵⁷ Em trabalhos subsequentes, estendeu esta ideia à história das nações; postulava que todos os fenômenos humanos poderiam ser entendidos nas novas perspectivas abertas pelas ciências naturais. Zola conheceu Taine quando trabalhava na livraria Hachette⁵⁸, que publicava, além dos livros, boletins de resenhas e relatórios como o *Boletim do livreiro e do amador (amateur) de livros*. Foi para este boletim que Zola resenhou *História da literatura inglesa* e *Novos ensaios de crítica da história*, ambos de Taine, interessando-se pela possibilidade de se explicar as obras pelos fatos históricos e fisiológicos, explicar o indivíduo por sua época e seu meio. Admirava a “exatidão da ciência” do método de Taine⁵⁹, mas não o aceitava completamente, por acreditar que nele a personalidade do artista não recebia a importância que merecia.

De toda a forma, em *Thérèse Raquin* (1867), um de seus chamados “romances da juventude”⁶⁰, Zola introduziu na íntegra a frase de Taine: “O vício e a virtude são produtos como o vitríolo e o açúcar”, retirada da *História da literatura inglesa*.⁶¹ Em *Thérèse Raquin*, Zola também utilizou a *teoria dos temperamentos*. Retirada da tradição hipocrática dos quatro humores – sangue, linfa, bile amarela, bile negra – e das possíveis patologias humorais, a teoria foi aprofundada por Galeno, que fez corresponder temperamentos a cada indivíduo a partir da prevalência de determinado humor – têm-se, assim, os temperamentos sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. Assim como as ideias acerca da hereditariedade, aquelas acerca dos humores e temperamentos também tiveram grande aceitação, até o final do século 19 e início do posterior. Em 1789, Kant

⁵⁷ LAVIELLE, Véronique et al. *Dictionnaire d'Émile Zola*; as vie, son oeuvre, son époque. Paris: Éditions Robert Laffond, 1993. p. 405. Tradução livre.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ MORGAN e PAGÈS, op. cit., p. 55.

⁶⁰ São os cinco romances que precedem *Os Rougon-Macquart*: *La confession de Claude* (1865), *Le voeu d'une morte* (1866), *Les mystères de Marseille* (1867), *Thérèse Raquin* (1867), *Madeleine Féral* (1868).

⁶¹ MORGAN e PAGÈS, op. cit., p. 55.

lançou mão desta teoria em *Anthropology*. Ela foi atualizada pelo romantismo e, na segunda metade do século 19, teve uma obra capital a ela dedicada: *Fisiologia dos escritores ou Ensaio de crítica natural*, do crítico francês Émile Deschanel, publicada em 1864. O autor, republicano convicto, foi exilado durante toda a década de 1850 na Bélgica; retornando à França, elegeu-se deputado e senador vitalício. Foi nomeado professor de letras modernas no Collège de France e, graças a seu prestígio, suas conferências passaram a ser publicadas pela Hachette – onde trabalhava Zola. Interessado pelas teorias de Deschanel, que já conhecia desde sua primeira publicação, Zola aprofundou-se no estudo destas, encontrando ali uma combinação que julgou a mais precisa e completa para explicar o homem. Deschanel considerava a importância do clima, do solo e da raça no comportamento humano, mas, sobretudo, insistia no papel do temperamento individual para a definição de “fisionomias pessoais”, ou seja, como cada temperamento dá cores particulares ao determinismo do meio.⁶² Zola aí inspirou-se para enunciar a ideia fundadora de sua nova estética – a *teoria da tela* (*théorie de l'écran*):

Vemos a criação dentro de uma obra, através de um homem, através de um temperamento, uma personalidade. A imagem que se produz sobre esta tela de nova espécie é a reprodução das coisas e das pessoas colocadas para além, e esta reprodução, que não saberá ser fiel, mudará o tanto de vezes que uma nova tela venha a se interpor entre nosso olho e a criação ... A tela clássica é, em última palavra, uma lente de aumento que desenvolve as linhas e fixa as cores de passagem ... A tela romântica é, em suma, um prisma, de refração patente, que parte todo raio luminoso e o decompõe em um espectro solar ofuscante ... A tela realista é um simples óculos de leitura, muito fino, muito claro e que tem a pretensão de ser tão perfeitamente transparente que as imagens lhe atravessam e se reproduzem em seguida em toda sua realidade ... Todas as minhas simpatias, se é necessário dizer, são pela tela realista; ela contenta minha razão e eu sinto nela imensas belezas de consistência e verdade.⁶³

Zola tomou das ciências naturais o termo *naturalismo*, que era empregado no meio literário desde Balzac (1799-1850), para designar a sua peculiar concepção realista. O termo referia-se a princípio aos estudiosos da botânica e da zoologia, mas seu sentido foi estendido ao estudo das sociedades, ou mesmo à vontade de entender suas mudanças, principalmente no que referia ao método de

⁶² LAVIELLE et al., op. cit., p.121; 407; PEREIRA, Patrícia do Carmo. *Diferenças individuais, temperamento e personalidade*; importância da teoria. In: Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 19. n. 1, p. 91-100. janeiro/abril 2002.

⁶³ Carta de Émile Zola a Antony Valabrègue, 18 de agosto de 1864. Apud: MORGAN e PAGÈS, op. cit., p. 204-5.

estudo – com dissecações, classificações, esquematizações, estabelecimento de correlações, estudo da evolução etc. “Ora, o cientista dissectiona não somente para ver, mas para compreender o funcionamento dos órgãos e as grandes leis vitais”. O procedimento permitiria desvelar os mecanismos da vida.⁶⁴ Da mesma forma, para Zola, havia que se encontrar um estilo de escrita que desse conta da nova abordagem do mundo e das informações que essa abordagem permitia buscar. Deveria ser um estilo que conseguisse captar a atividade humana no que ela apresentava de simples, natural, físico – “palpável”.

Uma década antes das experimentações literárias de Zola, o escritor Gustave Flaubert (1821-1880) já buscava um novo estilo para escrever, quando começou a esboçar *Madame Bovary*, em 1851. Por essa época, havia retornado de uma viagem ao Oriente Médio, Turquia, Grécia e Itália. Acumulava um sem-número de leituras e remetia-se frequentemente a experiências de infância vividas no Hôtel Dieu de Rouen, hospital no qual seu pai era o cirurgião-chefe e onde morava com a família. Estava insatisfeito com o “lirismo” de suas imagens expresso em *Memórias de um louco* e também nas primeiras versões de *Educação sentimental*, que teve alterações até a publicação definitiva, em 1869. Interessou-se por um fato aparentemente banal, do qual ele tomara conhecimento: a morte de um médico prático – criado e educado pelo pai do escritor. Tempos antes de sua morte, o prático fora envolvido num escândalo por conta de sua segunda esposa, jovem que o traía e contraía dívidas em seu nome. Uma vez descoberta e sem poder saldar suas dívidas, a jovem suicidou-se, deixando uma filha pequena; o prático morreu pouco tempo depois do suicídio da esposa.

Flaubert viu na descrição dessa história a possibilidade de exercitar o novo estilo de escrita. Utilizou detalhes geográficos reais, descreveu ambientes, hábitos tradicionais, detalhes de vestuário, interiores de fazendas, hotéis, casas de interior; dedicou muitos detalhes a uma farmácia, seus medicamentos, as cirurgias que nela se faziam, os humores corporais, enfim, detalhes da vida dos seres humanos que o autor afirmava não terem recebido atenção na literatura, ou ainda, que não tinham sido descritos da forma como ele descrevia. “O estilo é mais que uma maneira de escrever, mais que um produto deliberado do escritor.

⁶⁴ BECKER, op. cit., p. 48.

Persuadido que ‘não há idéia sem forma, não há forma sem idéia’, Flaubert enxerga-o como a manifestação mesma do objeto, das situações, das personagens, e sem que possamos distinguir a forma do conteúdo. Quando nos mantemos ‘na idéia’, ela é entregue com a palavra que a nomeia.”⁶⁵

Madame Bovary foi publicado em 1856, depois de cinco anos de pesquisas e reescrita. Provocou comoção no país; o autor e seu editor foram a julgamento por “ultraje à moral pública, religiosa e aos bons costumes”.⁶⁶ Como o processo causou impacto e era discutido em jornais da capital francesa e de centros menores, pessoas passaram a afirmar na imprensa terem conhecido o casal Bovary; lembravam-se de detalhes sobre pessoas, fatos e lugares – o livro de Flaubert organizara tais detalhes numa narrativa vívida, que, por sua vez, eram apropriados pelos leitores; além de obter certa visibilidade e atenção, esses leitores se sentiam quase como personagens da história, uma vez que nela constavam detalhes prosaicos da vida de qualquer habitante de uma cidade pequena francesa. Temas como o de *Madame Bovary* já haviam sido abordados, mas o que realmente causou impressão foi a maneira de descrevê-lo e os elementos para fazê-lo. Atente-se aqui para a descrição física, não apenas dos ambientes, mas dos personagens, seus temperamentos e suas reações corporais. Leitor de obras sobre ciências naturais e sociais, Gustave Flaubert cresceu num hospital e, até seus 20 anos de idade, sua vida orbitou em torno das atividades paternas. Certamente que estes elementos tiveram um papel importante na criação de sua obra e se introduziram de forma permanente na produção literária. Quanto à imagem do escritor, Flaubert encarnava o artista que vivia de rendas outras que não de seu trabalho – para ele, sua arte era algo elevado, não deveria se misturar às necessidades de sobrevivência.

Admirador e discípulo de Flaubert, Zola foi um dos escritores que colaborou para a mudança dessa imagem do artista. Partindo da escrita realista, utilizando temas como hereditariedade, devir histórico, determinismo, darwinismo e organicismo, buscando a expressão justa, que se refinava a cada obra, produziu de forma profusa, transbordante. Livros se seguiam, assim como artigos sobre a

⁶⁵ NADEAU, Maurice. Préface et notes; In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Editions Rencontre, 1965, p.13. Tradução livre.

⁶⁶ Jugement. *Gazette des Tribunaux*, 9 de fevereiro de 1857. Apud: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Editions Rencontre, 1965. p. 519. Tradução livre.

própria literatura, peças de teatro, depois tratados teóricos; artigos sobre a política e a necessidade de se engajar pela justiça, denunciar a miséria – sempre desconfiando da política partidária e da violência. “Seus argumentos são os dos direitos humanos: a liberdade de expressão, o direito à verdade, uma justiça idêntica para todos”.⁶⁷ O escritor se expressava em seus livros e julgava necessário se expressar também sobre seu mundo através da imprensa. E era desta atividade que tirava seu sustento, pois entendia-a como profissão. “A partir de entrevistas, é possível considerar que Zola tomou a palavra em praticamente todos os periódicos de sua época. Aproximadamente 1500 artigos na imprensa parisiense, 1800 na imprensa de cidades menores, aos quais se juntam entre 300 e 400 entrevistas – um volume considerável de 4000 artigos.”⁶⁸

Graças à expansão da alfabetização, da edição de livros baratos e ao desenvolvimento do jornalismo, houve o aumento do público leitor, e Zola

quer dirigir a esses novos leitores, aos quais seguidamente faz alusão em suas reflexões preparatórias de suas obras. Tanto é que, à diferença da maior parte dos escritores contemporâneos, ele vive de sua pena e conhece as novas condições de produção literária, o que traz consequências sobre o conteúdo dos textos – é preciso falar a esses leitores sobre o que lhes interessa – e sobre sua forma –, é preciso fazê-lo numa linguagem que é a desses leitores, alimentar seu interesse, suscitar sua curiosidade pela utilização de toda sorte de procedimentos de maneira a educá-los – objetivo que ele atribui à literatura.⁶⁹

Pierre Bourdieu sublinha a mudança que Émile Zola introduziu no campo literário do século 19, que ainda alimentava a imagem do artista verdadeiro que não deveria sobreviver da venda de sua arte – consequentemente, o artista que vivia de seu trabalho era considerado inferior. Zola vendia, conhecia os meandros das editoras, pois trabalhara nelas, assim como em jornais. Logo, para muitos, era considerado um autor menor. Mais que isso, seus personagens portadores de “taras”, defeitos físicos, suas descrições dos ambientes miseráveis – que visitava e catalogava, minuciosamente, a cada novo livro – das atividades mais baixas dos habitantes das cidades e do trabalho recebiam da imprensa e da Academia as críticas mais duras. “Zola é, sem dúvida, juntamente com Hugo, o escritor mais

⁶⁷ MITTERRAND, Henri. *La vérité en marche*. Paris: Gallimard, 2002. p. 63

⁶⁸ MORGAN e PAGÈS, op. cit., p. 82.

⁶⁹ BECKER, op. cit, p. 25.

caricaturado do XIX.”⁷⁰ Uma das acusações mais recorrentes dirigidas ao escritor era a de produzir “imundícies”; assim, ele era frequentemente caricaturado ao lado de “ferramentas de trabalho” como escarradeiras, penicos, bacias e outros objetos de ablução. Numa série de posters antisemitas chamada *Musée des Horreurs* (*Museu dos Horrores*), que apareceu na abertura da Exposição Universal de 1899, Zola foi representado como “o rei dos porcos”, num corpo de leitão, peniquinho em punho, a espalhar o conteúdo deste pelo mapa da França.⁷¹ Em outra, Zola surge de dentro de uma latrina; ou ainda, aparece dos esgotos, saindo pelas tampas dos bueiros.⁷²

Além de ser criticado por seus textos literários, era atacado por participar dos grandes debates públicos, por tomar partido de pessoas, opiniões ou simplesmente por defender seus pontos de vista. E esta participação acabou por criar outro espaço de reflexão sobre o mundo e outro papel para o homem de letras. Ao explicar a *invenção do intelectual*, Pierre Bourdieu diz:

... é provável que Zola não houvesse escapado ao descrédito a que o expunham seus sucessos de venda e a suspeita de vulgaridade que implicavam se não houvesse conseguido (sem o ter procurado) mudar, pelo menos parcialmente, os princípios de percepção e de apreciação em vigor, especialmente ao constituir como escolha deliberada e legítima o partido da independência e da dignidade específica do homem de letras, autorizado a colocar sua autoridade específica a serviço de causas políticas. Para isso era-lhe necessário produzir uma figura nova, a do intelectual, inventando para o artista uma missão de subversão profética, inseparavelmente intelectual e política, capaz de fazer aparecer como um partido estético, ético e político, feito para encontrar defensores militantes, tudo o que seus adversários descreviam como o resultado de um gosto vulgar ou depravado. Levando a seu termo a evolução do campo literário no sentido da autonomia, ele tenta impor até em política os próprios valores de independência que se afirmavam no campo literário.⁷³

Bourdieu também vê na adesão à ciência uma forma de se afastar da imagem de autor menor, criador de histórias grosseiras:

Tudo leva a crer, em todo o caso, que a teoria do “romance experimental” oferecia-lhe um meio privilegiado de neutralizar qualquer suspeita de vulgaridade ligada à inferioridade social dos ambientes que descrevia e daqueles que atingia com seus livros: valendo-se do modelo de médicos eminentes, ele identificava o olhar do “romancista experimental” com o *olhar clínico*, instituído entre o escritor

⁷⁰ HAMON, Philippe. *Imageries; littérature et image au XIXe siècle*. Edition revue et augmentée. Paris: Librairie José Corti, 2001. p. 203. Tradução livre.

⁷¹ *Musée des Horreurs* n. 4, “Le roi de porcs”. Paris, 1899.

⁷² Ver *The Alfred Dreyfus Collection: drawing on history*, disponível em <<http://terpconnect.umd.edu/~cseay/dreyfus/index.html>> e *Caricatures et Caricature*, disponível em <<http://www.caricaturesetcaricature.com/>>

⁷³ BOURDIEU, op. cit., p.137.

e seu objeto a distância objetivadora que separa as grandes sumidades médicas de seus pacientes. Essa preocupação de preservar suas distâncias nunca é tão evidente quanto no contraste em que mantém ... entre a linguagem atribuída aos personagens populares e os discursos do narrador, sempre marcados pelos sinais da grande literatura, em seu ritmo, que é o do escrito, ou em traços típicos do estilo elevado, como o uso do passado simples e do estilo indireto.⁷⁴

A publicação de *O romance experimental*, considerado o grande manifesto do romance naturalista, começou na imprensa; cinco de seus estudos apareceram primeiramente no jornal *Le Messenger de l'Europe* (*O Mensageiro da Europa*), de São Petersburgo, em 1879. Em seguida, foram publicados nos periódicos franceses *Le bien publique* (*O bem público*) e *Le Voltaire* artigos reunidos sob os títulos *Du roman* (*Do romance*) e *De la critique* (*Da crítica*), ambos em 1880. Neste mesmo ano, a editora Charpentier reuniu todos os textos num livro. Nele, Zola exprimiu seus conceitos fundamentais, tanto teóricos quanto políticos e morais, relativos a direitos do escritor e à relação do artista com o dinheiro; há um apelo à juventude para que combata pelos ideais de vanguarda, assim como a recusa a uma certa hipocrisia republicana. E, claro, a explanação do que vem a ser *romance experimental*: “o desenvolvimento da ficção assemelha-se a uma experimentação; semelhante a uma demonstração científica, o romance progride logicamente, de uma situação inicial, definida histórica e sociologicamente, a uma situação final, resultante do conflito que se desenvolveu.”⁷⁵ Zola apoiou-se na obra *Introdução ao estudo da medicina experimental* de Claude Bernard e, por conta disso, a crítica o acusou (e acusa) de produzir textos rígidos, padronizados. Era incômodo o fato de Zola ter fugido das normas do romance, tentando apagar as fronteiras entre ciência e literatura. Além disso, o último herói da saga *Os Rougon-Macquart* é um médico – é justamente ele, o Dr. Pascal, quem deixa a reflexão final sobre toda a obra.

No momento em que explode a ofensiva espiritualista contra o positivismo e o espírito científico; em que Brunetière, de Vogüé, Bourget, Huysmans, Barrès, Bloy condenam o racionalismo, afirmando que a ciência perdeu seu prestígio e a religião reconquistou o seu, o *Dr. Pascal* resume e enobrece os traços de um tipo, o médico, ao qual Zola porta uma grande deferência, às vezes pela natureza de seu saber, pela importância de sua missão humana e pelas descobertas futuras da ciência médica. Pascal Rougon tem por modelo Claude Bernard, herói do método experimental, da documentação e da hipótese. É o

⁷⁴ Ibidem, p. 150.

⁷⁵ MORGAN e PAGÈS, op. cit., 362.

conflito entre a ciência e a fé, ou mais exatamente, entre a serenidade e a inquietude quanto ao desconhecido que dá todo o porte ao romance.⁷⁶

O método experimental do Dr. Bernard baseou-se na fisiologia, ou seja, no estudo de processos físico-químicos dos organismos. Ele postulava que a medicina deveria deixar de ser uma ciência de observação apenas e passasse a experimentar, testar hipóteses, encontrar leis a partir dos fenômenos repetíveis, em condições determinadas. Titular da cadeira de fisiologia experimental no Collège de France, rejeitou o método tradicional de ensino, que consistia na transmissão dos conhecimentos médicos acumulados no passar do tempo. Para Claude Bernard, a sala de aula deveria ser um laboratório, propiciando experimentações. E acreditava que isso servia não apenas para a medicina: “no fundo, todas as ciências possuem o mesmo raciocínio e visam os mesmos objetivos. Todos querem chegar ao conhecimento da lei dos fenômenos de maneira a poder prever, fazer variar ou dominar estes fenômenos.”⁷⁷ É possível perceber alguns caminhos das apropriações dos princípios deterministas: das ciências naturais passaram à doutrina de Taine e depois foram adotados por Auguste Comte em seu *Curso de filosofia positiva*, publicado entre 1830 e 1842. No campo da medicina, somente com Claude Bernard é que receberam uma dimensão metodológica, mas também filosófica.⁷⁸

Para Émile Zola, a literatura também deveria fazer parte da pesquisa científica sobre o homem e o mundo e não apenas utilizar o vocabulário científico ou descrever experiências. Os escritores também deveriam experimentar, uma vez que, acreditava, o trabalho do escritor começava onde acabava o do médico – este último não poderia se permitir testar suas hipóteses sobre o efeito do álcool na herança genética, por exemplo; já o escritor poderia.

Nós continuamos, através de nossas experiências, a tarefa do fisiologista, que continuou a do físico e a do químico. Nós fazemos, de alguma forma, a psicologia científica, para completar a fisiologia científica... Em uma palavra, nós devemos *operar* sobre os caracteres, sobre as paixões, sobre os fatos humanos e sociais, como o químico e o físico *operam* sobre os corpos brutos, como o fisiologista *opera* sobre os corpos vivos. É a investigação científica e é o raciocínio experimental que combatem, uma a uma, as hipóteses dos idealistas, e que

⁷⁶ MITTERRAND, *La vérité...*, op. cit., p. 89-90.

⁷⁷ BERNARD, Claude. *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. 3 ed. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1912. p. 31. tradução livre.

⁷⁸ LOMBARDO, Patrizia. Hippolyte Taine ou la critique sans l'art. In: Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises. 1985. v. 37, n. 37. p. 179-191.

substituem os romances de pura imaginação por romances de observação e experimentação.⁷⁹

Contrário à ideia da arte como produto apenas da imaginação e da inspiração do escritor, Zola falava em invenção, que partia de experiências cotidianas, possuía lógica e permitiria uma literatura sobre o mundo real, permitiria que os leitores se reconhecessem nas histórias – sem a evasão para cenários idealizados e que amorteceriam a vontade. E o produto da experimentação do escritor deveria ser entendido como importante para a transformação social.

Buscamos as causas do mal social; fazemos a anatomia das classes e dos indivíduos para explicar os maus funcionamentos que se produzem na sociedade e no homem. Isso seguidamente nos obriga a trabalhar com temas deteriorados, a descer até o meio das misérias e das loucuras humanas. Mas portamos os documentos necessários para que possamos, conhecendo-os, dominar o bem e o mal. Aí está o que vimos, observamos e explicamos com toda a sinceridade; agora, cabe aos legisladores fazer nascer o bem e desenvolvê-lo, a lutar contra o mal, para extirpá-lo e destruí-lo. Nenhuma necessidade será, então, mais moralizadora que a nossa, já que é sobre ela que a lei deve se basear. Estamos bem longe das tiradas em favor da virtude que não engajam ninguém!⁸⁰

A opção pela ciência e pela medicina não se encontra apenas nas obras de Émile Zola, mas envolve os intelectuais de forma geral a partir da segunda metade do século 19. A partir de 1862, por exemplo, eram organizados em Paris os “jantares Magny”, duas vezes por mês. Neles, reuniam-se médicos, homens de letras e estudiosos em geral em discussões sobre a produção científica e literária de então. O tema perpassava o pensamento do período em todos os campos, provocando mudanças na forma de compreender o mundo e nele intervir. Numa observação mais ampla, é possível perceber como adquiriu contornos bem precisos, distinguindo-se, pouco a pouco, do panorama científico do início do século 19 e do período das Luzes, sem deixar de lado apropriações, definições de novos campos e reelaborações teóricas. De acordo com Raymond Williams, “o que estamos definindo é uma qualidade particular de experiência social e das

⁷⁹ ZOLA, Emile. *Le roman experimental*. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tomo X. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968, p.1183. Grifos do autor. Tradução livre.

⁸⁰ Ibidem, p. 1228-9.

relações sociais, historicamente diferente de outras qualidades particulares, o que dá o senso de uma geração ou período.”⁸¹

Para Zola, a literatura que mergulhava na ciência deveria produzir personagens que apresentassem temperamentos, caracteres físicos e mentais herdados e lutassem cotidianamente para sobreviver, da melhor forma possível, em determinados ambientes, com condições específicas de vida e trabalho. Como nenhum desses personagens deveria ser somente a representação de um ideal, grande parte deles se comporta como as pessoas que Zola cruzava diariamente: em ambientes miseráveis, deixavam vir à tona a “besta humana”, buscavam alívio no álcool, regulavam o convívio pela violência. Para sobreviver, era necessário roubar, se prostituir. Crianças não eram pequenos anjos neste meio e frequentemente sucumbiam à violência e à fome. A doença é um elemento constante nas narrativas, tanto aquela advinda das péssimas condições do meio, quanto a doença nervosa. Ambas atacam todas as classes sociais, reproduzindo essa condição original nas gerações subsequentes. Há, sem dúvida, os personagens que promovem reviravoltas nas narrativas, mas mesmo essas seguem uma lógica. Assim, a bondade extrema não é recompensada apenas pelo fato de existir, por exemplo, uma vez que no mundo real as coisas não se passam dessa forma.

Na busca pelo “personagem real”, da representação perfeita, Zola fazia pesquisa de campo para tomar notas e registrar suas impressões – todas essas notas compunham um dossiê inicial, com informações sobre o ambiente no qual a história se desenvolveria, as características das pessoas deste ambiente, vocabulário específico, atividades profissionais, detalhes históricos. Zola tinha obsessão pela documentação e pela verossimilhança. Para escrever *Germinal* (1885), visitou a região carbonífera francesa do Nord-Pas de Calais, na fronteira com a Bélgica. Ali, no “país negro”, conviveu por muitas semanas com os mineiros, visitou suas casas, os comerciantes das cidades próximas, acompanhou a vida nessas cidades. Sobretudo, colheu depoimentos sobre a grande greve de 1884, encerrada pela violência do exército com muitas mortes. Apesar de ser claustrofóbico, desceu às galerias várias vezes, tomando notas sobre as condições de trabalho, a presença de crianças e mulheres, os mineiros que

⁸¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 131.

passavam dias embaixo da terra sem poder subir, a impressionante descida dos cavalos ao subterrâneo, os acidentes, assim como registrou dados sobre a geologia, a arquitetura das minas, o clima da região, as doenças respiratórias, o alcoolismo, a alta taxa de natalidade. Ali estava sua “situação inicial”, com as definições históricas e sociológicas, depois povoada com criaturas plausíveis – afinal, um naturalista sabe que determinadas espécies não se desenvolvem em certos ambientes, que tentar colocá-los em meios adversos a sua natureza pode levar à morte. Ao contrário, Zola queria erguer personagens marcantes, que se inserissem na posteridade por conta da humanidade que carregassem; não seriam ideais, mas exemplares de determinadas condições. Por fim, deveria chegar aos seus leitores, mesmo que precisasse publicar suas obras em capítulos, nos jornais. Para ele, não havia rebaixamento da arte do autor, ao contrário. De acordo com Henri Mitterrand:

Entre as linhas de *Germinal*, podem-se distinguir os traços de múltiplas leituras técnicas, médicas, históricas políticas. Zola é um dos raros escritores franceses da época a tomar conhecimento, indiretamente, das teses de Marx, até então reservadas aos círculos da II Internacional. Por todo lugar, os jornais socialistas reproduzem o romance em folhetim, gratuitamente, com a autorização de Zola: “Peguem-no, ele vos pertence!”⁸²

O talento do escritor deveria garantir que todos os elementos de seus textos fluíssem em narrativas massivas. Em carta a um amigo, Zola falou da necessidade de “construção sólida de massas, de capítulos, sucedendo-se como blocos superpostos, mordendo-se uns aos outros; pelo sopro da paixão animando o todo, correndo de uma ponta a outra da obra. Cuidar do estilo (...) Mas sempre com calor e paixão. Uma torrente barulhenta, larga, e uma marcha majestosa.”⁸³

Na história da família Rougon-Macquart, conceitos científicos do século 19, assim como as mitologias sobre o sangue e a geração, estão mescladas à vida dos personagens. O exemplo mais marcante é *O Dr. Pascal*, último livro da saga, citado anteriormente. Nele, o Dr. Pascal Rougon, médico em uma cidade pequena, trata seus pacientes pobres sem cobrar as consultas; o que recebe daqueles que podem pagá-lo, investe em suas pesquisas acerca da hereditariedade. Utiliza como objeto de estudo a própria família, a contragosto de

⁸² MITTERRAND, op. cit., p. 73.

⁸³ Carta de Émile Zola a Antony Valabrègue, 18 de agosto de 1864. Apud: MORGAN & PAGÈS, op. cit., p. 204-5.

sua mãe, da empregada e da sobrinha – a primeira teme que o filho traga à luz constrangedoras histórias de parentes com taras congênitas ou crianças ilegítimas; a empregada é apegada a toda sorte de misticismos e acredita que a ciência traz desgraças, por querer explicar fenômenos naturais que, para ela, pertenceriam a uma dimensão mágica; a sobrinha, Clotilde, é religiosa. Mas renuncia à sua fé quando entende o objetivo do tio, que é “tudo dizer, para tudo conhecer e tudo curar”⁸⁴, e passa a ser sua assistente. Os dois se tornam amantes, mas são obrigados a se separar. Ela retorna a Paris e o Dr. Pascal morre, sem conhecer o filho ao qual Clotilde dera à luz. Depois do nascimento da criança, Clotilde retorna à casa do médico, onde ainda vivem a mãe e a empregada – que conseguiram destruir o trabalho do médico sobre a hereditariedade. Somente a árvore genealógica da família restou. A árvore do Rougon-Macquart teve cinco conformações, de acordo com os livros e personagens que Zola ia produzindo; foi publicada e reproduzida em jornais, na introdução dos livros e mesmo no *Dicionário universal e ilustrado da França contemporânea*. Os detratores do autor com ela se deliciaram, comparando-a a um mapa rodoviário, por exemplo. Alphonse Daudet teria dito que se fosse ele a ter desenhado tal árvore, subiria até galho mais alto e ali se enforcaria.⁸⁵

Ao colocar seu personagem montando a árvore genealógica, Zola retomou os principais personagens dos vinte livros anteriores. Na saga familiar, percebe-se que todos os livros contêm ideias iniciais que se espalham pelos vários volumes, muitas vezes mais refinadas, acrescidas de outros elementos. É como se as teorias da hereditariedade do Dr. Prosper Lucas se concretizasse nos livros, certamente atingindo mais leitores que aqueles da tese médica. A hereditariedade passou a ser tema literário, nem sempre estruturado da mesma forma que o fez Zola, mas mesmo assim presente, reelaborado de acordo com diferentes contextos. Teve ênfase no início do século 20, principalmente após a 1ª Guerra Mundial, período em que o sentido dos futuros nacionais inquietava políticos, mas também intelectuais, cientistas e artistas. De certa forma, a imagem da hereditariedade passou a condensar as preocupações com o futuro.

⁸⁴ ZOLA, Émile. *Le docteur Pascal. Les Rougon-Macquart*; histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Émile Zola, Tome VI. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968. Tradução livre.

⁸⁵ LAVIELLE et al., op. cit., p.33.

E numa época de redefinição do futuro nacional, com o desejo de produzir uma literatura que incluísse os problemas do país, a hereditariedade continuou a ter atenção. Os livros de Erico Verissimo apresentam-na com destaque, não somente em *O tempo e o vento*, através da família Terra Cambará, mas em suas obras da década de 1930, assim como em seu livro de memórias. Neste, não faltam, por exemplo, expressões como “quem herda não furta” ou “filho de tigre sai pintado” – que, por sua vez, se repetem em suas ficções.

CAPÍTULO 3

MEDICINA & LITERATURA: O COMBATE À EVASÃO

*Como não havia lampiões nas ruas de Santa Fé,
sempre que saía à rua em noites sem lua,
o Dr. Winter levava sua lanterna acesa.*

(Erico Verissimo, *O continente*, 1949)

Assim como na obra de Emile Zola, alguns contos do livro *Fantoches* de Verissimo parecem conter elementos desenvolvidos em suas obras posteriores; outros mostram apenas aproximações possíveis entre temas. O que se busca destacar são os temas recorrentes que acabaram por perpassar os livros do autor gaúcho: a hereditariedade, que permitia discutir as origens, os rumos do país, os elementos de sua degradação e muitas vezes a indicação de algumas soluções; o cuidado com a infância e a narrativa de aventura; e imagens emprestadas da fisiologia, não apenas para narrar fenômenos humanos, mas para estruturar a própria narrativa. O caminho já havia sido aberto no século 19 por Émile Zola, entre outros. Não há uma continuidade linear entre os dois autores, mas a presença de temas comuns – peculiares a cada contexto, certamente – assim como a noção de justiça através da medicina e o papel do escritor. A utilização desses elementos propicia o que Pierre Bourdieu descreveu como *efeito de real*, ao se referir aos textos realistas e naturalistas. A produção desse efeito não se daria apenas com uma escrita que refletisse perfeitamente determinada realidade, mas através de estruturas profundas, que se projetariam na obra sob automatismos.¹

No texto de Erico Verissimo, são muitos os doentes, moribundos e cadáveres como personagens de suas ficções, com um detalhamento preciso; a mesma coisa ocorre na caracterização das pessoas saudáveis. Os cenários decadentes denotam a insalubridade pela descrição de odor, consistência, aparência e presença de ratos; em contrapartida, há os ambientes “frescos e iluminados”, “varridos pelo sol”. E as histórias se desenvolvem de acordo com a compreensão do meio social como um grande organismo vivo, no qual eram

¹ MITTERRAND, *La vérité...*, op. cit., p. 48.

necessárias intervenções para que doenças não se expandissem e para que os aspectos sãos se fortalecessem e prevalecessem.

Para Pierre Bourdieu, a escrita realista e naturalista propicia uma *experiência intensificada do real*, certamente em *correspondência com este real*. A “assinatura” do literato, seu estilo, se faz através dos elementos que seleciona para a descrição de determinado tema, da linguagem que utiliza e da disposição formal que constrói para o texto. Nesse sentido, graças a sua competência, pode obter do leitor um olhar intensificado sobre o real, que causa reações como indignação, comoção, revolta, paixão etc. Passa-se de um *efeito de real* a um *efeito de crença* – é como se a própria estrutura do texto (a construção do literato) fosse ocultada e o leitor se esquecesse momentaneamente de que lê o produto do trabalho de determinado autor. Por isso, este tipo de obra literária pode, para Bourdieu, dizer por vezes mais sobre o mundo social que muitos escritos “com pretensão científica”.² Assim como Zola, que observava alcoólatras, mineiros feridos ou crianças doentes, Verissimo lançou mão, por exemplo, das cirurgias e curativos que presenciou na farmácia do pai e na sua própria. Antes de se estabelecer em Porto Alegre, foi sócio da *Farmácia Central*, também em Cruz Alta.

E a Farmácia Central, de Erico Verissimo & Cia. continuou na sua rotina. Mas que rotina? Por lá passavam alguns dos tipos mais interessantes da cidade, desde os mais simpáticos aos mais sórdidos, dos mais tranquilos aos mais badernistas, dos mais respeitáveis aos maiores crápulas. O futuro ficcionista aprendia que raramente os homens decentes, pacatos e cumpridores de seus deveres dão um bom conto ou um bom romance. O cafajeste, o “tampinha”, esses são, via de regra, sujeitos pitorescos e de convívio social muito divertido, contanto que não seja permanente nem íntimo. Devo concluir hoje que a virtude é mau assunto para a ficção?³

Como na farmácia do pai, Verissimo se deparava com prostitutas, que descreveu como meninas de doze ou treze anos já portadoras de doenças sexualmente transmissíveis e “senhores casados [que] também tratavam no maior segredo em nossa farmácia suas blenorragias e seus cancros, confiantes na discrição. Estávamos na Era A. P., isto é, Antes da Penicilina, de sorte que se usava ainda a solução de permanganato, o mercúrio-cromo e, não era raro, a

² Ibidem, p. 48-9.

³ VERISSIMO, *Solo...*, op. cit., p. 212.

tortura do nitrato de prata.”⁴ Como discutido anteriormente, a preocupação com a proliferação das DST e a transmissão destas aos neo-natos eram preocupações centrais do discurso médico do início do século 20; como a *geração de 30* aplicou-se em “revelar de maneira realista o Brasil aos brasileiros”⁵, uma das maneiras eficazes para fazê-lo foi através da incorporação de temas, situações e tipos comuns do cotidiano urbano, do interior, cosmopolita ou regional. Assim, trabalhadores, pobres, mulheres, profissionais liberais, escritores, doentes, retirantes, capitalistas, infratores, prisioneiros e crianças passaram a povoar histórias com a importância de protagonistas – vários deles na mesma história. Cenários prosaicos figuraram como meio privilegiado para o desenvolvimento das narrativas, apresentando também o que poderia haver de miserável, sujo, repugnante até. Elementos como doença, sensações e deformações físicas, sangue, pruridos em geral e corpos mutilados participaram da caracterização do meio e dos personagens não apenas como dados de uma descrição, mas também como metáforas para o que de pior havia no país. Como em toda representação, há a idealização do que é descrito, salvo que nesta idealização é utilizado o mesmo vocabulário dos médicos, o que concorre para deixá-la mais verossímil aos olhos de quem lê. Desde os naturalistas, este recurso narrativo sofreu várias transformações e apropriações, e o fato de continuar sendo reavivado demonstra certa vontade de revelar determinadas realidades, assim como provocar reações. Em seu livro de memórias, Verissimo narrou vários episódios sobre leitores que o paravam na rua e escreviam para saber como ia a saúde de tal ou tal personagem, principalmente os de *Olhai os lírios do campo*. Muitos queriam a confirmação de que o autor apenas descreveu um fato, ocorrido com pessoas que ele havia realmente conhecido, ou ainda, um fato que alguém próximo lhe contara. A humanidade dos personagens era frequentemente evocada – não apenas no sentido da solidariedade, mas nas especificidades da natureza humana, incluindo aí manifestações físicas. Assim, juntamente com a medicina e os médicos, a própria doença fez parte das ficções de Erico Verissimo.

⁴ Ibidem.

⁵ BUENO, op. cit., p. 185.

3.1 Doença e medicina como personagens literárias

Em 1935, o autor conquistou o Prêmio *Graça Aranha*, da Academia Brasileira de Letras, com seu romance *Caminhos Cruzados*⁶. Com possíveis influências da narrativa de Aldous Huxley (do qual Verissimo traduzira dois anos antes *Contraponto – Point Counterpoint*, de 1928), *Caminhos Cruzados* apresenta um grande painel da população urbana porto-alegrense/brasileira na década de 1930, registrando seus tipos, hábitos, convenções sociais e desajustes entre diversos grupos, através de histórias individuais que se entrecruzam.

Para Luís Bueno, o livro pode ser considerado

definitivo de seu tempo porque dialoga diretamente com a discussão mais forte que se fazia então e, em certo sentido, a supera porque cria uma fórmula nova capaz de constituir uma espécie de cristalização mais perfeita de princípios que haviam sido propostos pela literatura proletária. Mais do que qualquer romance de Jorge Amado, *Caminhos Cruzados* foi totalmente construído “sem heróis nem enredo”. É claro que, não tendo qualquer intenção de pertencer ao romance proletário, ele é desprovido também daquele elemento tão importante para o autor de *Cacau*, que é o espírito de revolta.⁷

O romance proletário era aquele no qual havia um engajamento direto em seu enredo, não apenas retratando dramas coletivos; “é preciso dar um passo além e sugerir, pela ação da massa, a rebeldia imprescindível para construir a revolução.”⁸ Mesmo que seu livro não possua heróis, que seus personagens sejam gente comum, desempenhando suas tarefas cotidianas nada especiais ou tentando sobreviver, à mercê do mandonismo – que se sustenta ao lado da caridade hipócrita –, o engajamento de Verissimo não era com a revolução. Fosse em seus enredos, suas memórias ou entrevistas, a imagem da revolução geralmente vinha acompanhada da ideia de violência. A ação de seus personagens mais ativos socialmente, comprometidos e preocupados com o futuro se dá através da medicina, da educação, do trabalho solidário – de reformas.

O enredo de *Caminhos cruzados* abarca um curto intervalo de tempo, de um sábado a uma quarta-feira. Os personagens espalham-se entre as famílias de industriais e novos-ricos, os intelectuais – medíocres ou grandes espíritos sem

⁶ VERISSIMO, Erico. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p.51.

⁷ BUENO, op. cit., p. 381.

⁸ Ibidem, p.162.

maiores chances de desenvolver suas potencialidades –, aqueles que se dão a conhecer por suas atividades profissionais que parecem não ter fim, cansativas e repetitivas, e os que saem da esfera de uma pobreza que ainda carrega certa dignidade para cair num mundo miserável e doente. Um dos personagens pertencente a esse último mundo é Maximiliano, que tem tuberculose. É introduzido na narrativa por conta das ações hipócritas de uma senhora rica, dada a obras de caridade:– Por que será que a dona Dodó entrou na casa do Maximiliano?

– Oras... fingimentos. O Maximiliano está tísico, a mulher em situação pior que a nossa, os filhos andam atirados... Dona Dodó quer se exibir pros jornais darem o retrato dela amanhã. Entra aí, dá dez mil-réis, fala em Deus e vai embora. De que serve? Eu conheço bem essas caridades!⁹

Assim, juntamente com dona Dodó os leitores conhecem a casa, a família e as condições do doente; como é recorrente nos textos de Verissimo, os ambientes começam a ser apresentados pelos odores que exalam e pela presença ou não de luz. Na casa de Maximiliano, as tábuas podres do chão rangiam e do corredor “exalava um bafio de porão”¹⁰ – quase como se a casa estivesse também doente. O quarto cheira mal, é sombrio e abafado. Mesmo a luz que entra não é límpida: a única janela que o quarto possui projeta uma faixa de sol, em que “pairam rútilas partículas de poeira”, que dão a impressão de serem “os próprios micróbios da tuberculose que bóiam no ar.”¹¹ A esposa do doente possui uma expressão permanente, uma “cara pétrea que não chora nem sorri”.¹²

Dona Dodó, a dama de caridade, principia sua visita, pergunta sobre as crianças, deixa dinheiro sobre a mesa, imagina-se fotografada e estampada nos jornais e elogiada pelo Arcebispo. Adentra o quarto de Maximiliano:

O doente está deitado numa cama de ferro, a um canto do quarto. Seu rosto descarnado quase desaparece, de tão pálido contra a fronha branca. Só a barba crescida, os olhos negros e o cabelo basto dão individualidade àquela cabeça.

(...)

– Tenha fé em Deus ...

O homem continua a sorrir. Teve fé em Deus, orou, foi à igreja, fez promessas, acendeu velas. Tudo inútil.

– O senhor está sendo purificado pelo sofrimento...

⁹ VERISSIMO, *Caminhos...*, op. cit., p. 51.

¹⁰ Ibidem, p. 52.

¹¹ Ibidem, p. 54.

¹² Ibidem, p. 53.

Purificado? Esta palavra cessou de ter significação para ele. O que lhe importa agora é viver, recobrar as forças, ocupar o lugar antigo que ele tinha na vida, trabalhar e tomar conta da casa.

Dona Dodó considera sua missão terminada.¹³

Ela promete a remoção do doente ao Hospital de Caridade, o mais breve possível. E parte, satisfeita consigo mesma, sentindo orgulho por ter estado no quarto de um tuberculoso. “Agora, aqui dentro do automóvel ela está de volta ao seu mundo. O perfume *Nuit de Noël* prevalece sobre a lembrança nauseante da atmosfera empestada”.¹⁴ Nos dias que seguem, Maximiliano piora, e espera. “Os dias são longos. (...) Os raros visitantes ficam à porta. Ele compreende... medo do contágio. Ele sabe, não tem raiva, não se queixa”.¹⁵ Sua distração é olhar o sol pela janela. Lembra-se de quando trabalhava, de como vivia relativamente bem com a mulher e os filhos, até que uma dor no peito deu o sinal; já houvera casos de tuberculose na sua família, mas Maximiliano não quis acreditar que aconteceria com ele. Quando procurou o médico, era tarde demais, perdera o emprego, ficava cada vez mais fraco e não se levantou mais. Olhava o sol e lembrava: um dia, ele remou num clube de regatas, chegou mesmo a ganhar um campeonato. Os dias passam, e dona Dodó, atarefada com os preparativos para sua própria festa surpresa de aniversário, esquece-se do doente e da prometida remoção ao hospital; um médico visita Maximiliano, apenas para dizer que o final se aproxima. O tuberculoso definha e morre.

Os leitores acompanham a trajetória de Maximiliano através de sua doença. O tempo é lento, uma vez que ele não pode sair da cama; o ambiente é abafado, já que sua mulher não abre as janelas por acreditar que é por elas que a morte entra. As características do personagem são as deformações que a doença promove – acessos de tosse, respiração estertosa, olhos saltados, brilhantes. E à medida que piora, tem-se a impressão de que a casa entra em franca decadência, por conta dos ratos que aumentam em volume e atividades: “Na sombra os ratos correm e conspiram”.¹⁶ A doença orienta o pequeno núcleo de personagens que, de uma forma ou outra, se liga aos outros do romance.

¹³ Ibidem, p. 54-5.

¹⁴ Ibidem, p. 56.

¹⁵ Ibidem, p.111.

¹⁶ Idem, p. 186.

A respeito dessa ficção de Erico Verissimo, é possível pensar no que François Laplantine denominou *o acesso à doença através do texto literário*, em seu livro *Antropologia da doença*. Ou seja, assim como o leitor conhece determinado núcleo de personagens a partir da doença, a própria doença passa a ser conhecida, em seus detalhes, através do texto literário. De acordo com Laplantine, a literatura é “suscetível de nos ensinar, ao mesmo tempo, uma coisa diferente do que nos ensina o clínico e do que normalmente aprendemos a partir de relações etnográficas ou de enquetes sociológicas.”¹⁷ Laplantine percebe o registro literário da doença de três formas: o da doença na *terceira pessoa*, ou seja, o romance médico, de caráter essencialmente humanitário, apresentando o estereótipo do médico abnegado, salvador de vidas. O da doença na *segunda pessoa*, em que o doente ocupa o centro da narrativa, mesmo que permaneça um ser distinto do narrador. E o da doença na *primeira pessoa*, em que o protagonista ou o escritor (no caso de memórias) estão doentes.¹⁸

Erico Verissimo lançou mão de todas essas perspectivas, com as descrições de suas próprias enfermidades, na infância e na idade adulta, principalmente os infartos e períodos de recuperação, em *Solo de Clarineta* (suas memórias). Personagens doentes e médicos participam de suas obras de ficção, mesmo as posteriores à década de 1930. Em *O tempo e o vento*, também utilizou tais recursos, notadamente em *O Continente* (1949)¹⁹. Na segunda parte do livro, iniciada por *A teiniaguá*, um dos personagens funciona como co-narrador, analisando a cidade de Santa Fé, seus habitantes, hábitos, a relação desses com o restante da província, com o Brasil e a Europa. Trata-se do Dr. Winter, médico alemão estabelecido no povoado e do qual não consegue mais se retirar, segundo ele mesmo, pela acomodação a que se submeteu. Parece sempre estar nos limites entre dois mundos: o do médico e o dos costumes atrasados; o do europeu e o dos brasileiros. Classifica a população que o rodeia por robustez ou fraqueza, doenças, hereditariedade.

Voltando a *Caminhos Cruzados*, mais do que tratar a doença na segunda pessoa (descrevendo o personagem doente), percebe-se que própria doença é

¹⁷ LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 27.

¹⁸ Ibidem, p. 25

¹⁹ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*, parte I: *O Continente* 2. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

transformada nessa segunda pessoa. Pelo corpo do doente, ela se dá a conhecer; em muitas situações, é como se o doente fosse apenas um *portador*, sendo que o verdadeiro personagem, ativo, é a doença. O doente molda-se a ela, é determinado por ela, suas características são as que a doença nele imprime. Os odores e as construções que apodrecem parecem acompanhar a evolução mórbida, como se essa pudesse se depositar sobre o meio que circunda o personagem doente (e não o contrário). Seja de que ponto de vista for, todas essas narrativas são, ainda de acordo com Laplantine, “reveladoras de representações que uma determinada sociedade faz da doença”²⁰ e, certamente, dos referenciais mais caros a cada autor. A leitura de *Caminhos Cruzados* permite pensar sobre outras representações, para além das imagens do médico e do doente. Uma delas é a da doença como signo da miséria e da injustiça social. Os personagens passam de determinado *status* social (seja ele qual for) à miséria através da doença. É como se ela marcasse dois territórios diferentes – um no qual ainda há oportunidades e possibilidade de escolha, opções de vida, e outro em que essas possibilidades cessam de existir, em que há apenas a doença. Já a saúde é ligada à opulência, mas também a um caráter forte, que têm os que não se entregam, mesmo que mergulhados na pobreza.

O médico que aparece em *Caminhos cruzados* não é aquele que cura, diferentemente dos médicos que apareceram em livros posteriores. A descrição das últimas horas de Maximiliano e das pessoas que chegam para vê-lo, identificadas pela profissão, é emblemática:

Maximiliano está com uma vela na mão. Alguns vizinhos foram chamados. Dona Veva veio, de avental, enxugando as mãos. O capitão Mota apareceu de chinelos. O sapateiro italiano. O empregado do açougue. Todos agora esperam em silêncio. (O médico olhou, disse que era o fim e foi embora).²¹

O médico adentra a cena “entre parênteses”, o que revela alguém sem muita importância, um detalhe pequeno numa narrativa maior, ou ainda, o caráter apenas decorativo do profissional que passou para cumprir um ritual burocrático, não sua verdadeira função. Os parênteses também parecem revelar a crítica do autor a determinado tipo de profissional da medicina. Outro médico anônimo aparece em *O resto é silêncio*. Sete Meis, o menino que vende jornais, adoece.

²⁰ Idem, *Caminhos...*, op. cit., p.27.

²¹ Ibidem, p. 248.

Enquanto cuida do menino, a mãe pensa no outro filho, tuberculoso, e nos conselhos que recebera:

Era só o que faltava, se o Sete agora ficasse doente como o outro. Ela penava no dia em que tinha sido chamada no colégio. *Seu filho tem que ser retirado, está atacado do pulmão.* Depois, aquele doutor de óculos: *a senhora dá bastante leite para o menino? Legumes, carne, verduras?* Era até engraçado. Com o que o Graciano ganhava, não podia comprar nada daquelas coisas. *Tome cuidado para não pegar no outro. Bote em quarto separado.* Mas de que jeito? O Tripinha tinha começado a tossir desde a última enchente. Água pela cintura, chuva por cima. Falta de comida e de coberta. Tudo molhado.²²

A medicina, assim como a doença, transforma-se num personagem: representa a portadora da justiça social, que poderia intervir nas cenas que parecem ficar sem solução concreta, que aparecem apontar um amanhã funesto. Se em mãos erradas, é uma atividade que não faz menor diferença no mundo, conseqüentemente, é injusta, não cumpre o seu verdadeiro papel. Se tiver um estatuto justo, bem definido, quase não haveria como um médico fazer mau uso dela. A doença faz com que se perca a dignidade; e a medicina, não a saúde, aparece como seu contraponto.

Em *Clarissa* (1933), o leitor conhece o cenário e os personagens da narrativa – uma pensão em Porto Alegre e seus habitantes – através das impressões de uma menina de catorze anos, sobrinha da dona da pensão. Ela veio do interior, onde seu pai é fazendeiro, representante de uma linhagem de homens ligados a terra – justamente a família à qual Verissimo se referiu nas suas anotações à margem de *Fantoches* e que também aparece em *Música ao longe* (1935), *Um lugar ao sol* (1936) e *Saga* (1940). Clarissa reflete sobre os habitantes da pensão, sobre o que vê pela rua, o que lê, com quem se relaciona. Na casa vizinha à pensão, moram uma viúva e seu filho. Em sua cadeira de rodas, o menino finge que é soldado e sonha viajar no avião cujo voo admira diariamente. Ele adoece e morre. Como em *Caminhos cruzados*, a casa onde o menino viveu e morreu também revela a sua doença e a própria insalubridade das regiões urbanas do país: “E na casa triste, aquele cheiro de hospital, ratos furtivos correndo rente às paredes, sumindo-se em buracos invisíveis.”²³ Morador da pensão da tia de Clarissa, o reprimido Amaro é um pianista talentoso, mas

²² VERÍSSIMO, *O resto...*, p. 135. (grifos do autor)

²³ VERÍSSIMO, Erico. *Clarissa*. 39 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981, p. 135.

que não pode viver de sua música. Seus dias melancólicos se arrastam entre o trabalho num banco e um mundo imaginário no qual mergulha quando compõe. Pouco antes da morte do menino da casa vizinha, Amaro pensa sobre sua própria inércia. Sua arte não tem lugar no mundo e ele não conhece outra forma de nele intervir:

Na casa vizinha um menino se debate em agonia. E ele aqui, fechado no quarto, braços caídos, inerte. Nem a sua arte nem os seus músicos nem os seus poetas podem salvar a vida de Tônico. Se ao menos ele fosse médico... Iria para a cabeceira do doente, lutaria contra a morte... No entanto, debruçado à janela, como mero espectador, olha apenas para a casa onde a tragédia silenciosa acontece. Tônico vai morrer: Amaro não pode fazer nada por ele. Nem uma palavra de consolo nem um gesto de afago.²⁴

Nessa história, o médico também não faltou. Ele aparece apenas na cena do velório e do enterro do menino, mas não anonimamente. É apresentado pelos comentários de vizinhas que reparam a riqueza dos ornamentos fúnebres; uma delas explica que foram pagos pelo Dr. Maia, que “chegou há pouco do Rio, onde estava estudando. Foi ele que atendeu o menino. Fez o que pôde. Mas ninguém vence o destino. O Tônico morreu e o doutor ficou com pena desta miséria... É rico, resolveu pagar todas as despesas”.²⁵ Em seguida, surge o médico, de forma teatral:

– O doutor chegou...

Todas as cabeças se voltam para a porta. Um homem alto entra. Está vestido de escuro. Tem uma voz metálica.

– Senhores, vamos abrir as janelas – diz – vamos abrir as janelas, este ambiente está irrespirável!

Como ninguém se mexe, ele mesmo vai às janelas e abre-as de par em par. O sol da manhã invade o compartimento num jorro fresco e dourado.²⁶

A luz e o ar entram no ambiente graças ao médico; para além do efeito estético da cena (e da claustrofobia do autor), o fato também faz eco às campanhas sanitaristas do início do século 20 relativas à tuberculose. Em cartilhas, panfletos, dispensários, publicidade e outros era frisada a importância de se arejar os ambientes. Em alguns textos médicos, o ato deveria ser incorporado ao cotidiano escolar quase como uma das disciplinas do currículo e realizado de forma metódica. Não bastava que se abrissem as janelas, era

²⁴ Ibidem, p. 137.

²⁵ Ibidem, p. 139.

²⁶ Ibidem, p. 141.

necessário “provocar correntes para a renovação do ar das classes, abrindo uma porta e janela opostas e resguardando os alunos num canto da sala”; enquanto isso, as crianças poderiam “executar alguns números de ginástica fisiológica, enquanto aguardam a renovação.”²⁷ As expressões *abrir as janelas* e *arejar* acabaram se transformando em metáforas. No texto de Veríssimo, é o Dr. Maia quem areja o ambiente que, além do cadáver, está repleto de mulheres que rezam, homens que fumam, velas que ardem e tecidos roxos. O médico é um dos que carregam o caixão do menino e depois segue até o cemitério num Cadillac azul. “O enterro segue devagarinho. Clarissa ainda vê a cabeça do Dr. Maia, rútila no meio de outras cabeças escuras e foscas. O Cadillac rola mansamente sobre os paralelepípedos sem ruído. O Ford do seu Patrício vai numa marcha estertorosa, convulsiva, aos sacolejos, roncando penosamente.”²⁸ O contraste entre a figura do médico e as demais pessoas no enterro não é apenas física, mas aponta o profissional que participa ativamente, tratando sem receber pagamento e depois confortando e ajudando financeiramente a família da criança morta; não se envolve nos rituais tradicionais sobre a morte, preocupa-se com a saúde atual das pessoas – e a futura. Talvez o jovem médico seja a origem do Dr. Seixas.

A narrativa de Verissimo certamente contém pistas sobre suas leituras, imagens que viu e seus próprios referenciais. Mas também é necessário ter em mente, de acordo com Antonio Candido, que o artista recorre ao “arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (...) é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência.”²⁹

Pierre Bourdieu entende que a individualidade do artista/escritor e as contingências sociais e a da criação artística se fundem, muitas vezes, uma a ocultar outras, pois são criadoras de uma realidade e determinadas por ela num mesmo momento. E a literatura expressa esse processo não apenas na escolha de temas e palavras, mas também na estrutura que o escritor constrói para um

²⁷ *Revista Médica do Paraná*. Anno II, n. 5 - Abr./Maio 1933. p. 102. Apud RODRIGUES, op. cit., p. 97.

²⁸ *Ibidem*, p. 143.

²⁹ CANDIDO, op. cit. p..

texto – os pontos de vista a serem privilegiados, os lugares de onde parte a narração, a construção dos ambientes, a inserção de diálogos etc. Cada um destes elementos carrega a individualidade criativa assim como determinada lógica social e seus sistemas simbólicos. Assim, a análise que visa “o princípio gerador [da obra], a razão de ser, fornece à experiência artística... sua melhor justificação.”³⁰ Para Bourdieu, é preciso uma análise que encontre as estruturas profundas da obra, inacessíveis apenas à leitura corriqueira. “Através desse trabalho sobre a forma se projetam na obra essas estruturas que o escritor, como todo agente social, traz em si no estado prático, sem lhes possuir o domínio, e se realiza a anamnese de tudo que permanece ordinariamente enterrado, no estado implícito ou inconsciente, sob os automatismos da linguagem inoperante.”³¹

Nos textos de Erico Verissimo, é imenso e recorrente o arsenal de fenômenos físicos, putrefação do meio, informações nosológicas, detalhes anatômicos, assim como a descrição dos “gordos e corados”, “bem fornidos”, “musculosos e elásticos”. Da mesma forma, também se percebem elementos do ideário sanitaria e higienista, a buscar focos insalubres e apontar diagnósticos. Tudo isso diluído num contexto literário que, para além de seus engajamentos sociais e aspectos estilísticos, procurou explorar o corpo social doente – caminho que abria o naturalismo do século 19. E num contexto político e social que, desde o início da República, buscava redefinir a nacionalidade e reorientar sua busca; educação e saneamento também foram pilares constitutivos do nacionalismo, alimentados pela certeza de que a ciência poderia dar conta das moléstias sociais/nacionais e preparar um futuro desejável. Mesmo que as leituras sobre a ciência e suas aplicações tenham sido diversas, sua presença, em diferentes pólos do debate pela reforma social, foi constante. De acordo com Pierre Bourdieu, é necessário “lembrar a dimensão social das estratégias científicas”.³²

Na década de 30, a euforia científica das décadas anteriores não se manifestava da mesma forma. A ciência já dera provas de não ser garantia de um futuro radioso, ao contrário; a geopolítica delineava um panorama preocupante, com radicalismos elevados ao topo. Para os intelectuais, não havia espaço para o otimismo gratuito, mas para o engajamento pela mudança do que ocorria sob os

³⁰ BOURDIEU, op.cit., p. 15.

³¹ Ibidem, p. 129.

³² Idem, *Razões...*, op. cit., p. 86.

narizes. Para Verissimo, a ciência não representava a panacéia pura e simplesmente; antes, deveriam estar os projetos e as escolhas políticas comprometidas com o humanismo e a justiça social a guiarem a aplicação dos princípios científicos.

3.2 O editor e os cientistas

Em 1939, Verissimo publicou *Viagem à aurora do mundo*, no qual um grupo de “sábios”, um negociante, um romancista e a “mocinha” se encontram encerrados num casarão, onde um cientista desenvolve intrigante máquina: através dela, em um quadro de cristal, é possível acompanhar a evolução biológica do planeta, a partir dos dinossauros. A evolução do homem não tem espaço nas imagens que a máquina permite ver, mas pode estar representada nos personagens que habitam o casarão e as diferentes áreas do conhecimento às quais se dedicam: um físico (o inventor da máquina), um filósofo, um naturalista e uma doutora em teologia (os quatro são irmãos); um pianista e compositor, um milionário, que financiou o invento; um africano, que faz as vezes de guardião da casa e guarda-costas, e um cozinheiro chinês; um homem que “queria ser fantasma”, um romancista narrador e a mocinha da história. Ao final do livro, o casarão é incendiado, e com ele se vão o prodigioso invento e os dados sobre sua construção. Evolucionista, Verissimo situou a teóloga como contraponto às explicações científicas sobre a origem do mundo, o ancestral comum a homens e macacos etc.; os argumentos da estudiosa sempre sugerem certo fanatismo e negação da realidade.

É difícil não imaginar que Verissimo tenha sido inspirado pela máquina do tempo de H. G. Wells, buscando a divulgação científica ao público infanto-juvenil. Para Francisco Skorupa, a intenção de divulgação científica do livro segue os passos de Verne; e o pessimismo, que transparece na destruição da máquina, é herdeiro do “pessimismo wellsiano [que] predomina na idéia de que o progresso tecnológico causa males e, portanto, deve ser impedido.”³³ Mas acredito que

³³ SKORUPA, Francisco. *Viagem às letras do futuro*; extratos de bordo da ficção científica brasileira. 1947-1975. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002. p. 58.

também seja possível pensar em outras leituras de Verissimo, particularmente, as traduções que realizou. À mesma época em que lançou *Viagem à aurora do mundo*, ele traduzia Oswald Spengler – de quem já havia lido *A decadência do ocidente*, que citou em *Viagem à aurora do mundo*.³⁴

Para Norbert Elias, Spengler faz parte da linha de autores que pensa a sociedade “como uma entidade orgânica supra-individual que avança inelutavelmente para a morte, atravessando etapas de juventude, maturidade e velhice”, uma vez que estes “modelos conceituais são primordialmente extraídos das ciências naturais; em particular da biologia.”³⁵ Lucien Febvre esclarece que Spengler entendia a integração de todos os fatos humanos de uma mesma época como cultura, que sempre culmina em uma civilização; as culturas, como as plantas, nascem, se desenvolvem e perecem – como todos os organismos.³⁶ No princípio orgânico, o autor alemão buscou um elemento universal para a compreensão das culturas e civilizações, criando certa atmosfera de premonição pessimista, condizente com o período pós-guerra – o primeiro volume de *A decadência do Ocidente* foi lançado em 1918; o segundo em 1922. A consciência do *dever* era para Spengler própria do ocidente e de sua consciência histórica. Em 1931, escreveu *O homem e a técnica*, que Verissimo traduziu pela primeira vez no Brasil, lançado em 1941. Nele, Spengler definiu a técnica como “tática de vida”; a dos animais é imutável e a dos homens é criativa, signo da grandeza humana, mas também da sua decadência.

A mecanização do mundo entrou numa fase de hipertensão altamente perigosa. A imagem da terra, com suas plantas, animais e homens, se modificou. Dentro de poucos decênios haverão desaparecido as grandes selvas, transformadas em papel de jornal; e se terão produzido mudanças de clima que ameaçarão a agricultura de populações inteiras. Inumeráveis espécies animais se extinguem quase por completo, como o bisonte; raças humanas inteiras chegaram quase ao ponto de extinção, como os pele-vermelhas da América e os índios da Austrália. Todas as coisas orgânicas estão sucumbindo à organização. Um mundo artificial está impregnando e envenenando o natural. A própria Civilização se tornou uma máquina que faz, ou procura fazer, tudo de maneira mecânica. Hoje só pensamos

³⁴ “Aristobulus abancou-se à sombra dum cedro e passou ali algumas horas a ler o seu misterioso livro, que pela aparência do volume tanto podia ser *Assim Falava Zaratustra* como *A Decadência do Ocidente*.” Ao final da história, sabe-se que o misterioso livro que lê o sábio é *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. In: VERISSIMO, Erico. *Viagem à aurora do mundo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962. p. 223.

³⁵ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 14.

³⁶ MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Febvre; história*. v. 2. Grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1978.

e cavalo-vapor. Não podemos olhar para uma queda d'água sem transformá-la mentalmente em força elétrica; não podemos contemplar um campo cheio de rebanhos a pastar sem pensar em sua exploração como fonte de fornecimento de carne; não podemos mais encarar o belo ofício antigo de um povo primitivo e sadio sem querer substituí-lo por um processo técnico moderno. Nosso pensamento técnico *quer* realizar-se, com sentido ou sem ele. O luxo da máquina é uma consequência de uma necessidade de pensamento. Em última análise, a máquina é um *símbolo*, como seu secreto ideal, o movimento perpétuo – uma necessidade espiritual e intelectual, mas não vital. Começa já a contradizer-se a prática científica. Já o seu divórcio está sendo anunciado por tôda a parte. A máquina, por sua multiplicação e por seu refinamento está traindo sua própria finalidade.³⁷

Para Luís Bueno, no romance de Erico Verissimo o “intelectual só pode assumir um papel social válido se mergulhar na vida, procurando ver além de si. E não basta que sua visão esteja concentrada no mesmo ou no outro, que isso apenas mostraria um lado das coisas – e é preciso ver mais de um lado para que o desequilíbrio seja percebido. O artista, especialmente, tem que deixar de lado as evasões.”³⁸ A figura do cientista diletante, para quem a técnica encerra nela mesma o melhor do mundo, é recorrente nas histórias de Erico Verissimo, encontrando par na figura do artista alienado. O desfecho das narrativas geralmente não é simpático a tais personagens; quando o é, as pessoas que neles apostaram e que acreditaram em suas falsas potencialidades científicas/artísticas passam por simplórias, vítimas de embustes não muito inteligentes.

Em Jacarecanga, “fundada” por Verissimo em *Música ao longe*, vive o velho Leocádio Santarém, considerado sábio, principalmente pela família Albuquerque, oriunda da elite agrária e em franca decadência já no início da narrativa. Seu Leocádio é “o cidadão mais instruído de Jacarecanga”³⁹: possui um telescópio, explica a órbita dos planetas, descobriu uma constelação e corresponde-se com a Sociedade Astronômica de Lisboa; diz-se que fazia experiências com transmissão sem fio em Jacarecanga muito antes de Marconi; conhece a origem das palavras, sabe grego e aramaico, explica fatos históricos; toca flauta e compõe; conhece as plantas e suas aplicações; sabe tudo sobre os

³⁷ SPENGLER, Oswald. *O homem e a técnica*; uma contribuição à filosofia da vida. Porto Alegre: Edições Meridiano, 1941. p. 128-9. Tradução de Erico Verissimo. (grifos do autor)

³⁸ BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 387.

³⁹ VERISSIMO, *Música...*, op. cit., p. 58.

grandes poetas da língua portuguesa – ele mesmo prepara grandiosa poesia dedicada à passagem do Imperador Pedro II pela cidade, onde, contam, hospedou-se no casarão dos Albuquerque. Também contam que o monarca ficara impressionado com o conhecimento do então jovem Leocádio e teria dito que o rapaz poderia brilhar na Corte.⁴⁰ Todo final de ano, seu Leocádio distribui almanaques de farmácia aos próximos. Depois de sua morte, descobre-se que ele passava os dias copiando dados da *Enciclopédia Popular* e repetia-os. Como sua audiência não era culta, mas se pretendia ilustrada, as tiradas do velho eram recebidas como provas de grande erudição. O telescópio não passava de uma lente pela qual se observavam placas de vidro com fotos da lua; tocava sempre a mesma música na flauta, sua preferida, porque era a única que conhecia, e o seu poema sobre D. Pedro II na cidade é breve: “O imperador nunca esteve em Jacarecanga.”⁴¹

O professor Clarimundo, de *Caminhos cruzados*, vive em seu minúsculo quarto num subúrbio pobre de Porto Alegre; dá aulas num curso noturno e aumenta seus rendimentos com aulas particulares de francês e matemática. Devora a obra de Einstein em alemão, conhece os gregos. É realmente erudito, mas não sabe exatamente o que fazer com toda a sua ciência, todo o seu conhecimento, no mundo em que vive. Vive realmente em suas divagações, nas ideias que desenvolve consigo mesmo, já que seus vizinhos, como o sapateiro italiano fascista, não entendem as explicações que o professor dá de bom grado sobre a teoria da relatividade, por exemplo. O grande objetivo da vida do professor Clarimundo é escrever a *obra* (sempre referida em destaque). “Vai ser um trabalho grande e sólido, em que há de pôr todo o seu talento, toda a sua cultura”; de “fundo científico”, será a “coroa dourada de sua vida de solteirão solitário.”⁴² Ao final do livro, o professor ainda pensa em sua obra futura. Um dia, ele a concretizará.

Noel, jovem rico com propensões literárias, também gostaria de escrever; um romance belo, pois crê que a arte existe para expressar a beleza, não o que há de ordinário no mundo. Possui uma depressão constante, de quem nada consegue realizar por não aguentar o contato com as pessoas, o mundo.

⁴⁰ Ibidem, p. 85.

⁴¹ Ibidem, p. 154.

⁴² VERISSIMO, *Caminhos...*, op. cit., p. 12.

Filipe Lobo, de *Olhai os lírios do campo* (1938) é o engenheiro do *Megatério*, arranha-céu de Porto Alegre. Partidário do fascismo, racista, acredita que o mundo precisa de concreto armado, máquinas. Não aceita a medicina social, pois a entende como chance dada a incapazes; sua filha, vítima da má orientação paterna, morre em consequência de um aborto. No mesmo livro, Acélio Castanho, formado em direito e leitor de autores gregos e das teorias de Einstein, despreza a população miscigenada, o comunismo e a arte popular; além de “se ilustrar”, frequentar palestras, festas e planejar a escrita de um estudo sobre os gregos e a educação física, Castanho nada realiza nem produz – Verissimo o caracterizou como “casto”, que funciona como boa metáfora. O protagonista, Eugênio Fontes, dedica-se à prática médica para garantir uma carreira e ganhar dinheiro, pois “um médico que se quisesse dedicar aos pobres seria obrigado a botar o dedo naquelas feridas, respirar longamente o ar viciado daquelas casas, sentir na cara o hálito pestilencial daquela gente”.⁴³ Casado com a filha de um grande industrial, Eugênio passa a trabalhar em uma das usinas do sogro. Ali, assina atestados médicos e outros papéis “para o Ministério do Trabalho”; enquanto não abraça a medicina de cunho social, não encontra paz de espírito. A ciência, o conhecimento em geral, sem aplicação justa no mundo real gera seres estranhos, não adaptados ou arrogantes. Perdem sua humanidade, à medida que deixam de perceber o mundo um organismo e a necessidade de cooperação para a construção de um bem-estar para todos.

O alcance dessa mensagem é visível também pela vendagem do período: “Na década de 30 se produzem continuamente, além de um grande número de títulos, vários *best-sellers*, a ponto de pela primeira vez o romance brasileiro servir de fato como entretenimento dentro do próprio país.”⁴⁴ Verissimo dividiu várias vezes com Jorge Amado a posição de autor mais bem vendido e, mais tarde, a de escritor que pôde viver da venda de seus livros.

De acordo com Antonio Candido, a literatura e o pensamento da década de 30,

na maré montante da Revolução de Outubro, que encerra a fermentação antioligárquica já referida ... se aparelham numa grande arrancada. A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de

⁴³ Idem, *Olhai...*, op. cit., p. 49.

⁴⁴ BUENO, op. cit., p. 210.

suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de neonaturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país ... é marcante a preponderância do problema sobre o personagem.⁴⁵

É possível perceber tais elementos também no que têm de histórico. Nos romances que escreveu na década de 30, é como se Verissimo ligasse o tema das suas narrativas, a linguagem e seu próprio engajamento (o da *geração de 30*) com a medicina – que no século 20 teve destaque num projeto nacional. A medicina aparece em seus textos como portadora de justiça social e como ferramenta para uma nova linguagem, num período em que a representação do saneamento dos problemas nacionais era forte. Trata-se do *neonaturalismo* que cita Antonio Candido e que se filia ao *naturalismo* do século 19, principalmente no que se refere a algumas soluções narrativas e escolha de temas. O prosaico colocado no centro da narração, tipos comuns absorvidos às histórias e tudo o que a sociedade industrial deixava à margem compuseram romances escritos numa linguagem cuidadosamente montada para que se assemelhasse à linguagem viva de ruas, comércios, fábricas, minas. E o que não fosse familiar, assim se tornaria, pela observação e eleição de detalhes e cenas numa descrição desprovida de ornamentos; a doença pôde ser descrita na linguagem de quem dela padecia assim como na linguagem de quem dela tratava. O naturalismo quis livrar-se de aspectos metafóricos para ocupar-se do “desenvolvimento natural” das coisas – o escritor deveria ser observador e experimentador.

E suas observações, transformadas em romances, não poderiam fazer concessões ao gosto do leitor, geralmente oriundo de uma burguesia que se queria espelhada nos livros. Mundos que os leitores não conheciam deveriam ser temas apresentados sem a idealização romântica. A ciência poderia funcionar como um fio condutor das histórias, não mais o lirismo. O homem do romance naturalista era o mesmo que o da medicina, de carne e osso, e assim deveria ser caracterizado.

Escritores da virada do século 19 para o 20 buscaram colocar em prática os princípios naturalistas fixados por Émile Zola em *O romance experimental*, de 1880. Por todo o mundo, arremedos de romances de Zola apareceram, mas a brecha aberta para a literatura naturalista propiciou outros caminhos no século 20.

⁴⁵ CANDIDO, *Literatura...*, op.cit., p. 123.

A *geração de 30* no Brasil também utilizou-se de ferramentas naturalistas criadas no século anterior.

Um importante ponto de encontro entre os Verissimo e Zola diz respeito à imagem do escritor. Referindo-se ao livro *Introdução ao estudo da medicina experimental* do médico Claude Bernard, Zola concluiu, n' *O Romance Experimental*:

basta trocarmos as palavras “médico experimentador” pelas “romancista experimentador”, e toda a passagem [de *Claude Bernard*] se aplica exatamente à nossa literatura naturalista. O *circulus* social é idêntico ao *circulus* vital: na sociedade como no corpo humano existe uma solidariedade que liga os diferentes membros, os diferentes órgãos entre eles, de sorte que se um órgão se deteriora todos os outros são atingidos, e uma doença bastante complexa se declara. Assim, nos romances, desde que fazemos experiências sobre uma ferida que envenena a sociedade, nós procedemos como o médico experimentador; encarregamo-nos de encontrar o determinismo simples inicial, para chegar, em seguida, ao determinismo complexo, onde a ação aconteceu.

⁴⁶

Erico Verissimo narrou, em *Solo de Clarineta*, uma experiência que teve aos catorze anos, na farmácia do pai, quando “encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam ‘carneado’.” ⁴⁷ Percebeu um polegar decepado, um corte profundo no rosto, que subia dos lábios à orelha, os intestinos que escapavam pelo ventre.

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a idéia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.⁴⁸

O escritor tem, para os dois autores, um papel social, seus livros são fundamentais. O cuidado com eles e o trabalho para sua divulgação devem ser constantes. Um escritor deveria poder viver de sua pena. Assim como Émile Zola, Erico Verissimo trabalhou numa editora, como tradutor, diretor de revistas, além de ali publicar seus próprios livros. Para a Livraria do Globo (mais tarde Editora do

⁴⁶ ZOLA, Emile. *Le roman experimental*. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tomo X. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968, p.1189.

⁴⁷ VERISSIMO, *Solo...* pp. cit., p. 45.

⁴⁸ Idem.

Globo e Editora Globo) em Porto Alegre, ele traduziu Edgar Wallace, Aldous Huxley, John Steinbeck, Horace McCoy, Somerset Maugham, Katherine Mansfield, Oswald Spengler, entre outros. Dirigiu a *Revista do Globo* e a revista *A novela*. Em 1936, tornou-se consultor editorial. “Foi desse modo que entrou, na indústria do livro no Brasil, a figura do editor profissional, que funcionava como editor da obra sem ser dono da editora. O papel pioneiro de Verissimo nessa função veio a generalizar-se somente décadas mais tarde (...). Graças à influência de Verissimo, a programação da Globo no campo literário ganhou qualidade.”⁴⁹

3.3 Namoros com a medicina

Ao final da década de 1930, Erico Verissimo também dirigia a publicação de coleções, como *Amarela*, *Espionagem*, *Verde*, *Universo*, *Globo Nobel*, que eram divididas por faixa etária e temas de interesse (literatura infantil, “leituras para a juventude”, romances, ensaios, traduções). Nessa época, foi criada a coleção *Biblioteca de Investigação e Cultura*, coordenada por Josué de Castro, que já tinha publicado pela Livraria do Globo *Therapeutica dietetica da diabete* (1936), *A alimentação brasileira à luz da geografia humana* (1937) e *Geografia Humana* (1939). Em 1939, foi publicado na coleção coordenada por Castro o livro *Vaqueiros e Cantadores*, obra fundamental de Luiz da Câmara Cascudo. No mesmo ano, a coleção lançou *Namoros com a medicina*⁵⁰, de Mário de Andrade, o músico, professor, folclorista, escritor emblemático do modernismo brasileiro, que àquela altura já publicara, além de ensaios teóricos sobre a música e a arte brasileiras, *Paulicéia desvairada*, *Losango cáqui*, *O clã do jabuti*, *Amar, verbo intransitivo* e *Macunaíma*.

Na orelha de *Namoros com a medicina*, informa-se que *Olhai os lírios do campo* chegara a sua 4ª edição, ao preço de 8\$000; era possível saber que “composto segundo uma técnica nova, êste novo romance de Erico Verissimo, diferente de todos os anteriores do mesmo autor, tem uma imensa força de atração – o elemento humano.” Na outra orelha, fica-se conhecendo *A luta contra*

⁴⁹ HALLEWELL, op. cit., p. 399.

⁵⁰ ANDRADE, Mário de. *Namoros com a medicina*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

a morte, tradução do romance do médico norte-americano Paul de Kruif, que custava 15\$000. Em “páginas impregnadas de rara beleza”, os leitores poderiam entender “como foi descoberto o tratamento do tifo exantemático, da anemia perniciosa, da sífilis, da tuberculose, etc. A insulina e o seu criador. A cura pelo sol. O prolongamento da vida.” O tema do livro, incluindo as orelhas, parece ser o mesmo, sob diferentes pontos de vista.

Namoros com a medicina foi dividido em duas partes: *Terapêutica musical* – que era inicialmente “uma conferência, recitada na Associação Paulista de Medicina, e apareceu em seguida no mensário Publicações Médicas”. E *Medicina dos excretos* – que “a mesma revista teve a gentileza de aceitar, (...) e que não foi recitado em lugar nenhum, Deus-me-livre!”⁵¹ A bibliografia consultada por Mário de Andrade para a realização do primeiro ensaio contou com 43 obras sobre linguagem musical, ritmos, musicoterapia, origens da música, música e superstição, além de livros como o do Dr. Nina Rodrigues sobre *O animismo fetichista dos negros da Bahia* e publicações francesas sobre história natural, biodinâmica e radiação, entre outros.

O autor iniciou o livro indagando se não seria “razoável, digo mais, quase instintivo que esse fortíssimo poder biológico da música provocasse a idéia de utilizá-la na medicina?”.⁵² Citou muitos exemplos, desde terapias nos “hospitais de alienados” a problemas musculares tratados com sessões de música. Apontou músicas folclóricas brasileiras, seus rituais e efeitos fisiológicos, como os que constatou nas danças do maracatu e *Lião Coroado*, no carnaval do Recife e na “feitiçaria nordestina” em geral, em cantos de macumba e catimbó. Afirmou que o “efeito terapêutico do ritmo (...) ativa, desenvolve, aguça as faculdades fisiológicas”, mas que, por outro lado, pode causar a “bebedice, o depauperamento, a extirpação mesmo das faculdades da consciência e da razão, provocando assim, ora estado de sonolência, ora de encantação, ora de exaltação dionisíaca, bem próprios para aceitar qualquer absurdo”.⁵³ Narrou uma experiência pessoal, ocorrida no Recife, enquanto preocupava-se em registrar o ritmo que os músicos executavam:

⁵¹ Ibidem, p. 19.

⁵² Ibidem, p. 28.

⁵³ Ibidem, p. 16.

esquecido de mim, nesse trabalho de escrever, quando senti um mal-estar doloroso, a respiração opressa, o sangue batendo na cabeça como um martelo, e uma tontura tão forte que vacilei. Senti a respiração faltar, e cairia fatalmente se não me retirasse afobado daquele círculo de inferno. Fugi para longe, necessitado de reorganizar em sua pacífica fragilidade meu pobre corpo de leitor infatigável.⁵⁴

Ele acreditava que o poder de “ativação biológica” da música estava na “indestinação intelectual do som”, pois a música (sem canto) não conteria imagens que fossem representações inteligíveis. Sobre a capacidade de grandes oradores eletrizarem platéias, também acreditava que tal fenômeno se produzia por causa da cadência da voz e da musicalidade de certas palavras. Por outro lado, citou casos de musicalidades desastrosas, como o hino nacional brasileiro: “no fundo a coisa dói. O raciocínio não pode considerar a desastrada polifonia como um desafôo; mas, nasce, involuntária na gente, a sensação de desafôo”.⁵⁵

Sobre o poder calmante da música, citou o naufrágio do *Titanic*: “o serviço de salvamento dos passageiros endoidecidos de pavor, foi relativamente fácil, graças ao capitão ter ordenado à orquestra de bordo executar dansas alegres na coberta do navio”.⁵⁶ Da mesma forma, citou que os cantos de pastoreio também teriam efeito sobre os seres irracionais, “usados desde os povos mais primitivos até o ranz das civilizadíssimas vacas suíças”.⁵⁷

Falou da música na mitologia e na medicina antigas, concordando com as propriedades terapêuticas dos ritmos, apenas citando textos da Antiguidade ou fazendo adendos sem mais explicações, como “Ário e Terprando também curavam invertidos por meio da música, o que casos históricos parecem desmentir”.⁵⁸ Voltando aos exemplos das modernas psiquiatria e neurologia, revelou com otimismo um trabalho realizado em São Paulo, com “alienados”, no departamento que ele mesmo coordenou até o seu desacordo quanto às políticas do Estado Novo, quando se demitiu.

Entre os trabalhos de assistência social que o Departamento de Cultura vem realizando ..., uma primeira experiência de música aos alienados do Juquerí deu excelentes resultados, a julgar pela opinião mais autorizada dos médicos assistentes. O que os levou a prosseguir na iniciativa benéfica. Os autores, e principalmente os experimentadores são unânimes em afirmar que a música acalmaria, suavizaria realmente os alienados, epiléticos, psicastênicos,

⁵⁴ Ibidem, p. 19.

⁵⁵ Ibidem, p. 25.

⁵⁶ Ibidem, p. 30.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ibidem, p. 31.

neurastênicos, maníacos de vária espécie e vários graus, cumprindo finalmente o brocardo de que “adoça os costumes” – coisa falsa da vida comum, pois da experiência clínica que tenho dos musicistas meus manos, nunca vi gente mais brigona e mais perfeitamente alienada por egoísmo e rivalidades. Pior que músico, nem pintor, Santa Maria!⁵⁹

Além de relatos de casos bem-sucedidos, está presente em todo o ensaio certo humor para explicar as “coisas da medicina”. Contou que as experiências calmantes e até anestésicas da música já eram utilizadas na Europa, como nos casos do médico italiano Francaviglia, que utilizava-se “da música como cloretilo, desculpem, nas pequenas operações”, do dentista francês Dr. Laborde, que substituíra “a cocaína por um fonógrafo bom”, além de outros compatriotas que contratavam pianistas para seus atendimentos, “e um de Nova York, bem luxuoso, que empregava um côro feminino acompanhado de harpas”.⁶⁰ Em meio a todos esses exemplos, Mário de Andrade destacava a importância de se dar o devido valor às possibilidades da música em terapias, fossem físicas ou psicológicas, pois, acreditava, a quantidade de charlatanismos num campo de estudos ainda não bem definido poderia ser grande. Além disso, cada médico, por formação, princípios e crenças, acabaria por definir diferentes caminhos sobre o tema. Ao explicar sobre as hesitações em se determinar o que chamou uma *farmacopéia musical*, afirmou-lhe parecer mais justa a ideia de que “não há doenças nem doentes, há médicos” – em vez do “consentimento universal de que não há doenças, há doentes”.⁶¹ Para Mário de Andrade, um médico munido de novas terapias, cientificamente estudadas e distanciadas das práticas excêntricas de profissionais não confiáveis ou do caráter mágico do folclore popular poderia oferecer muito mais à sua coletividade que apenas a cura de determinados males, incluindo aí o trabalho mais eficaz – tônica dos anos 1930 para médicos, educadores, políticos, enfim, intelectuais em geral.

Uma organização social que empregasse a terapêutica musical à coletividade, não é uma utopia, porque isso já existe, só faltando sistematização. Proibir-se-ia os rádios e demais elementos de pandifusão da música, de executar peças apaixonadas, violentas, marciais, depois das vinte horas... Todos os processos difusores do som seriam obrigados nessa hora, a executar só peças graves doces e serenas, para auxiliarem as crianças, os enfermos, os operários e as mães a dormir. ... De-manhã, alvoradas claras de claros acordes simples, em alegros

⁵⁹ Ibidem, p. 39.

⁶⁰ Ibidem, p. 40.

⁶¹ Ibidem, p. 49.

moderados concitariam o ser à ginástica, ao banho e ao trabalho contente. Ritmos bem ordenados de dansas e rondós populares seriam ouvidos nas usinas, nas fábricas, nos cais de mercadorias, facilitando os trabalhos. Nas temporadas de fabricação intensiva, estas mesmas músicas ou quaisquer outras facilmente reconhecíveis de todos, seriam executadas mais rápido que o andamento ordinário – o que contribuiria não somente para dinamizar com mais rapidez os gestos, como, pela mutação sensível do andamento, a tornar consciente no operário a precisão de trabalhar mais rápido.⁶²

Arnaldo Contier ressalta que, desde os anos 20, Mário de Andrade também dava especial importância aos corais e orfeões por entendê-los como elo de ligação entre a arte culta e o povo. A preocupação foi compartilhada por artistas que viam ali a possibilidade de conhecimento e exaltação do folclore nacional, por um lado, assim como a do trabalho e do civismo. Nos anos 30, a ideia culminou no canto orfeônico de Villa-Lobos, de ensino obrigatório nas escolas a partir de 1932. Contier também frisa que a relação entre o Estado e a música não deve ser entendida apenas como uma interferência deste no campo cultural, em busca de projetos hegemônicos para a área.

Na verdade, no caso da música, a prática política de alguns intelectuais envolvidos sentimentalmente pela proposta de nacionalização da música brasileira voltou-se para o Estado como o único agente capaz de interferir no seio da sociedade, sem nenhum interesse partidário ou de classe, tão-somente como unificador cultural da nação solapada pela música estrangeira erudita ou popular.⁶³

Certamente havia um sentido disciplinador no ensino do canto nas escolas públicas, mas era entendido como “elemento essencial para incentivar um trabalho mais *eficiente*, que beneficiasse a nação, considerada como um todo orgânico.”⁶⁴ Questões aventadas por literatos e médicos também o foram por músicos e demais artistas, assim como suas adesões aos projetos oficiais do governo Vargas.

Da música como terapêutica individual e coletiva, Mário de Andrade passa ao segundo ensaio de seu livro, *A medicina dos excretos*; para tratar do tema, listou 79 livros consultados, incluindo *Psico-Patologia Forense*, de Afrânio Peixoto, *As funções mentais nas sociedades inferiores*, de Lévy-Bruhl, *Biologia Médica*, de Jules Guiart, *Cantos populares do Brasil*, de Sílvia Romero, *Feitiços e*

⁶² Ibidem, p. 55.

⁶³ CONTIER, Arnaldo. *Passarinhada do Brasil: canto orfeônico, educação e getulismo*. São Paulo: EDUSC, 1998. p. 27.

⁶⁴ Ibidem, p. 40 (grifo do autor).

crendices, de Hernani de Irajá, *Linguagem Médica Popular no Brasil*, de Fernando São Paulo, *A navegação do Capitão Pedro Álvares Cabral* e mesmo o *Tratado de materialismo histórico*, de Nicolai Bukharin.

Curiosa compilação de “práticas de cura populares” encontradas no interior do país, o texto descreve, como o título indica, a utilização dos excrementos animais e humanos na terapia de afecções presente no conjunto de “simpatias” praticadas em todo o Brasil, assim como práticas da “baixa-magia” européia e estudos médicos acerca do assunto. Afinal, para o autor, a “utilização de excrementos já teve o beneplácito da medicina erudita, e é, em muitos casos, justificável”.⁶⁵ Mário de Andrade explicou que tanto o “primitivo despaísado” quanto o “homem culto da cidade” fazem uma associação entre o excremento-adubo e o excremento com capacidade de restaurar a saúde aos homens doentes.⁶⁶ Coisa semelhante aconteceria com a “refinação de açúcar com bosta de vaca. Com o excremento, o açúcar se purifica e aperfeiçoa. O açúcar se limpa. O excremento adquire assim um conceito de elemento lustral, purificador”.⁶⁷ Ele alertou que as associações não deveriam ser entendidas como a única explicação para a utilização medicinal dos excrementos, mas que “estes exemplos de sua vida quotidiana, esta manifestação objetiva do poder vivificador e purificador dos excretos, devem ter agido, a meu ver, na imaginação popular influenciável, como provas decisivas do valor terapêutico dos excretos, e contribuindo para a conservação contemporânea da medicina excretícia.”⁶⁸

Fez um inventário da utilização de fezes e urina, animais e humanas, em diferentes épocas e culturas. Entre as explicações históricas, citações folclóricas e mesmo explicações químicas sobre o fósforo e os hormônios encontrados na urina humana e utilizados em experiências, Mário de Andrade ofereceu aos seus leitores descrições sobre a utilização de “mijo de gente com fumo, para mordida de marimondo”; “bosta de vaca” como cicatrizante; “cocô ralo de pinta que ainda não bota contra espinhas”; “beber fezes diluídas”; tratamento de nevralgias com “a gosma que resultar de um quilo de açúcar metido no ânus dum urubu depenado, desvicerado, pendurado pelo bico”; e, para curar o terçol, “esfregar-lhe

⁶⁵ Ibidem, p. 63.

⁶⁶ Ibidem, p. 65.

⁶⁷ Ibidem, p. 66.

⁶⁸ Ibidem.

o traseiro de uma mosca”. Ao final da “enumeração assustadora de remédios escatófilos”, ele conduziu o tema para uma possível interpretação, baseando-se no

que sei e guardo das minhas viagens através dos livros, das terras e da fragilidade humana. O que aí vai é suficiente para documentar o leitor porventura insuspeito de tamanha escatofilia. Mas importa mais é decidir se poderemos designar êsses costumes como simples fenômeno de patologia social.⁶⁹

Nessa mesma direção, Mário de Andrade apresentou estudos de caso do Dr. Afrânio Peixoto (o médico que afirmou que os sertões brasileiros começavam ao fim da Avenida Central) e citou uma prática escatofágica do poeta Charles Baudelaire, que teria base num estudo sobre a nevrose do artista. Concluiu que apesar de a escatofilia ser muitas vezes um “fenômeno individualista”, não o era exclusivamente; antes, deveria ser entendida como “fenômeno de patologia social que abrange permanentemente a humanidade”⁷⁰, especialmente “numa de suas manifestações mais importantes, a coprolalia, que é a obsessão de pronunciar sujeiras”.⁷¹ Esclareceu que o distúrbio se demonstrava pouco nas “classes mais policiadas”, mas que qualquer fenômeno social “mais violento abre as comportas da coprolalia sequestrada”.⁷² Lembrou que a “guerra de São Paulo, em 1932, provocou uma coprolalia virulenta nas classes sociais mais cultivadas”, e que muitas vezes ouviu “o palavrão que substitue mais popularmente ‘excremento’ estremecer em muito lábio feminino, é triste recordar”.⁷³ Segundo o autor, nas sociedades “e classes sociais menos controladas pela educação”, a prática descrita “surge mais violenta”, no seu entender, “no selvagem, nas classes proletárias, na mocidade e nas crianças”.⁷⁴ Em seguida, prosseguiu pela “arte das latrinas públicas,” tentando explicar por que a mocidade se compraz no palavrão, anedotas, quadrinhas, frases e desenhos “menos imorais que simplesmente porcos”.⁷⁵ Listou ditos e trovinhas sobre o mesmo tema e suas variações possíveis:

Eis uma adivinha infantil, completada por uma pega: – O que é, o que é, vai a um canto e faz có, có, có? – Galinha! – Pois m... para quem tanto adivinha!. Outra: –

⁶⁹ Ibidem, p. 87.

⁷⁰ Ibidem, p. 88.

⁷¹ Ibidem, p. 89.

⁷² Ibidem.

⁷³ Ibidem.

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ Ibidem.

que me importa! – Bate o c. na porta! (colhida na estado de São Paulo). – Sabe, o Joaquim? – Que Joaquim? – O do c. assim (e faz um círculo com os polegares e indicadores; São Paulo). – Aonde? – No c. do conde (São Paulo). A quem nos chama por tu, se interrompe com:

Tu, turú-tu-tú

No buraco do teu c.

de que existe variante “parente de teu c.”, e outra mais limpa:

Tu, turú-tu-tú

Parente do tatú

E do urubú!⁷⁶

O livro assemelha-se muito mais a uma compilação de práticas e ditados da tradição popular que propriamente a um ensaio sobre medicina. Muitos exemplos que coletara em suas viagens pelo interior do Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, encontram-se nele referenciados. Uma *Advertência* no início do livro, explica que ele é o fruto “daquela ‘pachorra investigativa’ que a crítica subtil de Gilberto Freyre decidiu da minha literatura”.⁷⁷ Por conta de uma “memória pouca” e estimar “ter resposta pronta às minhas perguntinhas”, é que desenvolveu o hábito “virtuoso” de fichar. “Sou apenas um grande amoroso das minhas perguntinhas, e estes namoros com a medicina são bem característicos de mim (...). Resta explicar, rapazes, porque ligo tanto à medicina. É ainda uma questão de pachorra, uma espécie de mal-aventurada dôr-de-corno”.⁷⁸ A tal “dôr-de-corno” resultara, segundo o autor, da frustração de um desejo infantil, qual seja, tornar-se médico. Quando criança, conta, ouviu muitas vezes a tradicional pergunta feita às crianças sobre o que gostariam de ser quando adultas: “Vou ser médico. Pra que falei tamanha bobagem! Todos acharam a resposta muito certa e nunca mais se discutiu dos meus futuros. Nem eu discuti. Fiquei certo como os outros que ia ser médico no mundo, mas jamais fiz o menor esforço para me dirigir”.⁷⁹ Desse fato, se arrependia apenas por um motivo:

uma hesitação danada quando, nos hotéis, enchendo a ficha de hospedagem, tropeço no “Profissão”. Pianista? Professor? Jornalista? Crítico de arte? Folclorista? Ou mais recentemente: Funcionário Público. Só me arrependo de não ter ficado médico por causa dos fichários dos hotéis.

(...)

Me tornei médico às avessas, isto é, doente. Mais ou menos imaginário. Sou duma perfeição preleçãoal no descrever os sintomas das doenças. Das minhas doenças. E, finalmente, a medicina entorpeceu minhas leituras. Li bastante sôbre

⁷⁶ Ibidem, p. 90.

⁷⁷ Ibidem, p. 6.

⁷⁸ Ibidem, p. 7.

⁷⁹ Ibidem, p. 8.

os bastidores dela, e principalmente a sua história. E quando encontro em leituras outras, qualquer referência sobre medicina, facho. Fichava, aliás. Por que fichava? Fichava sem saber porque fichava. Fichava por causa daquela resposta de menino e porque os instintos viciados, ignorantes das proporções e dos anos, continuam imaginando que serei médico um dia. ... não estou longe de pensar que nestas linhas vai um trágico bem profundo, que afinal, acabou se desnudando. Este livro.⁸⁰

Muitos literatos brasileiros das décadas de 1920 e 1930, de alguma forma, pagaram tributo à medicina e às descrições científicas em seus textos. Como no livro de Mário de Andrade e nos de Erico Verissimo, neles podem ser encontradas pistas sobre preocupações e projetos de médicos e intelectuais brasileiros já da primeira década do século 20, como a associação entre higiene e progresso. Como revelou o próprio Mário de Andrade, a medicina entorpecera suas leituras. Pode-se concluir que as dele e também as de muitos brasileiros que já eram leitores, independentemente da idade, nesse período. Os jornais e os almanaques davam conta de informar o que se passava nos círculos médicos, as vulgarizações de textos científicos, as descobertas da indústria farmacêutica e as doenças do território brasileiro, mapeadas por viagens de epidemiologistas e sanitaristas.

Assim como o autor modernista se lançou em viagens pelos sertões do Brasil nas décadas de 1920 e 1930 – para registrar autênticas manifestações populares, as verdadeiras raízes da cultura brasileira, temendo que desaparecessem com a urbanização –, médicos e cientistas do Instituto Oswaldo Cruz também o fizeram, entre 1911 e 1913, com o intuito de também conhecer os sertões, que consideravam abandonados pelo poder público, varridos pelas doenças e sem ligação alguma com os centros urbanos do restante do país. Antes da expedição em busca das raízes do Brasil empreendida por Mário de Andrade e sua equipe, outras, chefiadas pelo médico Belisário Penna, já haviam percorrido quase os mesmos caminhos, mapeando, coletando, vacinando, fotografando o que viam para melhor compreender a situação do interior brasileiro e encontrar soluções eficazes que fossem baseadas na observação científica, não mais numa tradição administrativa que julgavam ultrapassada, ineficaz e responsável pelo atraso e pela miséria. Insistiam na divulgação de tais pesquisas, para que todos os brasileiros pudessem se dar conta da situação em que se

⁸⁰ Ibidem, p. 8-9.

encontrava grande parte do território nacional, condenada ao atraso e ao isolamento pela pobreza e pela doença.

Antônio Hohlfeldt cita uma resposta de Erico Verissimo, indagado sobre o que gostaria de dizer aos filhos antes de morrer; entre outras coisas, ele disse:

que na medida de sua capacidade e habilidade ajudem o próximo. E que devem levar em conta que problema é pra resolver e doença para curar: é tolice, insensatez pensar que devemos cavocar com o dedo nas nossas feridas, na ilusão de que o sofrimento nobilita e de que só sofrendo é que podemos produzir grandes obras de arte. Faria ver a meus filhos que o problema da felicidade tem muito a ver com o da saúde.⁸¹

Nesse sentido, é possível entender melhor os emblemáticos personagens médicos de Verissimo. Enquanto curam seus pacientes, curam doenças sociais e proporcionam um futuro mais justo. Como se viu anteriormente, em vários dos textos de Verissimo, o oposto da doença – associada à corrupção e à injustiça – é a medicina; em consequência desta é que se obtém a saúde, seja pela cura, seja pela prevenção.

Nacionalidade, doenças e medicina foram elementos que se cruzaram muitas vezes nas primeiras décadas do século 20, na busca pelas autênticas raízes culturais e por um futuro salubre em todos os sentidos. A literatura apropriou-se destes elementos, tanto quanto os produziu, entendendo-os como ferramentas linguísticas (incorporando seus termos e descrições), criando com eles estruturas narrativas (que parecem evoluir organicamente) e criando a imagem do escritor que trabalha como um fisiologista ou um clínico. O ser humano de carne e osso valia um romance e a realidade podia ser entendida como passível de doenças e tratamentos.

⁸¹ HOHLFELDT, Antônio. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Tchê!, 1984. p. 50-51.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um socialista humanista – esta era a resposta de Erico Verissimo quando perguntado sobre suas opções políticas. Assim também se definiu em *Solo de clarineta*, seu livro de memórias. Nunca se filiou a partidos políticos nem defendeu, durante a Guerra Fria, qualquer dos dois blocos. Era um pacifista, antiimperialista e falava dos abusos soviéticos antes que os expurgos do regime viessem oficialmente à tona. Como muitos de sua geração, teve que comparecer ao DOPS durante o governo de Vargas, por suspeita de comunismo; na mesma época, teve problemas com a Igreja, que entendia seus livros como “corruptores da moral”. As boas vendas do que escreveu alimentaram certa desconfiança da crítica, ainda apegada à ideia de que a obra que vende possui qualidades literárias inferiores. Tendo vivido e trabalhado nos Estados Unidos, chegou a ser criticado por estar a serviço do capital americano. Sobre ele, disse Jorge Amado – também campeão de vendas, integrante da geração de 30 e militante do Partido Comunista:

Não há de se querer e esperar unanimidade crítica em torno da obra e da figura do mestre gaúcho. Escritor de tamanha popularidade, amado e fielmente lido por centenas e centenas de milhares no Brasil e no estrangeiro, traduzido e difundido no mundo inteiro, como esperar para ele as palmas dos literatos sem obra e sem público, dos críticos cuja erudição é feita de inveja, de esnobismo, de suficiência e de tolice? Não precisa Erico Verissimo do elogio e da admiração desses amargos críticos; que eles guardem seus aplausos para os morfinos e magros gênios dos grupinhos das mesas de bar e das indóceis internacionais do desmunhecação e do modernoso. Erico Verissimo é um grande escritor do Brasil, um grande escritor do seu tempo, um grande romancista *tout court*, cuja obra constitui inestimável patrimônio de nosso povo.⁸²

Sua obra capturou diferentes momentos na história do país, elegeu-os como importantes, com uma construção textual que não os paralisou, mas que permite o contato com valores específicos desta época. Estão latentes, mostram-se a cada leitura, graças à eficácia da combinação de elementos que utilizou em sua criação. Uma das provas desta eficácia é o fato de Verissimo ter sido um dos primeiros brasileiros do século 20 a poder viver da profissão de escritor.

⁸² AMADO, Jorge. Erico Verissimo pelo mundo afora. In: CHAVES, *O contador...*, op. cit., p. 33-4.

Esta tese se concentrou na produção do autor entre 1930 e 1943, época em que projetos nacionais de modernização foram privilegiados. Certamente que já faziam parte da preocupação de intelectuais e políticos brasileiros desde o século anterior, mas ganharam fôlego com a Revolução de 30. Alguns dos mais importantes foram os relativos à saúde pública, entendida, juntamente com a educação, como elemento fundamental para a constituição da nação moderna: a população saudável foi idealizada como a que produziria as riquezas materiais e culturais necessárias para dar ao Brasil a condição de nação desenvolvida.

Esta atenção à saúde pública está presente desde o início do século 20, reforçada nas décadas de 1910 e 1920, período denominado por Gilberto Hochman como a *era do saneamento*. Para curar doenças e sanear ambientes, era necessário conhecer o país, descobrir e integrar suas populações e regiões remotas, definindo os sentidos da nacionalidade: que país se busca? O que há de genuíno a representá-lo? Assim como artistas buscaram entender a essência brasileira, primitiva, para além das grandes cidades, cientistas buscaram a gênese das enfermidades nacionais; em sentido inverso, buscaram levar aos sertões o produto de suas pesquisas – vacinas, remédios, procedimentos higiênicos e clínicos.

Outros brasileiros ganharam rostos quando passaram a povoar relatos médicos, de folcloristas, jornalistas, fotógrafos e literatos. O país apresentava características desconhecidas por muitos até então: as cidades desconheciam os sertões, não havia integração nacional, cada região era um mundo sustentando por tradições e mesmo leis próprias. A Revolução de 30 representava uma esperança para que esse quadro nacional se modificasse.

É necessário atentar para o fato de que diferentes objetivos, concepções políticas e filosóficas conviveram nesta busca; é preciso não perder de vista que o engajamento pela mesma causa apresentou diferentes motivos e caminhos. Por exemplo, o fato de artistas terem trabalhado como funcionários públicos durante o governo de Getúlio Vargas – como Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos, por exemplo – não os filia, automaticamente, ao autoritarismo do Estado Novo, mas mostra que partilhavam projetos comuns no período.

O caso da saúde pública é exemplar. Nos anos 30, sanitaristas e higienistas na ativa desde o início do século entenderam que as mudanças

políticas garantiriam a implantação de projetos que não se concretizavam por falta de uma política clara para a saúde. Ao mesmo tempo em que teóricos adeptos do racismo entenderam que aquele era o momento para incluir o “problema da raça” nas políticas de saúde pública; que eugenistas apontavam a necessidade de se garantir gerações futuras sadias através de procedimentos no presente. Os primeiros acreditavam no saneamento do meio e na cura das doenças para a garantia de uma população forte e produtiva. Os outros entendiam que apenas isso não solucionaria o “atraso nacional”, que era necessário intervir desde a geração da futura população, impedindo-a quando necessário, inclusive pela esterilização, na concepção dos mais radicais. Saneamento e eugenia tinham delimitações frágeis, confundiam-se no vocabulário não apenas leigo, mas dos próprios profissionais da saúde. Para muitos, eugenia e higiene eram sinônimos, mesmo saúde e eugenia foram empregados para designar a mesma coisa. Vistas em retrospecto, essas associações podem provocar imprecisões.

Os projetos eugênicos passaram a ser associados com os totalitarismos do século 20 e seu delírio de raça pura. A simples menção ao termo eugenia provoca essa associação, que ocorre, entre outros casos, quando se tomam projetos de saúde pública nos anos 30 no Brasil; por conta dos termos utilizados, propicia-se o mal-entendido pela não contextualização das ideias. No período, fala-se em raça forte até para designar saúde física. Autores utilizam termos que atualmente são considerados ofensivos, mas que em outras épocas fizeram parte do vocabulário corrente, sem por isso representarem uma ideologia racista. Quando se trata da medicina e da ciência dos dois séculos anteriores, diferentes ideias eram enfeixadas para demonstrar um único ponto de vista. Monteiro Lobato, por exemplo, teve seus dias no panteão dos autores considerados racistas, pelos artigos que escreveu sobre a “gente da terra”, à luz de suas leituras sobre determinismo; mesmo que tenha aprofundado alguns conceitos e reelaborado suas ideias, há quem encontre um traço racista no texto de Lobato, lido, obviamente, a partir dos referenciais atuais. Mesmo médicos que utilizaram termos como eugenia ou saúde da raça não propugnavam pela limpeza étnica nem acreditavam na superioridade racial. Mas pelo fato de serem médicos, muitas vezes seus discursos sofrem leituras aprioristas.

Como explicar, então, o fato de preocupações de eugenistas aparecerem nos textos de Verissimo? Ou ainda, o fato de a medicina ganhar um papel privilegiado em sua narrativa, com personagens médicos emblemáticos – e defensores do exame pré-nupcial, por exemplo? Certamente que não se pode tomar a fala do personagem pela fala do autor, mas a recorrência de alguns temas aponta uma preocupação de Verissimo relativa à realidade brasileira da década de 1930. Se entende-se o discurso eugênico como monolítico, a redução da realidade a ele é a única interpretação possível. Como não é possível operar esta redução nas ideias de Verissimo, é a contextualização histórica, a busca dos sentidos originais de alguns conceitos que permitem entender para além das reduções.

Este trabalho buscou entender alguns elementos da construção narrativa do autor, em sua dimensão social, histórica. Não apenas sintoma de determinada época, os textos de Verissimo construíram também esta época, já que seus livros foram selecionados pelos leitores, as ideias que contêm são reproduzidas, integram determinado imaginário.

Como se viu, Antonio Candido cita o neonaturalismo na produção literária brasileira dos anos 30. E este neonaturalismo não é apenas o reavivamento do naturalismo literário do século 19, mas indica reelaborações ao mesmo tempo que aponta estruturas do pensamento ocidental moderno, a começar pela concepção de mundo – e consequentemente, formas de nele intervir – como organismo. Em constante evolução, este organismo distancia-se do ideal igualitário do Iluminismo, bem como de sua geometria. Em oposição a uma sociedade artificialmente organizada, propõe-se uma sociedade que se desenvolveria naturalmente. A consciência desse “devir orgânico” propiciou, entre outras, definições no campo da história, ao mesmo tempo que nas próprias ciências biológicas. É como se a reflexão deixasse de ser feita sobre um mundo com regras matemáticas, dadas a priori para se atingir determinado objetivo, e se passasse à reflexão sobre um mundo em constante evolução, ou seja, mudança. Se havia leis neste mundo, deveriam ser resultado da observação de seu movimento, não de sua imobilização pelo cálculo; no movimento haveria padrões que levariam a leis e teorias. Assim, o pensamento romântico influenciou todas as áreas de atuação humana na virada do século 18 para o século 19 e, uma vez

que não constituía um *corpus* definido, único, teve vários desdobramentos e apropriações.

As noções de organismo e devir alimentaram a ideia de nação, ajustaram a ideia de povo e, conseqüentemente de nacionalidade e nacionalismo. Se as nações eram organismos em evolução, havia que se conhecê-los detalhadamente para orientar seus rumos. A busca pelas leis naturais levou ao experimentalismo; a imagem do cientista como apenas um descobridor começou a ceder espaço para a do inventor. Essas concepções sobre o mundo e as formas de intervenção sobre ele são manifestas também pela literatura.

Ao elaborar literariamente elementos de seu tempo para criar uma nova expressão, Émile Zola entendeu que sua “experimentação” era como a atividade de naturalista, de busca e produção simultâneas de conhecimento sobre o mundo e os homens. O termo *naturalismo* já havia sido utilizado como uma metáfora da atividade do escritor, mas a partir dali passou a designar um tipo de literatura, com um método, o *método experimental*, e mesmo um outro papel para o escritor, que deveria tomar partido em seu mundo. Zola falou do papel do escritor não como um artista guiado exclusivamente pela inspiração, distante das atividades prosaicas do homem, mas como alguém que, através de seu trabalho, permitisse aos seus leitores outras portas de acesso ao mundo. A arte, o conhecimento/a pesquisa e o engajamento se encontraram na produção do autor francês, construindo a imagem do intelectual que participa das principais discussões de seu tempo, fazendo escolhas políticas.

Quando se sublinham aspectos neonaturalistas na literatura do século 20, é possível perceber todos estes elementos não em sua repetição, mas reelaborados, considerados justos para exprimir e construir outra época. A compreensão das origens da literatura naturalista permitiu o maior número de vias de acesso à literatura brasileira dos anos 30, como também ao pensamento de intelectuais, educadores e médicos engajados num projeto para o país – através de projetos de intervenção na sociedade (médicos e educativos) ou através da arte (mais especificamente, da literatura). A análise ultrapassa os limites da produção literária, pois na gênese do naturalismo também se encontram as concepções orgânicas de sociedade, assim como a consciência do devir histórico.

Os autores brasileiros da geração de 30 buscaram vias de expressão de acordo com a realidade em que viviam, nelas incluídos seus projetos artísticos e engajamentos sociais. Que, por sua vez, conviviam com outros projetos e engajamentos, todos partilhando de imagens e linguagem comuns, mesmo que com diferentes objetivos. Assim, é possível entender que, por um lado, a medicina já foi compreendida como ferramenta para se buscar a superioridade racial e para definir um discurso científico único, que desautorizaria qualquer outra forma de se pensar o mundo; mas por outro lado, esta mesma medicina também foi revestida de significados outros, como o de portadora da justiça social.

André Strauss, do Laboratório de Estudos Evolutivos da USP, e Ricardo Waizbort, da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, chamam a atenção para a necessidade de se compreender corretamente as teorias e os conceitos científicos do século 19, o que para eles não ocorre com frequência em trabalhos das ciências sociais e humanas. A prática gera mal-entendidos interpretativos, comparações errôneas e definições baseadas muito mais na opinião que no entendimento efetivo.⁸³

Assim, *curar o meio* é uma imagem que passou a ter mais de um sentido – é preciso entender de que referenciais surge e ao que se dirige. Tanto se referiu às pessoas definidas por médicos como “incapazes de viver” quanto designou a necessidade de justiça social – pois a desigualdade também já foi entendida como desequilíbrio orgânico. A medicina poderia restaurar o equilíbrio. Esta ideia, presente nos textos de Émile Zola e nos de Erico Verissimo, não foi apenas uma apropriação de imagens do século 19, mas foi atualizada nos anos 30 porque ainda possuía um sentido forte, já que grande parte da população brasileira sofria com epidemias, endemias e a falta de políticas públicas de saúde eficazes; experiências cuja representação encontrou nas imagens médicas e orgânicas a justa expressão.

Além disso, constata-se que temas da ciência e da medicina chegaram ao público leigo muito mais pelo romance, por almanaques e pela imprensa do que pelos manuais e tratados científicos – esses, de alcance mais limitado, produzidos para um público específico, de especialistas e profissionais da área. A matéria-

⁸³ STRAUSS, André e WAIZBORT, Ricardo. *Sob o signo de Darwin? Sobre o mau uso de uma quimera*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 23, n. 68, outubro/2008. p. 125-134.

prima da literatura é a mesma que a das outras ciências, guardadas as proporções dos recortes, objetivos, abordagens. Os temas da literatura alcançaram os leitores da mesma forma que os temas da história e da biologia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Lúcia (orgs.). *Civilização e exclusão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

ALENCASTRO, Luiz Filipe de (org.) *História da vida privada no Brasil*. vol. 2 – Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ALVES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu*: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris: Editions du Seuil, 2001.

BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno*. volume II: Séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, s/d.

BECKER, Colette. *Zola: le saut dans les étoiles*. Paris: Presse de la Sorbonne Nouvelle, 2002.

BERBERI, Elizabete; RORIGUES, Marília Mezzomo. *A urbs viciosa*: a crônica está além da notícia. *Monumenta*. Curitiba, v. 1, n. 2, outono de 1998.

BRESCIANI, Maria Stella M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*; Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. 2 ed. revista. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

BONEMY, Helena (org.). *Constelação Capanema*: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.

_____. (org.). *Liberdade de escrever*, entrevistas sobre literatura e política. Coleção Engenho e Arte, 4. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Edipucrs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil*: a nação em busca dos seus portadores sociais. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1988.

As regras da arte. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 9 ed. Campinas: Papirus, 2008.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

BURKE, Peter. *Línguas e jargões*. Contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: Unesp, 1997.

____ e PORTER, Roy (orgs.). *Linguagem, indivíduos e sociedade*. São Paulo: Unesp, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira*. 3 ed. ver. autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

____. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. rev. autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

____. *O discurso e a cidade*. 3 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.

____. *O observador literário*. 3 ed. ver e ampliada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARVALHO, José. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*; introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*. Origens e unidade. v. 2. São Paulo: EDUSP, 1999.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*; as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril*; cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

____. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

____ e PEREIRA, Eduardo A. M (org.). *A história contada*; capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALMERS, Alan. *A fabricação da ciência*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1994.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Saga: um testemunho humanista*. In: VERISSIMO, Erico. *Saga*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. Lisboa: DIFEL, 1990.

DE DECCA, Edgar S & LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas margens*. Outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp/Ed. da Universidade – UFRGS, 2000

DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer; a sexualidade através da leitura no início do século*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1999.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura; uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

DURKHEIM, Emile. *L'évolution pédagogique em France*. Paris: Quadrige/ Presses Universitaires de France, 1999.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v.1.

FAURE, Olivier. *Les français et leur médecine au XIX^e siècle*. Paris: Belin, 1993.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 49 ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Sobrados e mucambos*. 14 ed. ver. São Paulo: Global, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

_____. *O nascimento da clínica*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

GAY, Peter. *O coração desvelado; a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força*. História, retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *Olhos de madeira*. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. *Nenhuma ilha é uma ilha*. Quatro visões da literatura inglesa. São Paulo, Cia das Letras, 2004.

HALLEWEL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed., revisada e ampliada. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2005.

HAMBURGER, Amélia Império (org.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

HAMON, Philippe. *Imageries; littérature et image au XIXe siècle*. Edition revue et augmentée. Paris: Librairie José Corti, 2001.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *A invenção do Brasil moderno: educação, medicina e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *A era do capital*. 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *A era dos extremos*. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *A era dos impérios*. 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *Nações e nacionalismo; desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *Tempos interessantes*. Uma vida no século XX. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

HOHLFELDT, Antônio. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Tchê!, 1984.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: Editora Hucitec ANPOCS, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

JOSEPHSON, Matthew. *Zola e seu tempo*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1958.

KHUN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAVIELLE, Véronique et al. *Dictionnaire d'Émile Zola*; as vie, son oeuvre, son époque. Paris: Éditions Robert Laffond, 1993

LOMBARDO, Patrizia. Hippolyte Taine ou la critique sans l'art. Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises. 1985. v. 37, n. 37. p. 179-191.

LORENZO, Helena Carvalho e COSTA, Wilma Peres. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

MACHADO, Roberto et al. *A danação da norma*; medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MITTERRAND, Henri. *La vérité en marche*. Paris: Gallimard, 2002.

MORGAN, Owen e PAGÈS, Alain. *Guide Emile Zola*. Paris: Ellipses, 2002.

MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Febvre*; história. v. 2. Grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1978.

NADEAU, Maurice. Préface et notes; In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Editions Rencontre, 1965.

NEVES, Margarida de Souza et al. (orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC Rio/Edições Loyola, 2001.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

PESAVENTO, Sandra (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade. UFRGS, 2000.

_____. et al. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAUCH, André. *Le souci du corps* ; Histoire de l'hygiène en éducation physique. Paris : Presses Universitaires de France, 1983.

ROULLET, Michèle. *Les manuels de pédagogie, 1880-1920*. Paris : Presses Universitaires de France, 2001.

RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A prevenção da decadência*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

ROSENFELD, Denis L. *Descartes e as peripécias da razão*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

SÁ, Dominichi M. *A ciência como profissão; médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANTOS, R. A. Quem é bom já nasce feito? Uma leitura do eugenismo de Renato Kehl. *Revista Intellectus*. Ano 04. v. II, 2005.

SAINT-SERNIN, Bertrand. *A razão no século XX*. Brasília/Rio de Janeiro: UnB/José Olympio, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das letras, 1992.

_____ (org.) *História da vida privada no Brasil*. vol 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHNEIDER, Alberto. *Silvio Romero, hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? : ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SKORUPA, Francisco. *Viagem às letras do futuro; extratos de bordo da ficção científica brasileira. 1947-1975*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Panorama do segundo Império*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia; raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TEIXEIRA, Aloísio (org.). *Utópicos, heréticos e malditos; os precursores do pensamento social de nossa época*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

THIELEN, Eduardo V. et alii. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2002.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. *Cultura e sociedade*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1969.

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

Artigos

BORDINI, Maria da Glória. Memórias de formação do escritor no acervo literário de Erico Verissimo. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25. maio-ago 2008. p. 95-108. Disponível em <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>

BASTOS, Maria Helena C. e STEPHANOU, Maria. Infância, Higiene & Educação. 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. *40 Anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 1-15.

BUENO, Luis. Nação, nações: os modernistas e a geração de 30. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n. 7, pp. 83-97.

CAROL, Anne. La télégonie, ou les nuances de l'hérédité féminine. In *Rives nord-méditerranéennes*, 24-2006 - *Hérités, héritages*, [En ligne], mis en ligne le : 29 décembre 2008. Disponível em <<http://rives.revues.org/document550.html>>

CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e casamento. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. vol. 10(3): 901-30, set.-dez. 2003.

DUARTE, Luís Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 19, n. 55, junho/2004. pp. 5-19.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Erico Verissimo e a literatura infantil: *Gente e Bichos*. *Cienc. let.*, Porto Alegre, n. 38, p. 163-8, jul-dez 2005. Disponível em <<http://www.fapa.com.br/cienciaseletras/publicacao.htm>>

GOMES, Ângela de Castro. *As aventuras de Tibicuera*; literatura infantil e História do Brasil na Era Vargas. Disponível em <http://www.unesp.br/propp/palestra_pibic.htm>

MENESES, Ulpiano Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, pp. 11-36, 2003.

PEREIRA, Patrícia do Carmo. Diferenças individuais, temperamento e personalidade; importância da teoria. *Estudos de Psicologia*, PUC-Campinas, v. 19. n. 1, p. 91-100. janeiro/abril 2002.

PINA, Sandra. *Quadrinhos: um centenário juvenil*. Disponível em <http://www.fundacaoastrojildo.org.br/index.asp?opcao=mostra_noticia&id=492>

SANTOS, Ricardo Augusto e THIELEN, Eduardo Vilela. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. vol. 9. n. 2. Rio de Janeiro, maio/ago. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000200008&lng=en&nrm=iso>

SILVA, M. V. Detritos da civilização: eugenia e as cidades no Brasil. *Arquitextos*. Texto especial 235 – maio 2004. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp235.asp>>

STRAUSS, André e WAIBORT, Ricardo. *Sob o signo de Darwin? Sobre o mau uso de uma quimera*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 23, n. 68, outubro/2008. p. 125-134.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100006&lng=en&nrm=iso>.

ZILBERMAN, Regina. Erico Verissimo em Portugal – 1959. *Trice Versa*. *Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Lingüísticos e Culturais*. Assis. v. 1, n. 1, maio-out 2007. pp. 115-128. Disponível em <<http://www.assis.unesp.br/cilbelc/Regina%20Zilberman%20II.pdf>>

Cadernos e revistas

Cadernos de literatura brasileira. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003.

História, Ciência, Saúde. Dossiê Sanitarismo e Interpretações do Brasil. vol 16, supl. 1, Rio de Janeiro, jul. 2009.

Dissertações e teses

BALZAN, Carolina Fior Postingher. *Carl Winter, um alemão em Santa Fé*. Dissertação (Mestrado). Caxias do Sul: UCS, 2008.

ESPINOSA, Flaviana Fontoura. *De ficção e de heróis: romances políticos de Erico Verissimo*. Dissertação (Mestrado). Santa Maria: UFSM, 2004.

FAURI, Ana Letícia. *O pensamento político de Erico Verissimo*; questões de identidade e ideologia. Tese (Doutorado). Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

LORENZI, Anabel. *Clarissa, Fernanda e Olívia*: três caminhos que se cruzam. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUC-RS, 2001.

NEVES, Márcia. *Nina Rodrigues*: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). São Paulo: PUC SP, 2008.

PINTO NETO, Pedro da Cunha. *Ciência, literatura e civilidade*. Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2001.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura Infantil, História e Educação*: um estudo da obra Cazuza de Viriato Corrêa. Campinas: UNICAMP, 2001.

SANTOS, Robson. *Literatura em fragmentos*. História, política e sociedade nas crônicas de Graciliano Ramos. Dissertação (Mestrado). Campinas: UNICAMP, 2006.

Sites

Biblioteca Casa de Oswaldo Cruz

< <http://www.coc.fiocruz.br/biblioteca/biblio.htm>>

Biblioteca Virtual Anísio Teixeira <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/index.html>>

Bibliothèque Nationale de France <<http://www.bnf.fr/>>

Bibliothèque Centre Pompidou

< http://www.bpi.fr/recherche_documentaire.jsp?lang=FR>

Fundação Astrojildo Pereira < <http://www.fundacaoastrojildo.org.br>>

Fundação Biblioteca Nacional <<http://www.bn.br/portal/>>

FGV/CPDOC <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>

Fundação Oswaldo Cruz <<http://www.fiocruz.br>>

InfoScience <<http://www.infoscience.fr>>

Memória Viva <<http://memoriaviva.digi.com.br/omalho/>>

The Alfred Dreyfus Collection: Drawing on History

<<http://terpconnect.umd.edu/~cseay/dreyfus/index.html>>

FONTES

Livros de Erico Verissimo

As aventuras de Tibicuera. 32 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

As mãos do meu filho. Porto Alegre: Meridiano, 1942.

Aventuras no mundo da higiene. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

Caminhos cruzados. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p. 12.

Clarissa. 39 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.

Fantoches. Ed. fac-similada comemorativa aos quarenta anos de atividades literárias do autor. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

Música ao longe. 31 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.

Olhai os lírios do campo. São Paulo: Circulo do Livro, 1978.

O resto é silêncio. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

O Tempo e o Vento – parte I: O Continente. 2 v. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Saga. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

Solo de clarineta. Memórias. v. 1. Porto Alegre: Globo, 1974.

Solo de clarineta. Memórias. v. 2. Segunda parte póstuma, organizada por Flávio Loureiro Chaves. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

Um lugar ao sol. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

Viagem à aurora do mundo. Porto Alegre: Editora Globo, 1962. p. 223.

Livros de Émile Zola

Deux définitions du romam. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome X. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Germinal. *Les Rougon-Macquart*, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome V. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

La bête humaine. *Les Rougon-Macquart*, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome VI. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

La Fortune des Rougons. *Les Rougon-Macquart*, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome II. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Le Docteur Pascal. *Les Rougon-Macquart*, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome VI. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Le roman experimental. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome X. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Thérèse Raquin. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome I. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Fontes diversas

Literatura

ANDRADE, Mário de. *Namoros com a medicina*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Editions Rencontre, 1965.

HUYSMANS, J. K. *Às avessas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1971.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p. 88.

RIBEIRO, Júlio. *A carne*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

Biologia e medicina

ASSISTENCIA Á INFANCIA. *Hygiene Infantil às mães pobres*. Conferencias realizadas no Dispensário Moncorvo pelos Drs. Moncorvo Filho, Nascimento Gurgel, Leão de Aquino, Jefferson de Lemos, Luiz Bulcão, Leonel Rocha, Alvaro Guimarães, Eduardo Meirelles e Cirurgião Dentista M. Penido. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

BERNARD, Claude. *Introduction a l'étude de la médecine expérimentale*. 3 ed. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1912.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

____. *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: Hemus, 2002.

DOMINGUES, Octavio. *A hereditariedade em face da educação*. Coleção Biblioteca da Educação. 2 ed. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1929.

HUXLEY, T. H. *Les problèmes de la biologie*. Paris: Librairie J.-B. Baillière et fils, 1892.

KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. 2a ed., Livraria Francisco Alves, 1935.

LUCAS, Prosper. *Traité philosophique et physiologique de l'hérédité naturelle*. Tome Second. Paris: Librairie de l'Académie Nationale de Médecine, 1850.

MONCORVO FILHO, Arthur. *Hygiene infantil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918.

PENNA, Belisário. *O saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunais, 1918.

PEIXOTO, Afrânio. *Elementos de Hygiene*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

____. *Noções de higiene*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.

Filosofia, sociologia e história

HERDER, J. G. *Une autre philosophie de l'histoire pour contribuer à l'éducation de l'humanité*. Paris: Aubier Éditions Montaigne, 1964.

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

____. *A mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

____. *História da Revolução Francesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

____. *O povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SPENGLER, Oswald. *O homem e a técnica; uma contribuição à filosofia da vida*. Porto Alegre: Edições Meridiano, 1941. p. 128-9. Tradução de Erico Verissimo.

TAINE, Hyppolite. *Essais de critique et d'histoire*. Paris: Librairie Hachette, 1923.

Didáticos

ALMEIDA JR, A. *Cartilha de Hygiene*; para uzo das Escolas Primarias. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.

BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias. 37 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1950.

CASTRO, Josué e MEIRELLES, Cecilia. *Festa das Letras*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

KEHL, Renato. *Cartilha de higiene*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1936.

Fontes consultadas não citadas no texto da tese

- Erico Verissimo

Gato preto em campo de neve. 3 ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

Gente e bichos. São Paulo: Globo, 1996.

Incidente em Antares. São Paulo: Globo, 1988.

O Tempo e o Vento – parte II: O retrato. 2 v; parte III: O arquipélago. 3 v. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Um certo Henrique Bertaso. Porto Alegre: Globo, 1972.

- Émile Zola

Fécondité. Les évangiles. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome VIII. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

L'argent. Les Rougon-Macquart, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome VI. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

L'assomoir. Les Rougon-Macquart, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome III. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

La débâcle. Les Rougon-Macquart, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome VI. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Nana. *Les Rougon-Macquart*, histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome IV. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Travail. *Les Quatre Évangiles*. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome VIII. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

Vérité. *Les Quatre Évangiles*. Oeuvres complètes d'Emile Zola, Tome VIII. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

- Outros

AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1978.

BARRETO, J. A. Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1974.

COMTE, Auguste. *Catéchisme positiviste*. Paris: Imprimerie Larousse, 1890.

_____. *Cours de philosophie positive*. Tome I. Paris: Librairies Garnier Frères, s/d.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1950.

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil*; problema vital. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. Prefácio e entrevistas. São Paulo: Brasiliense, 1956.

MOACYR, Primitivo. *A Instrução e as Províncias*; subsídios para a historia da educação no Brasil. v. 1. Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. *A Instrução e as Províncias*; subsídios para a historia da educação no Brasil. v. 2. Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. *A Instrução e as Províncias*; subsídios para a historia da educação no Brasil. v. 3. Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SALGADO, Plínio. *O estrangeiro*. São Paulo: Companhia Editora Panorama, 1948.

- Periódicos

Revista *A Nove/a*. n. 22. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1938.

- Entrevistas

MIRANDA, Ruy Noronha. Entrevistas concedidas à autora em 03/02/2004 e 10/03/2004, na sede da Fundação Pró-Hansen, em Curitiba.

ANEXOS



Figura 1. Mafalda, Erico e os filhos Luis Fernando e Clarissa (1938).

Fonte: *Cadernos de literatura brasileira*. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003.



Figura 2. Erico Verissimo na PRH-2, Rádio Sociedade Farroupilha (sem data).

Fonte: Caros Ouvintes <<http://www.carosouvintes.org.br>>



Figura 3. Clarissa e Luis Fernando Verissimo (1940)

Fonte: *Cadernos de literatura brasileira*. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003. p. 12



Figura 4. *O Tico-Tico*, década de 1920.

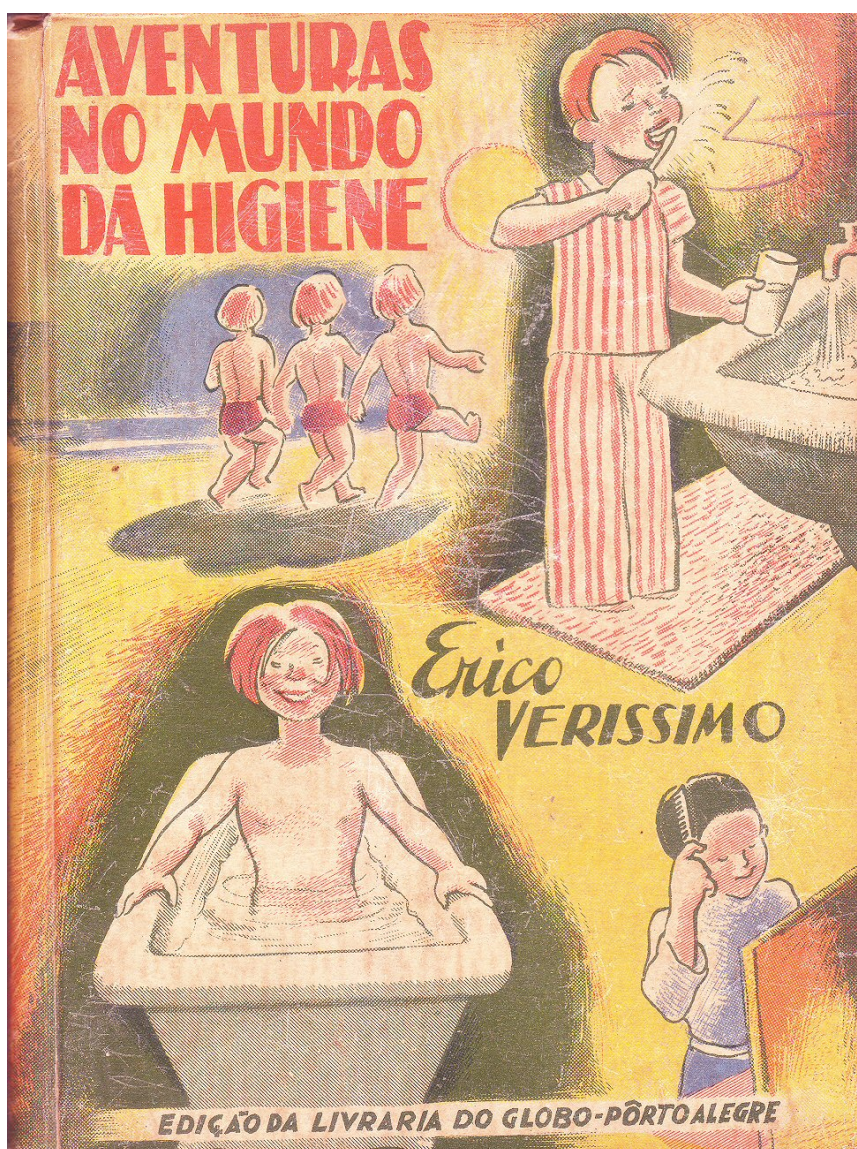


Figura 5. *Aventuras no mundo da higiene*, de Erico Verissimo, publicada em 1939.

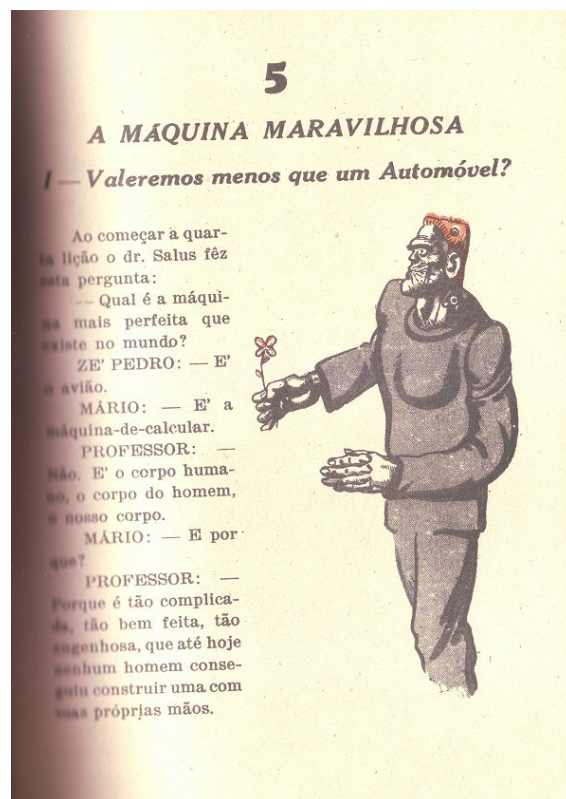
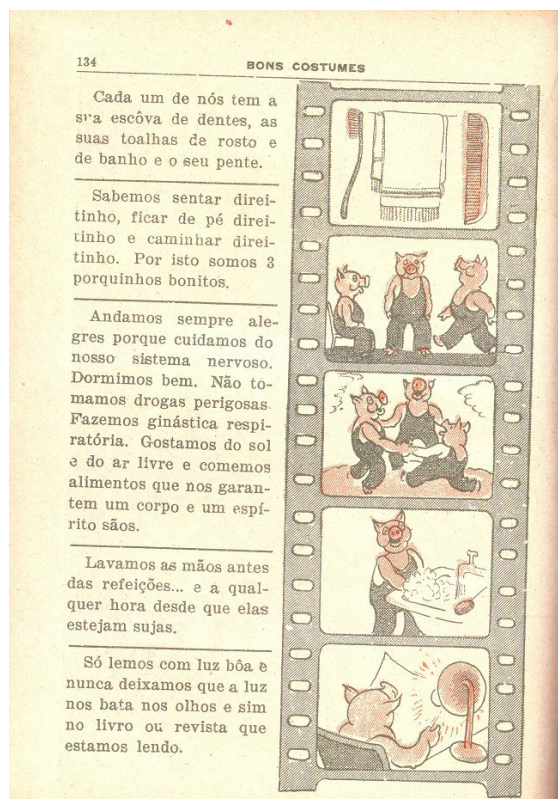
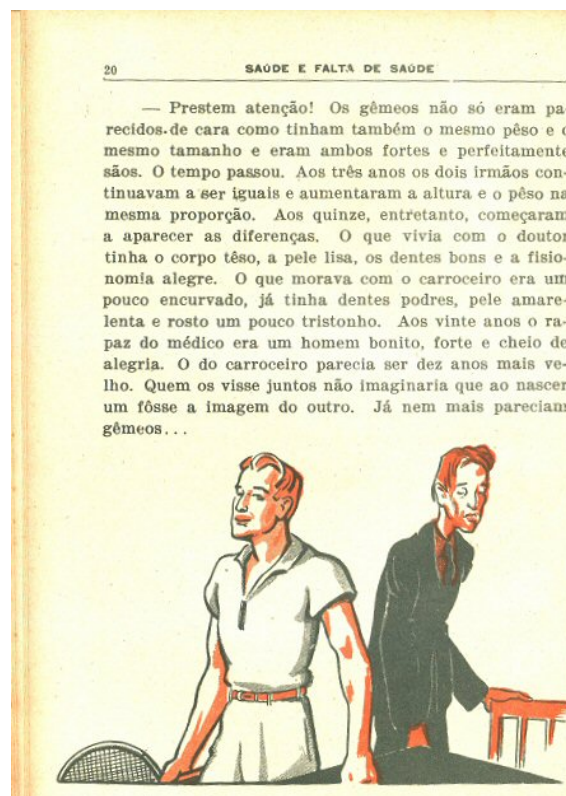
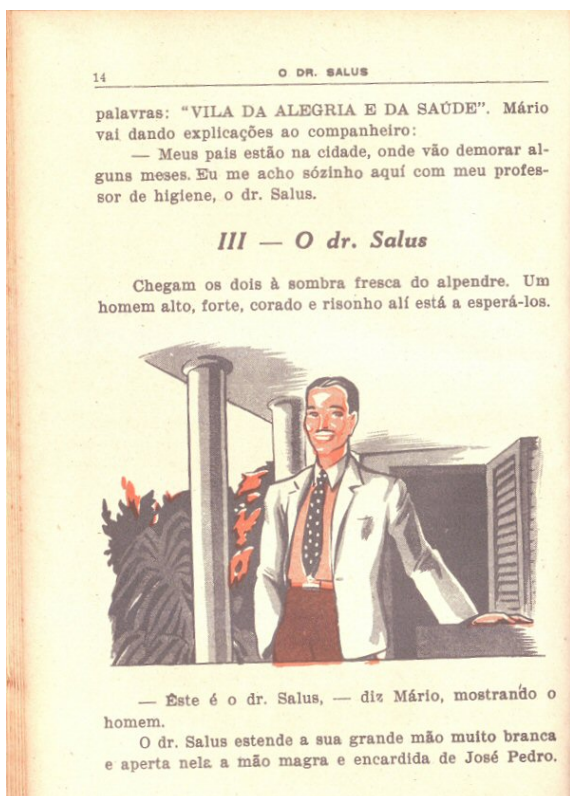


Figura 6. Páginas de *Aventuras no Mundo da Higiene* (1939)

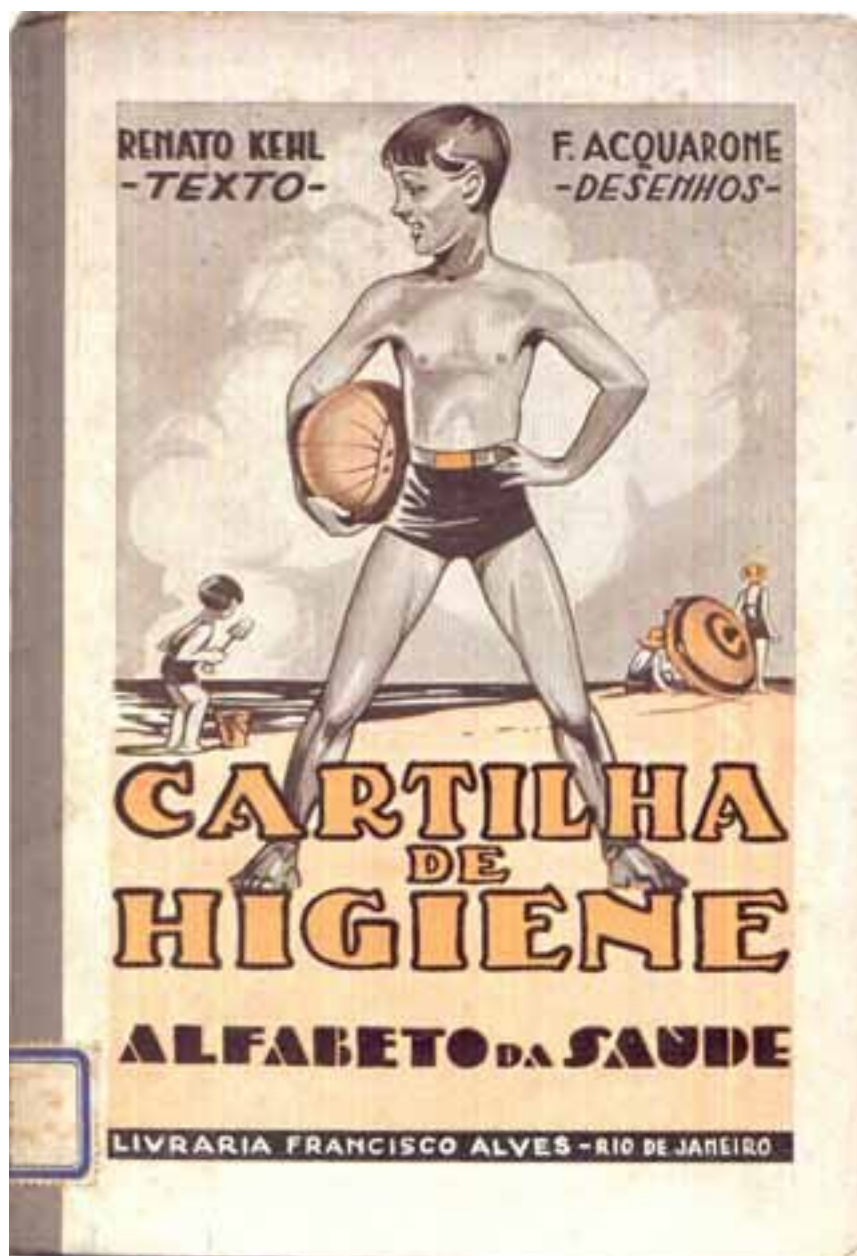


Figura 7. *Cartilha de Higiene – Alfabeto da Saúde*, do médico Renato Kehl (1936).

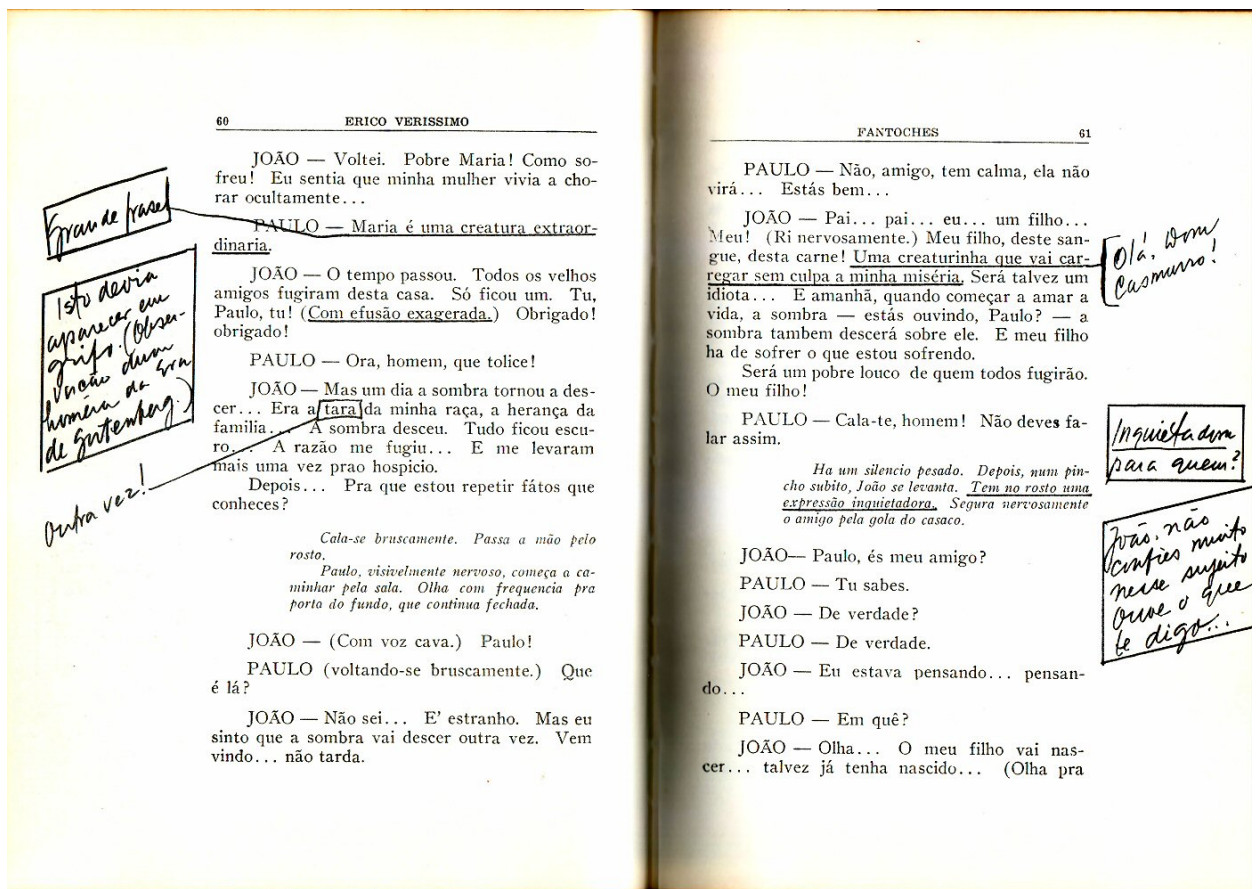
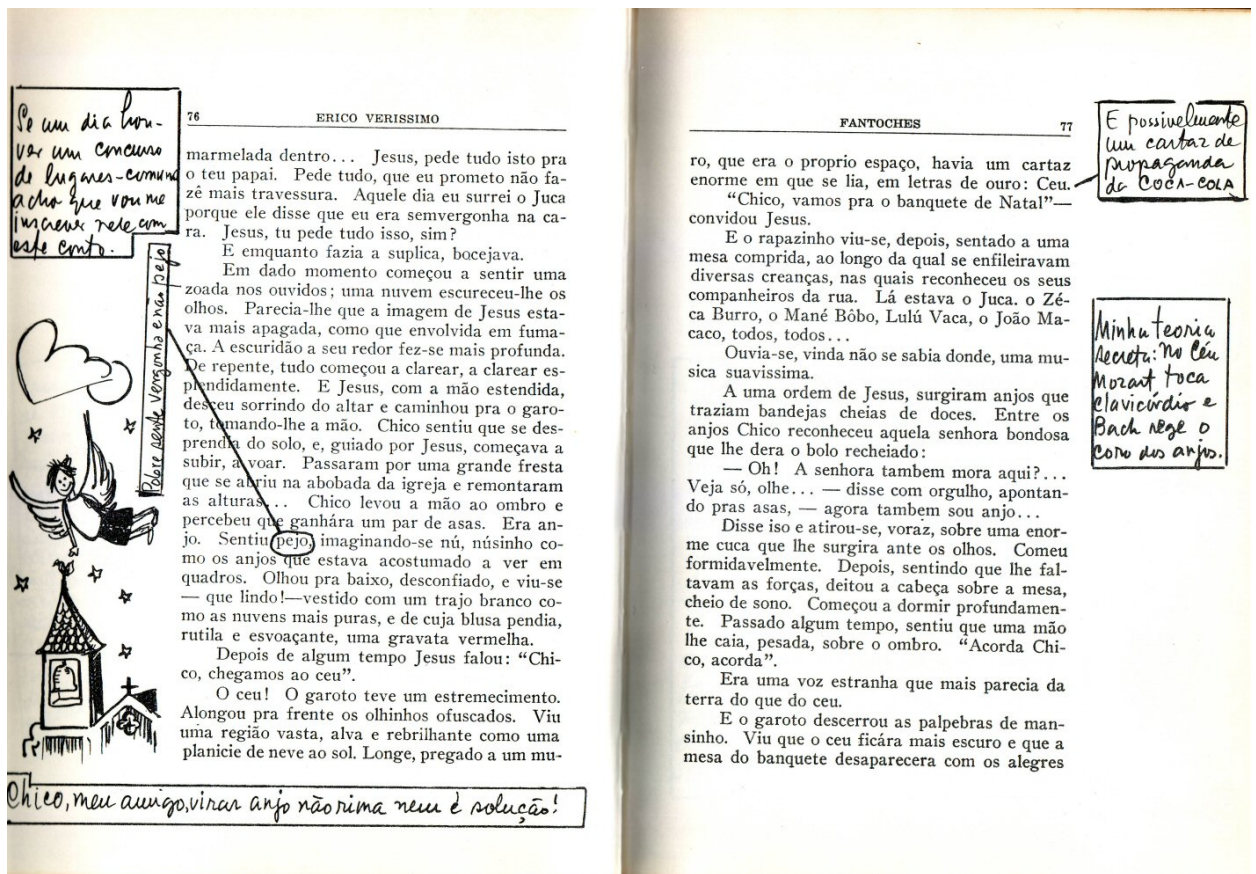


Figura 8. Páginas de *Fantoques*. Edição de 1972, fac-similada do livro publicado em 1932, com comentários e desenhos do autor.

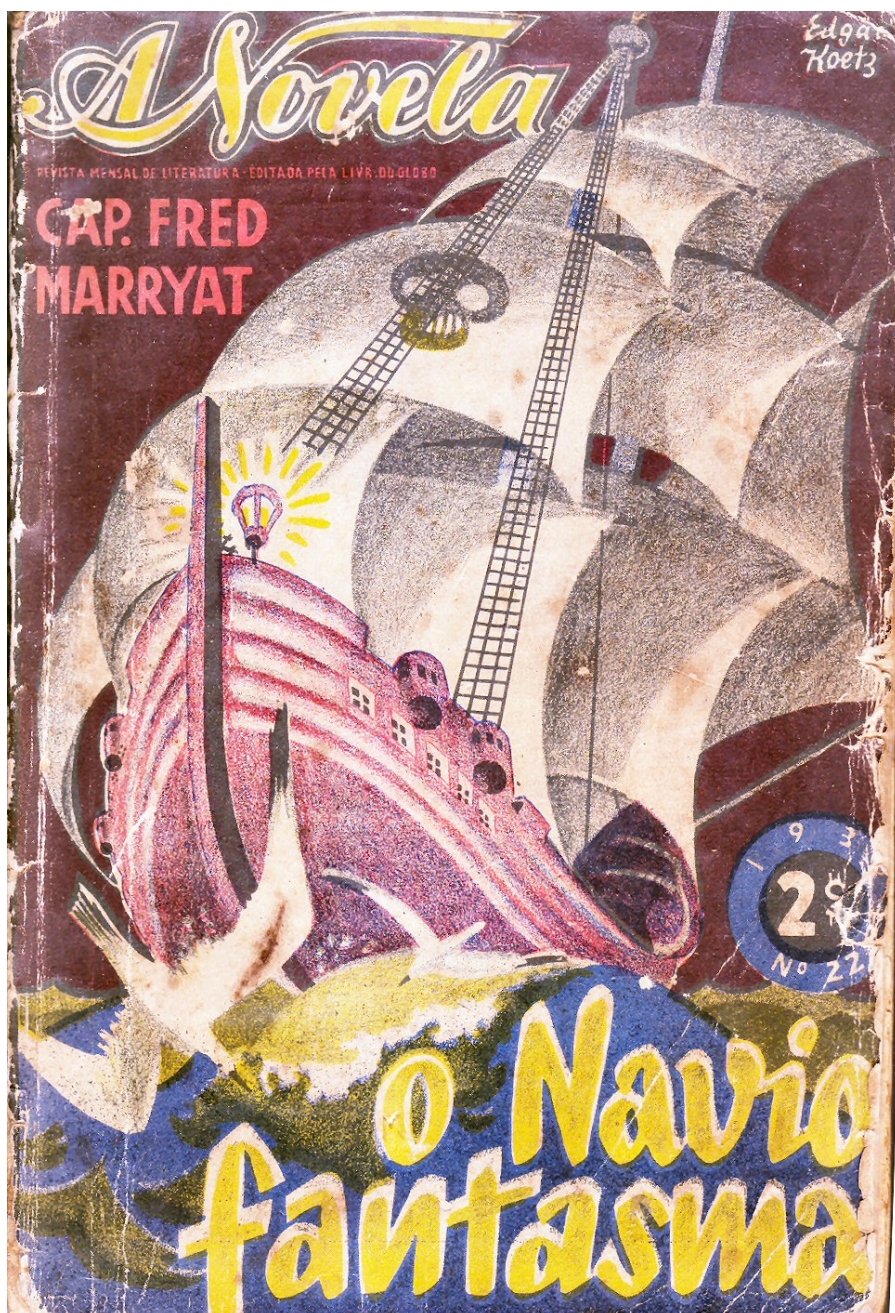


Figura 9. Revista *A novela* (jul. 1938), publicada pela Livraria do Globo, sob a direção de Erico Verissimo.

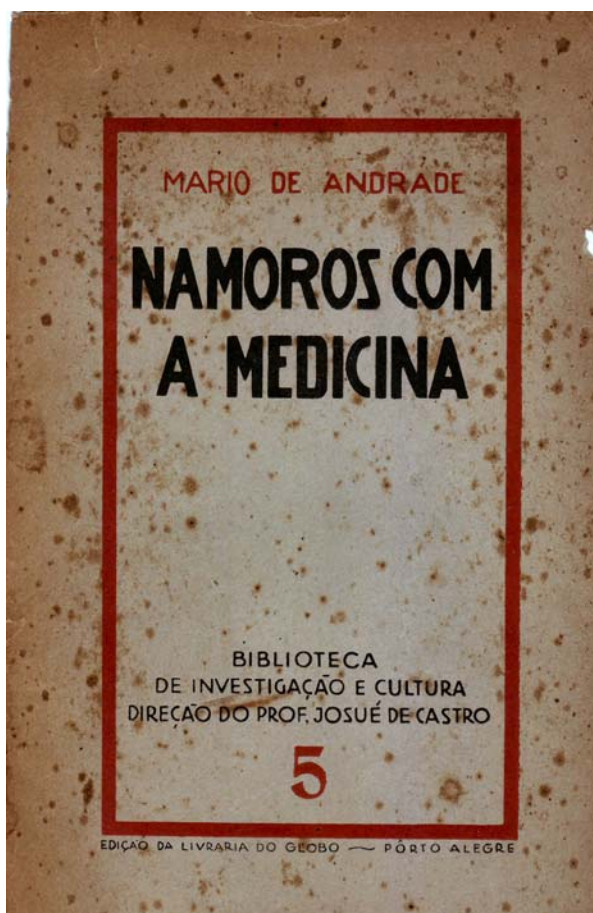


Figura 10. *Namoros com a medicina*, de Mario de Andrade, publicado em 1939 pela Livraria do Globo, sob a direção de Josué de Castro.



Figura 11. *O homem e a técnica*, de Oswald Spengler. Publicado pela Meridiano (subsidiária da Globo), em 1941, com tradução de Erico Verissimo.



Figura 12. Erico Verissimo regula sua máquina fotográfica. Porto Alegre, 1974

Fonte: *Cadernos de literatura brasileira*. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003.



Figura 13. Fazenda Jatobá (BA), 1912.



Figura 14. Distribuição de água. Estrada de Ferro do S. Francisco, Itumirim (BA), 1912.

Fonte: THIELEN, Eduardo (org.). *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2002.



Figura 15. Carlos Chagas (ao centro) e membros da expedição sanitaria. São Gabriel, Rio Negro (AM), 1913.



Figura 16. Acampamento em Caldeirão (PE), 1912. À direita, o higienista Arthur Neiva.

Fonte: THIELEN, Eduardo (org.). *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2002.



Figura 17. Belisário Penna (sentado na rede) dando consultas. Lages (PI), 1912.



Figura 18. Escola mantida pela iniciativa privada em Raimundo Nonato (PI). 1912.

Fonte: THIELEN, Eduardo (org.). *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2002.



Figura 19. O médico Belisário Penna detido no quartel do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, durante a revolta tenentista contra Arthur Bernardes. A seu lado, a esposa Mariquinhas. 1924

Fonte: SANTOS, R. A. e THIELEN, E. V. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. vol. 9. n. 2. Rio de Janeiro, 2002.



Figura 20. O médico eugenista Renato Kehl.

Fonte: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.



Figura 21. O médico e antropólogo Edgar Roquette-Pinto.

Fonte: CPDOC/FGV
< <http://www.cpdoc.fgv.br> >



Figura 22. O médico Claude Bernard.

Fonte: *Le roman expérimental. Oeuvres complètes* d'Emile Zola, Tome X. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968.

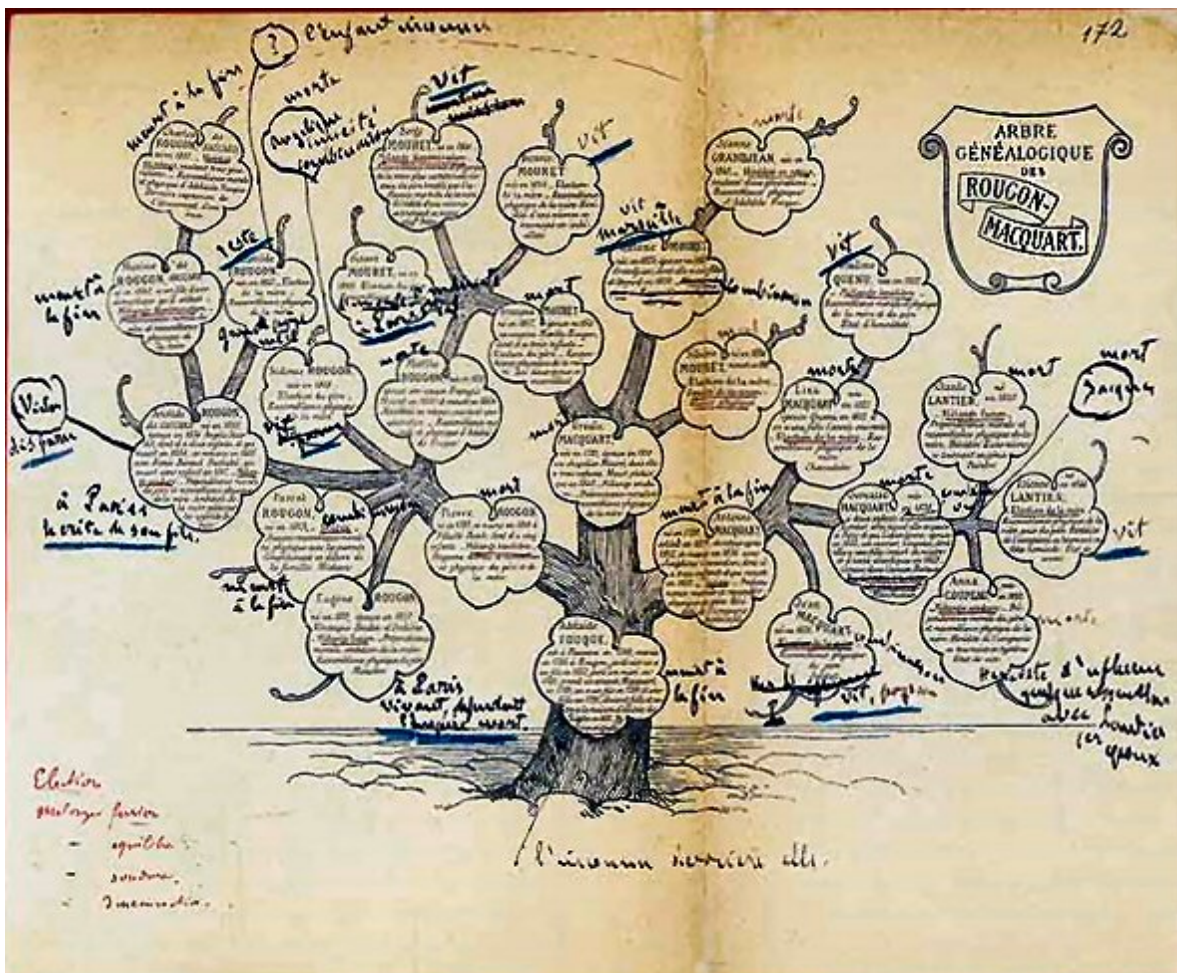


Figura 23. A árvore genealógica dos Rougon-Macquart.

Fonte: Exposição virtual Zola – Bibliothèque Nationale de France
< <http://expositions.bnf.fr/Zola/grand/z075.htm> >

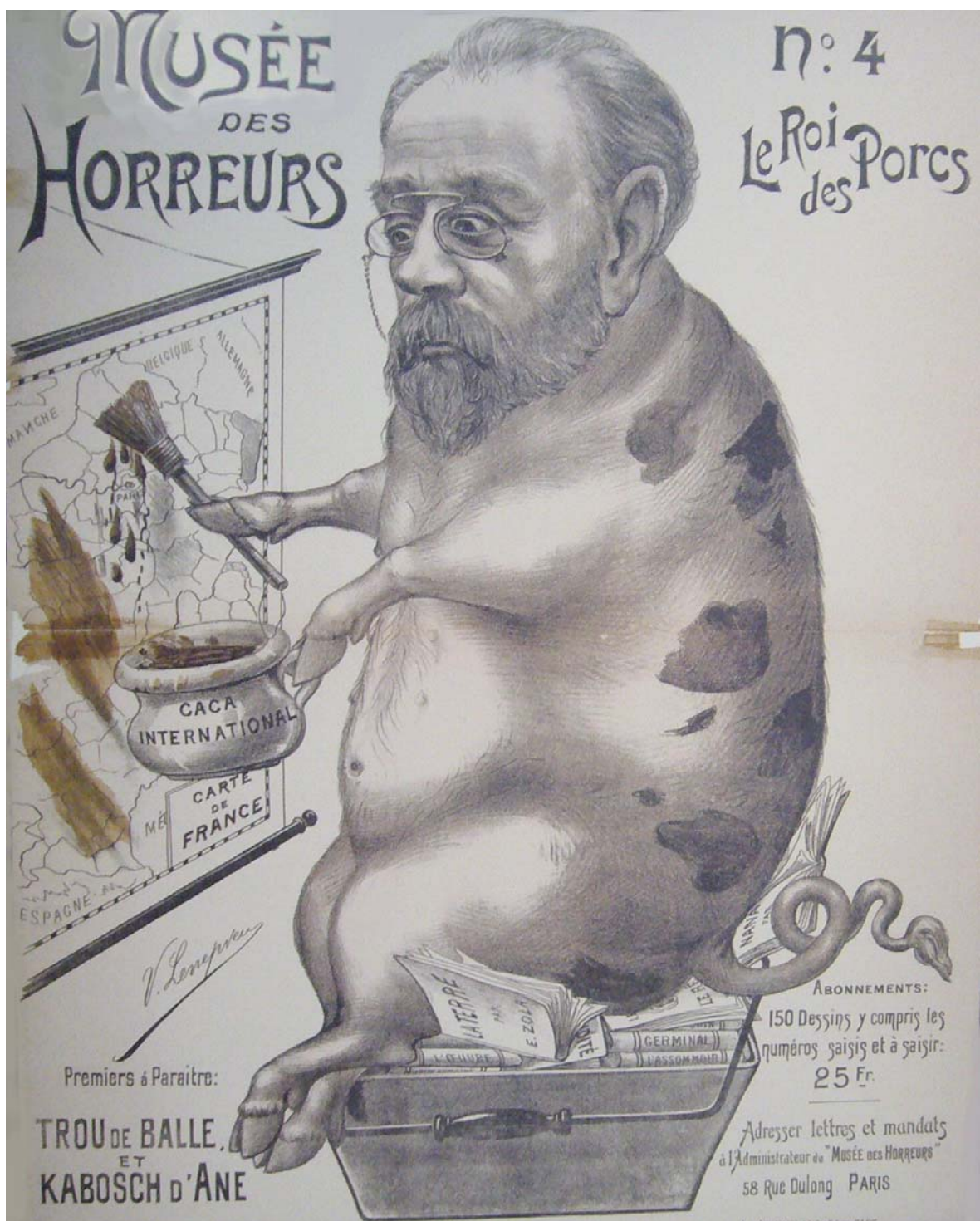


Figura 24. Fac-símile de *Musée des Horreurs*, nº 4, 1899. Zola, o rei dos porcos.

Acervo: Casa de Émile Zola, Médan, França.



Figura25. *Clochard* (Mendigo) – fotografia de Eugène Atget, 1899.

Fonte: Exposição virtual *Atget* – Bibliothèque Nationale de France
<http://expositions.bnf.fr/atget/feuille/06.htm>

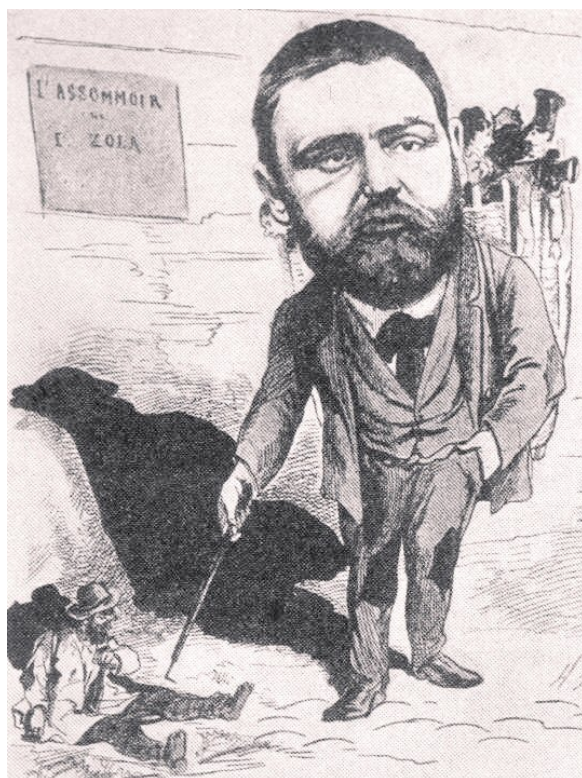


Figura 26. Caricatura de Zola e sua “matéria-prima” (s/d).

Fonte: MITTERRAND, Henri. *La vérité en marche*. Paris: Gallimard, 2002.



Imagem 27. Émile Zola e os filhos Denise e Jacques.

Fonte: Galerie du Château d'Eau

< <http://www.flickr.com/photos/lechateaudeau/sets/72157616164154121/>>



Imagem 28. Zola observa líquido revelador de fotografias. O escritor produziu 7000 clichês fotográficos em 7 anos.

Fonte: BECKER, Colette. *Zola: le saut dans les étoiles*. Paris: Presse de la Sorbonne Nouvelle, 2002.